支倉凍砂
Isuna Hasekura
Merchant meets spicy wolf.
狼と香辛料
Side Colors VII
電撃文庫

Spice & Wolf

NOVEL JP

VOLUME

VII

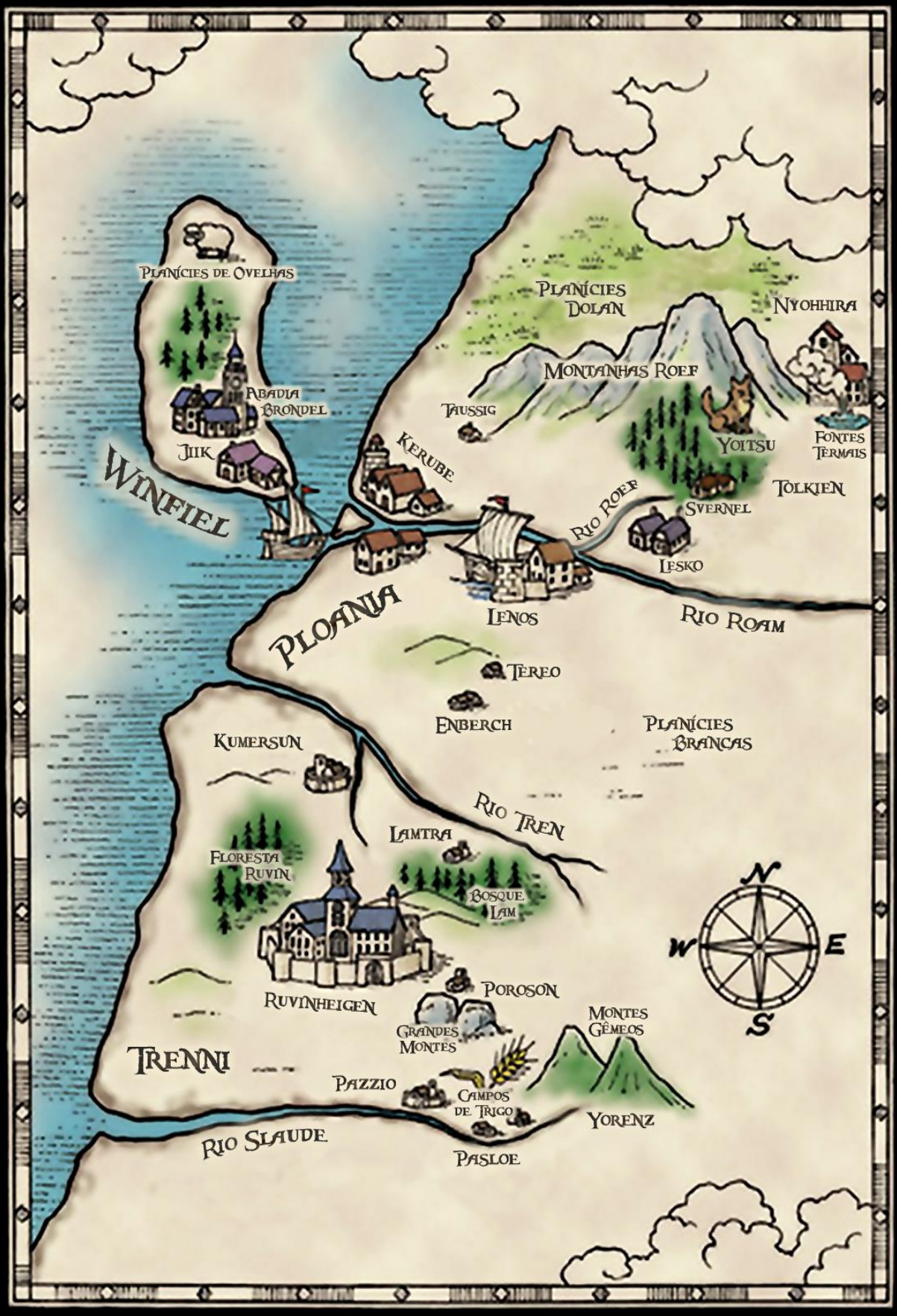
Isuna Hasekura

ILUSTRAÇÕES POR

Juu Ayakura

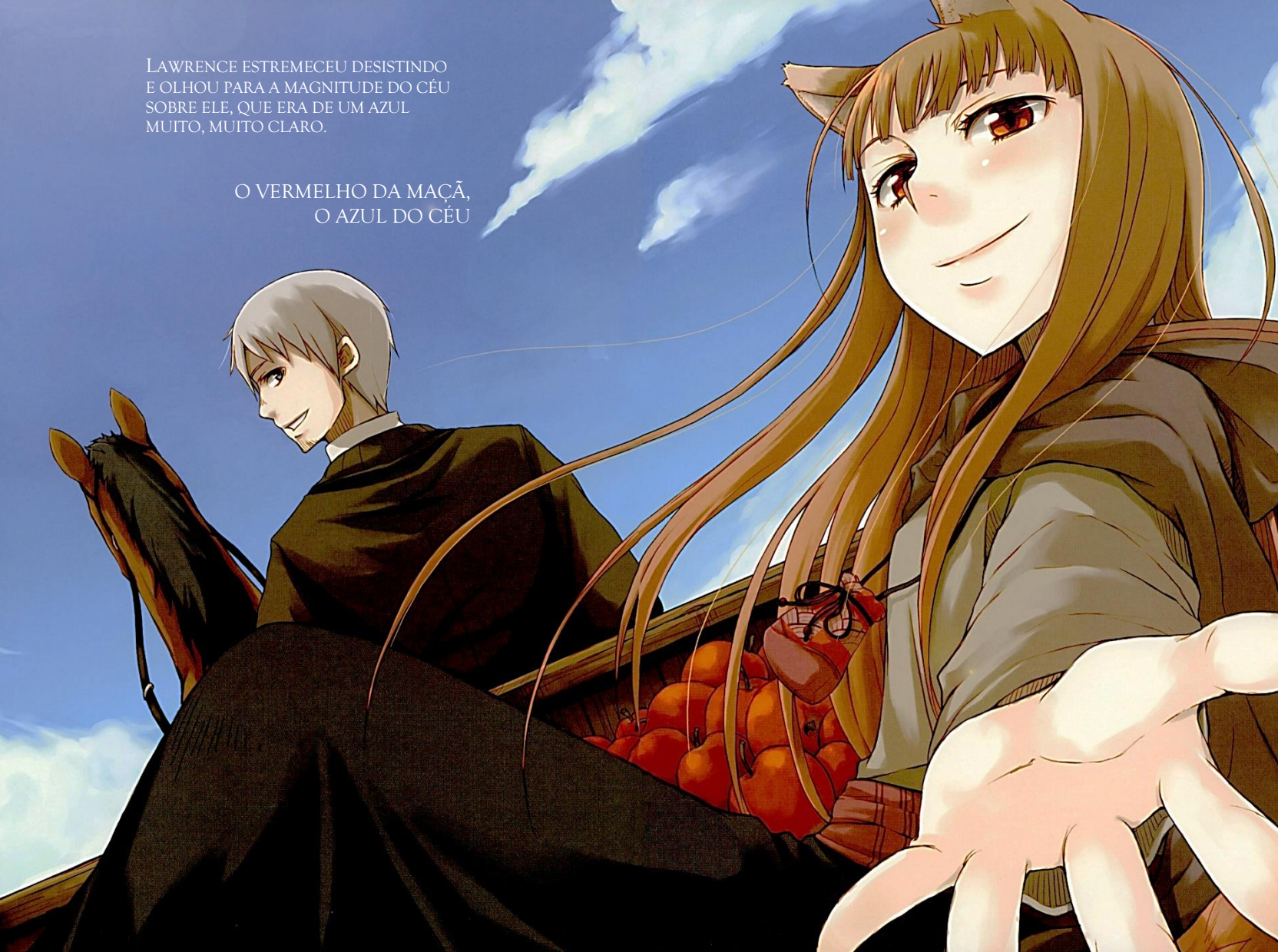
PUBLICADO
10.02.2008

Em uma pausa nas aventuras em curso de Lawrence e Holo, o autor, Isuna Hasekura, apresenta *Side Colors*, uma série de histórias curtas focadas nos personagens favoritos da saga.


Planícies de Ovelhas
Abadia Brondel
Jiik
Winfiel
Kerube
Taussig
Planícies Dolan
Montanhas Roef
Nyohhira
Fontes Termais
Yoitsu
Tolkien
Svernel
Rio Roef
Lesko
Lenos
Rio Roam
Ploania
Tereo
Enberch
Planícies Brancas
Kumersun
Rio Tren
Lamtra
Floresta Ruvin
Bosque Lam
Ruvinheigen
Poroson
Grandes Montes
Montes Gêmeos
Trenni
Pazzio
Campos de Trigo
Yorenz
Rio Slaude
Pasloe
N
W
E
S

SIDE COLORS

O GAROTO, A GAROTA E AS FLORES BRANCAS


Lawrence estremeceu desistindo e olhou para a magnitude do céu sobre ele, que era de um azul muito, muito claro.
O VERMELHO DA MAÇÃ,
O AZUL DO CÉU

A LOBA E A MELANCOLIA ÂMBAR

Sumário

O garoto, a garota e as flores brancas 11
O vermelho da maçã, o azul do céu 139
A loba e a melancolia âmbar 173
Posfácio 217
Extras 220

O garoto, a garota e as flores brancas

Klass se sentou em uma rocha plana à beira da estrada, logo após uma pequena colina.

Sem nada para obstruir a visão, ele podia ver várias trilhas em todas as direções, apesar da colina não ser particularmente grande.

As coisas pareciam iguais em todas as direções e, embora ele tivesse ouvido que a estrada continuava até o mar, ele não conseguia ver nada além de um rio.

Klass, com pouco mais de dez anos no mundo, não conseguia conceber o que era exatamente o “mar”.

Mas, pelo que ele tinha ouvido, não era algo que alguém pudesse ignorar facilmente enquanto caminhava pela estrada, então ainda deveria estar um pouco distante. Ele colocou a vara grossa que estava usando como cajado ao lado dele e pegou um odre de couro com água. Ele umedeceu os lábios com um pouco da água amarga pelo couro. A brisa bagunçou seu cabelo castanho e ele olhou casualmente para trás.

A casa que os expulsou ficou fora de vista há muito tempo. Klass se sentiu mais indignado do que solitário com o fato.

Ele não sabia exatamente por que se sentia assim, mas em todo caso, o motivo havia entrado em seu campo de visão.

Ele se perguntou se ela tinha parado por causa das flores brancas que ali floresciam, e de fato foi por isso mesmo.

O inverno acabou; seus ventos secos e gelados haviam cessado e, ao sol da primavera, o cheiro de grama macia enchia o ar. Agachada, olhando incansavelmente, quase avidamente, para as flores sem nome, ela não era muito diferente de uma ovelha.

Sua cabeça estava completamente coberta por um capuz e a bainha de seu manto branco quase tocava o chão.

Ele estava perto o suficiente para ver os lugares onde o manto estava um pouco sujo, mas um pouco mais longe, ela definitivamente se pareceria com uma ovelha.

O nome dela era Aryes.

Ela disse que não sabia quantos anos tinha, mas para a frustração de Klass, ela era um pouco mais alta do que ele.

Assim, ele decidiu que ela era dois anos mais velha do que ele.

“Aryes!” Klass chamou seu nome e Aryes finalmente ergueu os olhos. “Você prometeu que ultrapassaríamos quatro colinas até o meio-dia!”

Embora ele ainda não soubesse o que Aryes estava pensando em geral, Klass havia apreendido algumas verdades fundamentais.

Uma era que ela nunca faria algo só porque ele pediu, mas se ele a convencesse a fazer uma promessa, ela sempre a cumpriria.

Klass se perguntou quantas vezes ele pensou em deixá-la para trás depois que ela parou no meio do caminho antes de perceber esse fato.

Aryes se levantou vagarosamente e se arrastou morro acima, olhando várias vezes para as flores enquanto caminhava. Klass suspirou e falou.

"Elas são tão raras?"

Ele ainda estava sentado na rocha plana e então olhou para ela.

Com o capuz sobre a cabeça, seu rosto não era visível, a menos que alguém estivesse muito perto ou olhando de baixo.

Foi assim que Klass viajou com ela por algum tempo antes de perceber que, embora sua expressão pouco mudasse, o rosto sob o capuz era muito adorável.

"Essas são… flores, certo?" perguntou Aryes, como se quisesse confirmar algo muito importante.

"Sim, são flores. Você as viu ontem e anteontem, não foi?"

Seus frios olhos azuis estavam fixos nas flores que cresciam na base da colina.

Outra brisa soprou, fazendo tremer uma mecha de cabelo loiro que escapava do capuz.

"Mas… é realmente estranho," disse Aryes.

"O que é estranho?"

Aryes olhou para Klass pela primeira vez, inclinando a cabeça interrogativamente. "Não havia vasos embaixo daquelas flores. Por que elas não murcharam?"

Sem nem mesmo franzir a testa, Klass olhou para Aryes da cabeça aos pés.

"Não temos muita água, então não se suje — eu não te disse?"

A mão de Aryes estava escondida sob sua manga. Quando Klass a pegou, descobriu que os dedos dela estavam sujos de terra.

Tinha até mesmo por baixo das unhas — suas mãos limpas agora estavam imundas.

Klass estava prestes a limpá-las com um pano amarrado na cintura, mas Aryes de repente puxou a mão e olhou para ele com olhos desconfiados.

"Me disseram que a sujeira só vem do coração," ela falou. "Não é legal mentir."

Klass pensou em algo para dizer, mas finalmente desistiu. "Você tem razão. Eu sinto muito."

Os cantos dos olhos de Aryes se enrugaram quando ela deu um pequeno sorriso e acenou com a cabeça, satisfeita.

No fim, ela quebrou a promessa — eles não conseguiram atravessar quatro colinas.

No entanto, quando Aryes achou por bem falar sobre o assunto de ter quebrado a promessa, eles almoçaram.

Como Aryes se opunha veementemente a tomar café da manhã, Klass não suportaria não comer um almoço farto.

Dito isso, no saco de estopa sobre o ombro de Klass havia sete fatias de pão duro, duro feito de aveia de cavalo, cada fatia grande o suficiente para esconder seu rosto, alguns feijões fritos, um pouco de sal e um odre de água.

Isso foi tudo que eles conseguiram tirar da casa quando foram expulsos, e logo ficou óbvio que se não comessem a ter cuidado, isso acabaria em um piscar de olhos.

Ele tirava uma certa quantidade de pão e feijão, mas fora isso o saco permanecia bem fechado.

Felizmente, Aryes comeu surpreendentemente pouco. Hoje, ela comeu apenas dez feijões fritos e um oitavo de uma fatia de pão. Gradualmente, mordida por mordida, ela consumiu o duro pão de aveia, fazendo orações antes e depois de comer.

Da parte de Klass, ele sentia que, uma vez que era ele quem estava dando um pouco de sua preciosa comida, poupando-a de viajar sem comida alguma, ela deveria agradecer não a Deus, mas a ele. No entanto, Aryes insistiu que foi Deus quem providenciou a comida em primeiro lugar.

Klass achou que isso era injusto, mas não conseguiu pensar em nenhuma réplica e ficou calado.

Ele havia sido submetido a uma ampla variedade de explicações irracionais para o estranho comportamento dela, mas se alguém tivesse realmente sugerido que tais explicações a tornavam inteligente, Klass teria balançado a cabeça.

A característica mais marcante de Aryes era sua inacreditável ignorância.

"Ah..." disse Aryes, erguendo os olhos. Quando Klass se virou para ver o que ela estava olhando, viu um pássaro marrom voando pelo céu.

Enquanto pensava que se pudesse pegá-lo, arrancar suas penas e cozinhá-lo seria realmente saboroso, ele se lembrou das palavras de Aryes quando viu um pássaro pela primeira vez e por um momento esqueceu como o pão era desagradável. Isso o impressionou o suficiente para que ele realmente soubesse o que a palavra *espantoso* significava.

O olhar indagador de Aryes o tirou de seu devaneio e o trouxe de volta à realidade.

"Isso é um pássaro, não é?"

"Sim, é um pássaro. Não é uma aranha e não é um lagarto."

"E está... voando, não é?"

"Isso mesmo."

Ele olhou para o rosto de Aryes enquanto pegava fragmentos de aveia dos dentes com o dedo. Ela parecia impressionada, como se tivesse contado um grande segredo — estranha, mas adorável.

Quando Aryes viu um pássaro pela primeira vez, ela disse que era uma aranha rastejando pelo teto.

Por um momento, Klass não entendeu o que ela estava dizendo. Mas enquanto a ouvia, percebeu que ela pensava que o céu era apenas outro teto não muito longe e que o pássaro era uma aranha rastejando por ele.

Apesar de sua surpresa, Klass sentiu que zombar de sua confusão refletiria mal nele como homem, e então explicou a ela que o céu era sustentado por uma árvore muito alta, mais alta do que ela poderia imaginar, e que o pássaro estava realmente voando pelo ar, abaixo do céu.

Ela estava em dúvida por um tempo, mas enquanto observava os pássaros decolarem do chão e voarem para o alto, ela finalmente aceitou.

Muitas coisas aconteceram assim.

Perguntar por que as flores no campo não murcharam, apesar de não estarem em vasos, era na verdade uma de suas perguntas menos estranhas.

Aparentemente, Aryes morava em um prédio cercado por altos muros de pedra ao lado da mansão onde Klass foi forçado a trabalhar como criado.

Ela nunca havia saído do prédio até onde conseguia se lembrar, e ler livros era um dos poucos prazeres que ela tinha.

Com o passar do tempo, Klass ficou sabendo das pessoas que entravam e saíam do prédio.

Pelo que ele podia dizer pelos rumores coletado, o dono da mansão foi enganado por pessoas de uma nação do sul para construir o

prédio, e aqueles que entravam e saíam do prédio também eram sulistas.

Ocasionalmente, ele ouvia por cima das paredes os acordes de uma música, mas não conseguia entender o canto e se perguntava se estava na língua do sul.

No entanto, o dono da mansão parecia não ter amor por sua própria terra e passava o ano inteiro viajando por toda parte, e o mordomo parecia não saber os detalhes, ou tal era a opinião coletiva dos funcionários da mansão.

Isso foi tudo, Klass só aprendeu que a música que ouvia ocasionalmente destinava-se a louvar a Deus apenas quando a própria Aryes o contou.

Ele tinha ouvido a música de perto cerca de três vezes.

"Bem, podemos ir?" perguntou Klass, colocando o último feijão na boca.

Um dia, de repente, um grande grupo de pessoas desconhecidas veio para a mansão. Eles trouxeram muitos suprimentos e gado. Quando a equipe da mansão parou seu trabalho para olhar para os recém-chegados, o homem mais bem vestido e barrigudo entre eles se apresentou como o irmão mais novo do mestre da mansão.

"A partir deste momento, vocês não são mais residentes desta mansão", disse ele. "Reúnam suas coisas e saiam imediatamente."

Evidentemente, o antigo mestre da mansão havia morrido durante suas viagens, e seu irmão mais novo tinha vindo morar em seu lugar. Fosse o que fosse que ele não tivesse gostado, ele expulsou todos, incluindo as pessoas na construção de pedra.

Alguns choraram e gemeram ou ficaram atordoados em silêncio, alguns interpretaram isso como uma piada e tentaram continuar trabalhando, e alguns até se agarraram ao irmão mais novo (ou quem quer que fosse). De todos eles, apenas Aryes se afastou vacilante.

Pouco depois, Klass correu atrás dela, uma vez que havia juntado um pouco da água e pão que o novo mestre da mansão jogou fora como se fosse ração de galinha.

Ele saiu correndo para alcançar a garota que cambaleava pela estrada que levava ao mar, como se estivesse sendo guiada.

"Vamos tentar superar seis colinas antes do pôr do sol. Nesse ritmo, não há como dizer quanto tempo vamos levar para chegar ao mar."

"Isso é uma promessa?"

"Claro, é uma promessa."

Klass sabia que provavelmente Aryes os impediria de atravessar seis colinas, que a promessa seria quebrada e a culpa seria dele.

Mas, para fazer Aryes se mexer, ele não tinha escolha a não ser fazer a promessa.

E para ser honesto, ele não se importava terrivelmente em olhar para o rosto exasperado enquanto ela lhe dava um sermão.

Em comparação a ser gritado e espancado enquanto carregava baldes de água por toda a mansão, Klass achava que viajar com Aryes era relaxante e agradável.

Mas havia uma parte disso que ele achou profundamente perturbador. E isso era noite.

"A noite não é nada para se temer. Assim como o dia tem o sol e a noite a lua, Deus está sempre cuidando de nós."

"…S-sim," ele respondeu com uma voz rouca, embora em alguma parte estranha de sua mente ele sentia que as únicas coisas cuidando deles eram a lua e as muitas estrelas no céu.

Eles estavam no topo da última colina que haviam alcançado naquele dia.

Embora soubesse que não havia nada e ninguém por perto, ele ainda estava um pouco tímido.

"Assim disse Deus: Uma pessoa sozinha teme a solidão, a fome e treme de frio. Mas com dois, a solidão é curada e o frio suavizado."

"…Sim."

"Você ainda está com frio?"

Klass quase respondeu, mas apenas balançou a cabeça.

No entanto, Aryes não parecia acreditar nele.

Os braços dela o envolveram e ela o puxou com mais força, abraçando-o.

"É bom suportar a fome. Mas Deus nunca deseja que tenhamos frios."

Embora já tivesse ouvido essas palavras quatro vezes, o corpo de Klass ainda tremia de nervosismo.

No início, ele não conseguia dormir por causa disso, e era ainda pior agora que ele percebeu o quão adorável Aryes realmente era.

Tirando seu grande manto externo e usando-o no lugar de um cobertor, Aryes abraçou Klass com força.

Embora fosse primavera, as noites ainda eram frias.

Embora a viagem não tenha sido um grande fardo para Klass, a única diferença de sua experiência anterior era que agora dormia ao ar livre, Aryes já parecia considerar o acampamento uma prova enviada por Deus e fez o que pôde para amenizá-lo — usando o calor do seu corpo.

Na segunda noite ele dormiu profundamente, graças ao cansaço de não dormir na noite anterior. Na terceira, ele de alguma forma conseguiu controlar os nervos e dormir.

Na quarta, embora já tivesse começado a se acostumar com a rotina, percebeu como o corpo de Aryes cheirava bem e, ao respirar,

seu rosto ficou vermelho. Era doce, mas não doce como o cheiro de mel no pão recém assado.

A situação inspirava sentimentos de culpa em Klass — havia algo que ele não estava contando a Aryes.

"— atchimm!"

Ele a ouviu espirrar.

Ela estava se preocupando apenas com o outro, mas Klass tinha certeza de que ela também estava com frio.

Ela se mexeu ligeiramente. "Deus pode estar com raiva de mim por dizer isso," ela começou a dizer. Klass não conseguia ver seu rosto, mas mesmo assim percebeu que ela estava sorrindo. "Mas eu não acho que poderia ter feito isso sozinha. Estou tão feliz que você seja uma menina, Klass."

Klass nunca em sua vida foi confundido com uma garota, e se cem pessoas fossem questionadas, certamente todas as cem ririam da impossibilidade da ideia.

Mas ele tinha certeza de que Aryes acreditava sinceramente que ele era uma menina.

Afinal, na única vez que passaram por uma carroça puxada por cavalos, Aryes empalideceu e disse: "É esse o animal que chamam de *homem*?"

"Estou com bastante sono. Boa noite."

Aryes era bastante hábil nessas coisas e, assim que dizia estar com sono, logo adormeceria.

Klass deliberadamente não respondeu e ficou em silêncio.

Assim que ouviu o som parecido com o de um coelho de sua respiração adormecida, ele muito gentilmente aninhou a cabeça em seu seio, rezando para que ninguém estivesse olhando para eles.

Quando disse "boa noite", como se fosse uma desculpa, era realmente apenas uma desculpa.

Naquela noite, ele acordou de repente.

Ele olhou para o céu e viu que a lua prateada quase havia cruzado o céu inteiro.

Era a parte mais profunda da noite.

O frio era considerável e, deixando sua vergonha de lado, ele colocou os braços ao redor do corpo de Aryes.

Ele se mexeu por um momento, mas finalmente encontrou uma posição confortável e respirou fundo.

Tudo estava muito quieto e o único som era a respiração de Aryes.

Na época em que dormia no celeiro da mansão, nunca havia um único momento de silêncio.

Os ratos estavam constantemente correndo em busca de restos esquecidos de ração para o gado, e eles vinham rastejar em suas roupas sempre que queriam. Os olhos das cobras e corujas que se alimentavam dos ratos brilhavam na escuridão, e aqueles não eram os únicos visitantes noturnos. Havia raposas atrás das galinhas e lobos atrás das ovelhas.

Quando pressentiam o perigo, os cavalos se mexiam e lutavam, e o cacarejo e o canto das galinhas crescia enquanto corriam.

As noites que passou com Aryes foram tão silenciosas que seus ouvidos zumbiam com o silêncio.

E quando o sol nasceu e a manhã veio, não havia ninguém para fazê-lo trabalhar como um cachorro e nenhuma tarefa interminável. Adormecer nunca foi um prazer anteriormente.

Embora tenha ficado surpreso ao ser expulso da mansão, ele não entendeu por que os outros servos ficaram tão abalados com isso que choraram. Eles não precisavam mais fazer tarefas.

Era verdade que eles não tinham muito mais comida sobrando, mas ele tinha certeza de que alcançariam o mar antes que ficassem sem

comida. O mar estava aparentemente cheio de peixes, então tudo que eles tinham que fazer era pegar alguns e comê-los. E se eles podiam fazer isso, por que não simplesmente morar lá?

Ele não tinha certeza se Aryes já tinha visto um peixe. Certamente não. Ele teria que explicar, logo — explicar que eles eram animais que podiam nadar debaixo d'água sem se afogar.

Ele deixou escapar uma risada suave ao pensar nisso. Estava muito quieto.

Klass então tentou expulsar essas coisas de sua cabeça e voltar a dormir, mas então ouviu o mais leve indício de um novo som.

Thup, thup, thup veio o som baixo.

Pode ter sido o coração de Aryes.

Klass achou misterioso que ele pudesse ouvir tão claramente, apesar do peito estufado — mas então ele percebeu algo estranho.

Ele podia ouvir esse som de seu outro ouvido — seu ouvido direito, que estava pressionado no chão.

Thup, thup, thup veio o som.

"O que poderia ser?" ele murmurou para si mesmo.

Imediatamente, ele estendeu a mão para pegar o galho que estava usando como cajado.

"Lo—"

Lobos, ele estava prestes a gritar, mas engoliu a palavra, erguendo a cabeça e olhando em volta.

Ba-bump, ba-bump rugia em seus ouvidos. Era o som de seu próprio coração.

As batidas de seu coração pareciam forçar a respiração de forma audível de sua boca.

Ele engoliu em seco e olhou para a direita. Então para a esquerda.

A lua estava no céu e a visibilidade era boa.

Mas ele não podia ver nenhum sinal de lobo.

"Aryes, Aryes."

Suas palmas estavam suadas e sua garganta seca.

Ele sacudiu o ombro de Aryes e olhou em volta, mas não conseguiu ver nada.

Mas o que quer que estivesse lá fora, parecia ter notado a mudança em Klass. Ele sentiu a mudança.

Qualquer um que dormisse em um celeiro sabia — quer quisesse saber ou não — que os lobos eram especiais.

Aqueles olhos dourados brilhando na escuridão da noite.

Embora Aryes finalmente tivesse acordado, seu foco ainda não havia recaído sobre ele, e ela parecia tão indefesa que teve vontade de enganá-la.

Klass puxou seu cajado para perto e olhou novamente para a terra.

Lobos raramente atacavam humanos, ou assim acreditava Klass. Três vezes antes eles pularam sobre sua cabeça com uma galinha em suas mandíbulas, mas ele não pôde deixar de se perguntar se isso era porque havia galinhas para comer.

Lá estava ele de novo, o som — *thup, thup, thup, thup* — aparentemente mais alto do que antes.

Ele tinha certeza disso — eles o observavam, afiando suas presas.

O que devo fazer? ele se perguntou silenciosamente uma vez e mais outra. Ele não estava pensando em pegar Aryes e tentar fugir, principalmente porque, no momento em que se movessem, tinha certeza de que atacariam.

O que devo fazer?

Aryes finalmente pareceu acordar completamente e olhou para Klass com incerteza.

Ele ficou gelado como se caísse água fria na cabeça, e ele tentou levar o dedo aos lábios.

"O que está errado?" perguntou Aryes, sentando-se no momento em que ouviram um uivo indescritivelmente belo.

"O-o qu—?" Aryes olhou em volta freneticamente, totalmente perplexa.

Por dentro, Klass sentiu vontade de chorar, de raiva, mas de alguma forma conseguiu suportar a sensação de punhalada e se levantou de um salto, olhando para a frente, e então viu.

Ele viu em um momento que as muitas sombras que tremulavam no topo das colinas iluminadas pela lua derreteram na escuridão da noite com a reverberação do uivo.

Um instante depois, seus olhos encontraram as írises douradas do outro.

"Depressa — *depressa*, temos que ir!" Tremendo, sua mão tremia quando ele agarrou o saco de estopa e pegou a mão de um Aryes perplexo.

E mesmo assim, ele estava congelado, incapaz de ficar de pé.

Os lobos pararam de tentar esconder seus passos, que agora soavam como uma rajada de vento soprando pela floresta.

Ele estava com muito medo para impedir que seus dentes batessem, mas reuniu coragem suficiente para manter seu cajado pronto.

Empurrou Aryes para trás, apavorado, mas brandindo o cajado como uma lança.

Os lobos mergulharam em uma poça de escuridão enquanto desciam a colina e então dispararam para fora dela.

Paralisado por suas írises douradas, ele sentiu com estranha clareza a sensação de sua própria boca se partindo em um sorriso.

O medo o estava forçando a mostrar os dentes.

Mas os lobos, é claro, não estavam recuando com seu ataque —

"— Huh?"

De repente, o chefe da matilha saltou para o lado.

Foi tão chocante que, por um momento, Klass se perguntou se alguém havia atirado uma flecha nele.

Os lobos passaram por Klass e Aryes, caindo no chão e dando voltas. Eles estavam tão perto que ele podia ver cada um dos fios de seus pelos eriçados.

Mas o olhar deles não estava em Klass e Aryes, suas presas — estava em algo mais distante, e eles se agacharam. Caninos à mostra, eles rosnaram, suas patas dianteiras prontas para pular.

Eles poderiam ter se lançado a qualquer momento, mas pareciam menos como se estivessem caçando uma presa e mais como se estivessem se virando para enfrentar um inimigo.

Eles ficaram abalados com a coragem de Klass?

Ignorando tais pensamentos, os lobos estavam observando um único ponto e, um instante depois, eles saltaram e se espalharam.

Klass demorou um pouco para perceber que todos haviam fugido.

Eles fugiram mais rápido e para mais longe do que de onde vieram.

A esmagadora sensação de perigo se foi por completo, sem deixar muito além da sensação de ter sido salvo.

Klass, atordoado, observou os lobos recuarem e, por um momento, não pensou em absolutamente nada.

A única razão pela qual olhou de volta para Aryes foi porque ela tocou em suas costas.

"O-o que aconteceu?" Ela estava tremendo ligeiramente.

"Havia lobos… Essa foi por pouco," ele disse, as mãos ainda apertadas ao redor de seu cajado. Ele não tinha intenção de provocar

Aryes por ela tremer, mas ainda não tinha percebido que estava se sacudindo.

Aryes inclinou ligeiramente a cabeça. “Lo… lobos?”

Ela espirrou encantadoramente. Aryes não sabia o que era um lobo. Isso significava que seu tremor tinha que ser causado por nada mais do que o frio.

Klass olhou para o bastão que brandia como uma lança, seus lábios se curvando. Decepcionado, ele o deixou cair.

“Lobos. Eles estavam prestes a nos atacar agora, não estavam? Eles atacam as pessoas e atacam o gado.”

“Oh. Eles são… homens?”

Klass se perguntou se ela estava zombando dele.

Mas então ele se lembrou das palavras do mestre do estábulo da mansão, que tinha idade suficiente para ser seu pai. “Sim. Homens *são* lobos.”

Com essas palavras, finalmente o rosto de Aryes evidenciou algum medo, e ela respirou fundo, olhando em volta.

“Está tudo bem. Todos eles se foram para algum —"

Mas ele não terminou a frase.

Já que, no espaço de um momento, seu rosto estava pressionado contra o peito macio de Aryes, e ele mal conseguia respirar.

“Ngh… guh…”

“Não se preocupe! Eu vou… er, não, ah — Deus vai nos proteger. Não há nada a temer!” ela disse, abraçando-o com força. Klass estava agora com mais medo dela do que os lobos.

E se agora mesmo ele contasse a verdade a ela, que ele era um menino? O que ela faria?

Até Klass sabia que era errado mentir e enganar as pessoas.

Mas quando ele moveu ligeiramente a cabeça e recuperou o fôlego, o cheiro de Aryes encheu suas narinas.

O cheiro foi mais do que suficiente para apagar a memória de terror do ataque, embora suas vidas tivessem acabado de ser salvas.

Ele decidiu ficar quieto sobre o assunto por mais um tempo.

"Ainda assim, eu me pergunto o que os assustou."

Ele definitivamente teve a sensação de que os lobos se assustaram.

O que poderia assustar uma matilha inteira de lobos?

Ele olhou na direção que eles haviam olhado, mas tudo o que podia ver era a paisagem gramada e as poças de escuridão, e ele não sentiu nada particularmente ameaçador ou monstruoso nisso.

Ainda nos braços de Aryes, ele não podia, é claro, responder à pergunta com certeza, mas seu nervosismo havia sumido. Evidentemente, com o calor da pele que se seguiu a um suor frio, a sonolência veio logo depois. Ele bocejou abertamente.

Aryes afrouxou o abraço quando Klass se contorceu um pouco e, embora doesse, ele finalmente forçou as palavras a saírem.

"Acho que estamos seguros agora. Vamos dormir. Ainda falta muito tempo para o amanhecer."

Aryes finalmente concordou.

Foi então que a incerteza desapareceu de seu rosto. O dia seguinte começou com Aryes, que acordava cedo, acordando-o.

Por um momento, ele lembrou da noite anterior, mas não havia lobos à vista, apenas as pegadas deixadas na planície eram prova de que os eventos da noite não tinham sido um sonho.

A manhã foi muito parecida com a de ontem.

A única diferença era a preocupação que vinha com seus suprimentos cada vez menores de comida e água — isso, a aparência de Aryes ter melhorado um pouco e ela dizendo que seus pés doíam.

O problema de Aryes poderia ser resolvido com uma pequena pausa, mas o problema da água incomodava muito Klass. Ele tinha ouvido sobre viajantes que passavam mansão que alguém poderia passar uma semana com o estômago vazio, mas que três dias sem água matariam um homem.

"Por acaso você não sabe onde fica um rio, sabe?" perguntou para Aryes, por precaução.

As planícies pareciam continuar eternamente, a estrada estreita também. Já era o quinto dia desde que saíram de casa, então eles deveriam ter viajado uma distância considerável. Ele tinha ouvido falar que era possível contornar o mundo em dois meses.

Embora uma parte dele ainda não conseguisse desculpar a ingenuidade de Aryes, já que ela aparentemente viveu dentro de paredes durante toda a vida, até o próprio Klass nunca percebeu que o mundo era tão grande.

Isso o deixou irracionalmente zangado e ele andou mais rápido.

O meio-dia passou e a noite chegou e, apesar das pausas para o bem de Aryes e da lentidão de seu ritmo, eles haviam escalado a décima segunda colina do dia, a mais alta até agora.

E tudo o que seus olhos encontraram foram grama, árvores e colina após colina após colina.

Quando olhou para trás, viu Aryes atrás dele, cujo interesse por insetos e flores fora substituído pelo cansaço da longa jornada. Ela havia parado na descida da colina e não dava sinais de que continuaria caminhando.

De sua parte, Klass poderia facilmente continuar caminhando, e o fato de que ainda não haviam conseguido chegar a outra cidade por causa de seu ritmo lento o frustrava.

Aryes poderia ir mais longe, ele tinha certeza. Assim que suspirou e estava prestes a chamá-la, ela se agachou bem onde estava.

Só um pouco de água. A próxima cidade invisível. O mar no fim da estrada, estivesse lá ou não. E o mundo inimaginavelmente vasto.

Essas palavras flutuaram em sua mente, despertando sua irritação. Até o dia anterior a viagem tinha sido tranquila, mas hoje tudo o que ele podia sentir é que eles estavam se movendo muito devagar.

Isso o fez querer estalar a língua em frustração, e ele não se incomodou em esconder isso.

Como de costume, ela não se mexeu.

"…Ugh."

Ele estava com tanta raiva que não queria se incomodar em levantar a voz e por um momento até considerou ir embora.

Era apenas um caminho, então nem ela deveria se perder.

No momento em que estava pensando em como isso seria bom, ouviu um som estranho.

"…?"

Ele olhou para Aryes, que tinha uma das mãos no chão.

E então —

"A-Aryes!"

Ela se mexeu e, no momento em que Klass pensou que ela fosse se levantar, vomitou no chão.

Foi tão inesperado que ele não conseguia se mover. Aryes nem olhou para cima antes de desabar.

Klass jogou a bolsa de lado e correu para ela.

"Aryes! Aryes!"

Ele estava mais atordoado do que preocupado.

Correndo para o lado dela e pegando-a nos braços, ele puxou seu capuz para trás e chamou seu nome.

Aryes desabou, imóvel, e depois com sua boca aberta, viu sua língua frouxa e não pôde deixar de pensar em uma ovelha morrendo.

"Aryes!"

Não foi a preocupação que substituiu sua surpresa — foi o terror.

Aryes iria morrer.

Querendo chorar, ele sacudiu os ombros dela. Deu um tapa no rosto dela. Mas não houve reação.

Uma onda de medo cresceu dentro dele — agora Klass era quem se sentia nauseado.

Imediatamente depois disso, Aryes vomitou novamente.

Graças a Deus, pensou Klass. *Ela não está morta*.

Seu alívio durou apenas um momento, pois, como não havia nada mais para expulsar, ela se enrolou em uma bola e gemeu de dor.

Klass enxugou as lágrimas dos olhos, tirou o lenço do corpo e enxugou a boca de Aryes com ele.

Depois disso, ele não sabia mais o que fazer.

As palavras *ervas medicinais* lhe ocorreram, mas ele duvidava seriamente que a grama que os cercava tivesse qualquer efeito.

A respiração dolorida de Aryes estava ficando cada vez mais silenciosa. Isso o fez imaginar a vida dela como uma chama bruxuleante, e o pensamento trouxe novas lágrimas.

Ele se perguntou se ela não estava cansada, mas doente.

Se ele soubesse, teria feito mais pausas na caminhada.

As desculpas e arrependimentos rodaram em seu coração, mas nenhuma palavra, exceto o nome de Aryes, saiu de sua boca.

E ainda assim chamou seu nome, sacudindo seus ombros flácidos.

"Ugh… o que… o que devo fazer…?"

Ele não teve coragem de dizer o que pensava: *Alguém me ajude.*

Ninguém o ajudaria em um lugar como este.

E se alguém aparecesse, provavelmente seria o Deus inútil para quem Aryes sempre orava.

Ainda assim, no fundo de seu coração, ele desejou profundamente que alguém — mesmo aquela divindade falsa — viesse e os salvasse.

"Oh Deus…"

E quando ele ouviu, pensou que era a voz de Deus: "O que aconteceu aqui?"

Ele olhou para cima, totalmente chocado ao ouvir outra voz, mas não conseguia distinguir sua origem através dos olhos marejados.

Ele os esfregou e olhou novamente.

Não havia ninguém lá.

"O que…?"

As lágrimas começaram a brotar novamente.

"O que aconteceu aqui, garoto?"

Atrás dele.

Klass olhou para trás e, de fato, alguém estava parado ali, iluminado pelo sol.

"Ela está doente, não é?"

A voz clara não parecia combinar com seu tom. Como a figura estava iluminada por trás e Klass ainda estava sentado, ele não conseguiu determinar sua altura ou rosto.

Mas, pateticamente, o simples fato de que outra pessoa que não ele estava presente fez com que as lágrimas voltassem a transbordar.

"E-eu-eu não sei… E-ela caiu, e…"

"Hmm," a figura sombria murmurou, girando levemente ao redor para observar Klass à sua frente.

Era uma mulher.

Ela olhou para o perfil de Aryes. “Hmph, isso parece —” Klass se endireitou inconscientemente.

A mulher continuou.

“É apenas exaustão,” ela proclamou acabando com o clímax.

“…Huh?”

“Veja como as pernas dela estão duras,” disse a mulher, estendendo a mão para colocar a mão na panturrilha caída de Aryes.

“M-m-mas—”

“Ela pediu muitas vezes um descanso, não pediu?” acrescentou a mulher categoricamente. “E pior, ela não tem comido direito. Não é nenhuma surpresa ela ter desmaiado.”

Agora que haviam dito, parecia a coisa mais óbvia do mundo.

Mas assim que percebeu, algo estranho lhe ocorreu.

“Como você sabe disso?”

“Droga. Língua solta.” Ela colocou a mão deliberadamente na boca e olhou para o outro lado.

Não havia como fingir: ela devia estar os observando de algum lugar.

Mas Klass teve um bom alcance de visão de seus arredores toda vez que alcançavam o topo de uma colina.

Não havia nenhum lugar para alguém se esconder.

Então, de onde ela estava observando?

“Na verdade, eu planejava não dizer nada para você. Mas isso estava simplesmente muito patético.” A mulher deu um tapinha em Aryes e lançou um olhar acusador a Klass.

Uma sensação quente apunhalou seu peito. “N-não, eu sempre tentei —”

"Tentou pensar sobre ela? Hmph. Você sabia perfeitamente bem que o corpo dela e o seu são bem diferentes."

Ele se encolheu com as palavras.

Não era apenas que ele não tinha o que dizer — ele estava atordoado.

"Heh. Eu tenho te observado desde a noite passada. Você sabe muito bem que ela e você não são iguais," ela disse, sua expressão mudando para um sorriso pegajoso.

Klass podia sentir seu rosto ficando cada vez mais quente.

Ele foi vigiado.

"Suponho que seja isso o que eles querem dizer quando dizem: 'Que sorte ter nascido homem.' Ainda assim" — a mulher colocou as mãos nos quadris, os lábios se curvando em um sorriso expondo as presas — "você teve a coragem de fazer frente aos lobos. Isso é digno de elogio."

"O qu… ah!"

"Hmph. Não é um rapaz muito exigente, não é?" zombou a mulher por entre os dentes, olhando para o menino.

Não, não era só isso.

Ele tinha acabado de perceber algo.

Tinha sido tão estranho que ele simplesmente não tinha notado até aquele momento.

A mulher que estava diante dele usava uma capa sobre os ombros e uma faixa amarrada na cintura, com calças forradas de pele. Seu cabelo era castanho, mas no topo de sua cabeça havia algo estranho.

"Se você foi notar isso agora, não deve ter notado isso!"

Sua capa balançou dramaticamente.

"Ah… ah…!"

"É pelo de qualidade, de fato, não?"

O pelo balançou com barulho.

A cauda de lobo grandiosamente peludo balançou, e as orelhas de fera no topo de sua cabeça também balançaram.

Naquele momento, a lembrança das ações dos lobos na noite anterior passou por sua cabeça.

"N-não pode ser —"

"Não pode ser?"

O olhar da mulher o perfurou, como se o estivesse testando.

"Ontem à noite, quem nos salvou foi…"

Uma lufada de vento fez com que a bainha da capa da mulher e a ponta de sua cauda tremessem.

A luz do sol poente iluminou seu perfil. "De fato", disse ela, enquanto Klass estava sem palavras.

"Foi… foi você! Você afugentou os lobos!"

"Eu meramente estava dormindo por perto. Eles perceberam que eu estava lá e deram meia-volta por conta própria."

A mulher parecia quase entediada. Klass engoliu em seco depois de fechar a boca aberta.

Ele já tinha ouvido falar muitas vezes de seres que pareciam humanos, embora não fossem, que ocasionalmente surgiam para garantir boa fortuna ou pregar peças em meros mortais.

Klass falou em um sussurro trêmulo. "Você poderia ser um… um espírito —?"

"Dificilmente!" disse a mulher com irritação repentina, sacudindo a cabeça.

Mas a misteriosa pessoa meio-besta diante dele logo fez uma cara estranha.

"Hmph… bem, é verdade que alguns de sua espécie me chamam dessas coisas. Mas eu não gosto."

Sua expressão de embaraço por ter gritado a fazia parecer não muito mais velha do que Klass.

E seu rosto era inconfundivelmente belo.

"C-como… devo me referir a você?" perguntou Klass, usando as palavras que ouvia os adultos usarem em tais situações, mas as sobrancelhas da mulher apenas franziram em mais irritação.

"Eu também não gosto *disso*. E entender seu gaguejar é um incômodo."

O rosto de Klass ficou quente com a provocação dirigida a ele, mas pensando que a garota era algum tipo de aparição, ele olhou para baixo.

Em seguida, a aparição suspirou e trouxe seu rosto mais perto do chão.

"Venha, olhe para cima. Só pensei em ajudá-lo em suas difíceis viagens. Eu não me revelei a você para receber sua adoração."

Ele estava com muito medo de olhar para cima.

E mesmo assim, ainda que timidamente, ele trouxe seu olhar para cima para se encontrar com o dela.

"Heh. Você ainda está na idade em que essa expressão combina com você."

O sorriso que o saudou quando ergueu os olhos o fez perceber que havia muitos tipos de sorrisos no mundo. No instante em que viu, ele olhou para baixo novamente, seu rosto ainda mais vermelho do que antes, mas por um motivo muito diferente.

Desta vez, a aparição não ficou com raiva.

"Meu nome é Holo," disse a aparição brevemente enquanto se agachava.

Klass demorou alguns minutos para perceber que ela havia se apresentado. "M-meu nome é Klass… senhora."

"Não há necessidade de 'senhora' aqui."

"C-certo."

A aparição chamada Holo sorriu amargamente e se levantou. "E o nome desta é Aryes?"

"S-sim, isso mesmo, mas —"

"Como eu sei?"

Klass acenou com a cabeça.

"Você não chamou o nome dela tão fervorosamente inúmeras vezes? 'Aryes, Aryes!'?" disse Holo, os braços cruzados e levantando os próprios ombros.

Klass finalmente havia recuperado a compostura, mas enrubesceu novamente com isso.

"No entanto, eu não sei se sacudir uma companheira enfraquecida é uma gentileza."

Assustado, Klass olhou para o rosto de Aryes.

"Tendo perdido a consciência, tenho certeza de que ela se acalmou um pouco. Agora limpe sua boca e a mantenha aquecida."

Balançando a cabeça em silêncio, como se tivesse um pedaço de pão preso na garganta, Klass moveu Aryes de sua posição anormal e desmaiada para um estado aparentemente mais confortável e então se levantou.

Embora o saco que ele havia deixado cair não estivesse a uma distância tão grande, ele estava preocupado em deixar Aryes sozinha e, portanto, hesitou em buscá-la.

Ao que Holo disse: "Vou cuidar dela para você", então gesticulou para a bolsa com o queixo.

Klass finalmente começou a correr, mas quando se virou para olhar por cima do ombro, viu Holo agachada perto de Aryes, murmurando algo para ela.

Ele se perguntou se era algum tipo de segredo.

“Honestamente, se fosse inverno, você estaria morto na beira da estrada em algum lugar,” disse Holo enquanto revirava as coisas deles e Klass cuidava de Aryes. “Você não tem cobertores! O que você pretendia fazer em caso de chuva?”

“Huh? Er…” disse Klass enquanto limpava a boca de Aryes com um pano umedecido.

Embora estivesse tentando aquecê-la, ele não tinha material para acender o fogo e, como Holo observou, não havia cobertores — então ele se viu reduzido a colocar uma jaqueta simples nela.

“Refugiar em algum lugar… suponho…”

Um suspiro e um olhar fulminante foram tudo o que o saudou.

Klass baixou os olhos.

O fato era que não havia abrigo até onde a vista alcançava.

“Foi por diversão que decidi seguir a estranha dupla vagando por estas planícies sem nem mesmo uma nascente ou um rio, mas pensar que você estaria tão despreparado!”

Klass ficou zangado ao ouvi-la dizer isso, mas seu medo o impedia de dizer qualquer coisa.

“E já que estamos falando de coisas estranhas, vocês são companheiros realmente estranhos. Por que duas crianças estão viajando sozinhas?”

Klass não pôde deixar de erguer os olhos bruscamente para a palavra *crianças*.

Embora Holo parecesse alguns anos mais velha do que ele, ela não era tão madura que a chamaria de adulta.

“Garoto tolo. Sou pelo menos dois séculos mais velha.”

“E-eu sinto muito.” Era estranho — tendo falado isso claramente, ele agora podia ver.

Afinal, a garota era um espírito, então nada nela o surpreenderia.

Tendo se convencido disso, ele descobriu que não havia razão para esconder o que quer que fosse, então ele respondeu a sua pergunta.

Holo estava deitada de lado, mastigando ruidosamente um pedaço de pão de aveia que tirara das coisas de Klass e, quando Klass contou sua história, ela acenou com movimentos de cauda.

"Ouso dizer que a mansão da qual você foi expulso era de uma casa nobre chamada Antheo."

"S-sim… você os conhece?"

"Eu ouvi um pouco sobre eles em uma cidade em que estive não muito tempo atrás — que havia um nobre excêntrico na zona rural. Mas entendo — então ele está morto, não é?"

Klass não sabia se o senhor da mansão era ou não um excêntrico, mas a palavra *zona rural* o incomodava.

A mansão era um lugar magnífico, e havia pelo menos vinte criados e edifícios de pedra como o que Aryes havia ocupado.

E nas proximidades da propriedade havia treliças de videiras e também vilarejos.

Enquanto Klass pensava nisso, ele percebeu que Holo estava sorrindo para ele.

"Na verdade, você partiu em uma jornada e logo se tornou um filhote indefeso."

"…" Ele não sabia por que riam de si, mas era frustrante, e Klass desviou o olhar.

Isso pareceu apenas atrair mais risadas de Holo, que ria dissimuladamente. "Não fique zangado, garoto. Você não ficou surpreso com o tamanho do mundo?"

Atordoado, ele olhou para Holo.

"Não, o motivo pelo qual sei disso é porque me senti da mesma maneira quando comecei minhas próprias viagens."

Klass teve a sensação de que estava sendo manipulado de uma forma ou de outra, mas ela não parecia estar mentindo.

"…É assim mesmo?"

"Sim. O mundo é realmente vasto. E —"

Mas suas palavras foram interrompidas ali. Klass seguiu seu olhar e viu que em algum momento os olhos do adormecido Aryes se abriram ligeiramente.

"Aryes…" Klass chamou seu nome, esquecendo-se de tudo sobre Holo, e os olhos de Aryes focaram nele muito mais rapidamente do que o normal ao despertar.

"Ah… o quê — por que —?"

Ela se sentou, parecendo não entender o motivo de sua posição atual. Klass tentou explicar apressadamente.

"Você desmaiou há pouco tempo! Você não se lembra?"

Avisada, ela finalmente pareceu se lembrar.

Um pouco de rubor começou a se manifestar em sua tez que agora tinha uma aparência muito melhor.

"Como serva de Deus, estou profundamente envergonhada. No entanto, agora estou bem."

Apesar dos meros cinco dias de viagem, Klass estava começando a entender sua personalidade.

Embora ele pudesse dizer a ela para dormir, seu tom revelava se ela provavelmente dormiria ou não.

Ele não tentou impedi-la de despertar e, portanto, ela obviamente notou Holo.

"Oh, o qu…" ela murmurou e então fez uma pausa.

As orelhas de fera no topo da cabeça, a cauda de lobo magnífica — eram sinais inconfundíveis de um espírito, e estavam bem diante de seus olhos. Sua surpresa era compreensível.

Aryes olhou abertamente para os atributos desumanos de Holo.

Klass ficou repentinamente muito preocupado com a possibilidade de Holo ficar zangada com o olhar um tanto rude. E na noite anterior, Aryes pensara que os lobos eram homens.

Ele teria que dizer algo ultrajante.

Assim que ele chegou a essa conclusão e estava prestes a tentar sussurrar em seu ouvido, a Aryes congelada pareceu chegar a um entendimento repentino e acenou com a cabeça de forma convincente. "Oh… você veio do outro lado do mar, não é?"

Klass estava prestes a corrigir sua noção equivocada — embora a verdade fosse igualmente estranha — quando Holo o interrompeu.

"Sim. Me chamo Holo e viajei para cá de muito longe no norte."

Longe de estar com raiva, ela sorriu como se estivesse se divertindo, e sua cauda balançou alegremente, como se enfatizasse o fato.

Aryes aceitou o casaco que Klass lhe ofereceu e fez uma reverência elegante. "Eu sou Aryes Belange," disse ela.

Klass tinha ouvido que até reis inclinavam a cabeça diante de um espírito e, portanto, embora estar na frente de um fosse profundamente intimidante, ele achava a ideia de não ter certeza aterrorizante.

Mas, como ele tinha ouvido falar que os espíritos vinham de uma terra onde apenas eles viviam, talvez o que Aryes dissera não estivesse realmente errado.

"Então, como podemos ajudá-la?"

Isso pode ter sido apropriado na mansão, mas aqui Klass não conseguia parar de falar. "N-não! Ho—Holo… ela salvou você, Aryes."

Ele tropeçou no nome dela quando percebeu que não sabia o quão educado precisava ser ao se referir a ela.

Naquele instante, ele evitou chamá-la de “Senhora Holo” depois de ver o brilho intenso em seus olhos âmbar. Por alguma razão, ela parecia odiar tal reverência.

Aryes voltou a ficar surpresa e corrigiu apressadamente a postura ao sentar-se.

Klass duvidou que Aryes fosse capaz de expressar adequadamente seus agradecimentos, mas essa dúvida durou apenas um momento.

Aryes se endireitou e de repente parecia surpreendentemente adulta.

“Minhas sinceras desculpas — e mais uma vez, obrigado”, disse ela, juntando as mãos e curvando-se da mesma forma que fazia ao orar antes de uma refeição.

Klass ficou pasmo com a compostura de Aryes, mas quando ele olhou para Holo, viu que ela estava encantada. Ele se sentiu aliviado por ter evitado despertar a raiva dela.

Ainda assim, ficou chocado por Aryes ter se revelado tão sensata.

“E se isso for verdade, então eu gostaria muito de retribuir a bondade que você mostrou em me salvar.”

“Bondade, hein?”

“Sim. Infelizmente, somos apenas viajantes e há limites ao que podemos oferecer.”

Era como uma pessoa diferente da Aryes que perguntava por que as flores no campo não murchavam sem os vasos.

De repente, ele sentiu vergonha por ter explicado tantas coisas com tanta condescendência para ela.

“Hmph. Não preciso de bens materiais. Em vez disso, deixe-me ver…” Holo olhou para Klass.

Ao mesmo tempo, Aryes também olhou por cima do ombro para ele e, por algum motivo, ele de repente se sentiu como um sapo suportando o olhar de uma serpente.

Embora cada um ali fosse muito diferente, de alguma forma Klass teve a sensação de que ele era o estranho.

Se divertindo, Holo continuou. “Você me deixaria viajar com vocês por um tempo?”

“Huh?!” Klass disse sem pensar e novamente se sentiu sob o olhar das outras duas.

Não parecia que quaisquer objeções seriam permitidas.

Então Aryes voltou-se para Holo, sorrindo, e falou. “Se for do seu agrado, que assim seja.”

“Fico grata.”

As duas acenaram uma para a outro como velhas amigas, então apenas continuaram com a conversa.

Klass não achou graça.

E, no entanto — ele não sabia *por que* não estava divertido.

“Bem, minhas coisas estão um pouco adiante. Você me ajudaria a recolhê-los?”

“Ah sim.” Aryes se levantou e Klass a deteve.

“Aryes, você descansa.”

“Mas —”

“Apenas descanse,” repetiu ele com um pouco mais de vigor, e a surpresa Aryes deu um aceno hesitante com a cabeça.

Holo observou a troca de maneira divertida e disse: “Por aqui”, quando ela começou a andar. “Heh. Você não precisava ser tão exigente,” ela falou, assumindo imediatamente a liderança.

“Ah bem…”

“Você poderia simplesmente ter dito que o trabalho físico é para homens, não?”

Ela olhou para ele por cima do ombro, e Klass sentiu seu rosto esquentar sob seu olhar.

Holo sabia de tudo.

Ela deu uma risadinha. “Ah, que dificuldade!”

Sua cauda balançou alegremente sob sua capa.

“Mesmo assim, espero que oito ou nove entre dez homens ajam da mesma maneira. Não há nada com que você precise se preocupar,” disse ela como se para encorajá-lo, dando tapinhas em suas costas — nada disso deixava Klass mais feliz.

Afinal, seu rosto ainda sorria como se ela fosse cair na gargalhada a qualquer momento.

“Ora, vamos, sou sua aliada.”

Sua mentirosa foram as palavras que ele sentiu no coração.

Até Klass sabia quando ele estava sendo provocado.

“Heh, é verdade que estou zombando de você. No entanto —” Holo deu um passo rápido à frente de Klass, depois se virou e olhou para ele de cima.

Seus olhos eram os olhos de uma loba olhando para sua presa.

Klass, em transe, não conseguiu desviar o olhar daqueles olhos âmbar.

“Devemos nós três dormir juntos esta noite? Com você no meio, é claro.”

Assim que Klass ouviu essas palavras, ele imaginou a cena e imediatamente tropeçou nos próprios pés.

Quando Holo pediu para viajar com Aryes e as duas olharam para ele, ele se sentiu como um sapo sob os olhos de uma serpente exatamente por esse motivo.

Holo se agachou ao lado de onde Klass havia caído e falou. “O quê, você não pode esperar até a noite?” Ela sorriu maliciosamente.

Mas antes que Klass pudesse sentir raiva do golpe, ele percebeu que estava comparando o sorriso de Holo com o de Aryes em sua mente e, agora, sem saber o que fazer, ele ficou prostrado no chão.

Ele não podia deixar de sentir que era uma criatura verdadeiramente patética.

Quando bateu na cabeça algumas vezes e olhou para cima, Holo falou, sua expressão agora era gentil.

"Ainda vou fazer de você um homem adequado."

Klass desabou novamente.

E assim começou a jornada dos três viajantes cansados.

Klass acordou espirrando, o primeiro espirro que deu em algum tempo.

Eu estive tão aquecido nos últimos dias e mesmo assim — ele pensou consigo mesmo, enrolado em um cobertor. Mas então se lembrou de que não era assim.

Ontem, pela primeira vez em muito tempo, ele dormiu sozinho no topo de uma colina, o horizonte ainda ininterrupto.

Até então, ele dormia ao lado de sua companheira de viagem para conservar o calor — com uma garota um pouco estranha chamada Aryes.

Só pensar nisso era o suficiente para aliviar o frio, mas havia uma boa razão para ele não ter sido capaz de fazer isso na noite anterior.

Klass e Aryes, tendo sido expulsos da mansão em que moravam, estavam viajando lentamente por uma estrada que levava ao mar e encontraram uma andarilha misteriosa. Seu nome era Holo, e ela afirmava ser dois séculos mais velha que Klass e Aryes, apesar de parecer apenas da idade de Aryes, ou talvez um pouco mais velha. Mas como ela tinha orelhas de animal no topo da cabeça, cauda de lobo na

cintura e presas afiadas na boca, Klass não podia duvidar de suas afirmações sobre sua idade.

E quanto ao motivo pelo qual Klass estava suportando o frio e dormindo sozinho — isso era obra de Holo.

"Vamos todos dormir juntos," disse Holo no dia anterior.

Klass só conseguiu dormir com Aryes antes disso por causa da extrema ingenuidade de Aryes — ela não sabia que Klass era um menino.

Mas Holo era diferente.

Holo sugeriu apenas para provocá-lo.

Não importa o quão majestosa enquanto espírito ela possa ser, ele não poderia aceitá-la.

Então, no final, Klass pegou o cobertor emprestado e dormiu sozinho. Aryes e Holo tinham dormido juntas, usando seu manto e capa no lugar do cobertor — e ainda assim Klass imaginou as duas enroladas juntas dormindo profundamente e não pôde deixar de sentir que desperdiçou uma oportunidade.

Holo era surpreendentemente mesquinha para uma aparição, e Aryes era, bem, *Aryes,* e tendia a não entender as coisas muito bem, mas não havia como negar o fato de que ambas eram bonitas.

Claro, ele não poderia pedir permissão para ficar entre elas agora, mas não haveria nenhum mal em apenas dar uma olhada.

Foi o que Klass disse a si mesmo enquanto colocava a cabeça para fora do cobertor — e bem na frente de seus olhos, estava Holo.

"Devo tentar adivinhar por que você está fazendo tal cara?" Holo bocejou e parecia estar penteando sua cauda.

Klass não conseguiu esconder o rosto sob o cobertor, mas balançou a cabeça debilmente.

"Você foi o último."

Quando Klass emergiu lentamente do cobertor, viu que Aryes realmente estava acordada e, a uma curta distância, fazia suas orações matinais.

Ele olhou para o céu, onde Deus evidentemente estava. Estava nublado de novo e um pouco frio.

E por falar em deuses, a divindade bem na frente dele, Holo, jogou a cauda dela para o lado depois de escová-la por um tempo, então tirou uma casca de pão de dentro de seus próprios pertences e partiu um pedaço generoso para Klass.

Apesar de não ser festival da colheita naquele dia, era pão de trigo — trigo!

"É um presente. Não há necessidade de se conter."

Mesmo que ele tivesse recebido ordens para se conter, a mão de Klass teria pegado o pão por conta própria.

Ainda assim, ele estava preocupado com Aryes, que se recusou terminantemente a tomar o café da manhã.

"Ah, sobre isso? Eu já a convenci. Olhe," disse Holo.

Ela se virou para Aryes, que estava voltando de suas orações, e jogou um pedaço de pão para ela.

Aryes estendeu apressadamente as duas mãos e segurou o pão contra o peito, como se estivesse salvando um bebê. Até Klass, que estava longe de ser educado, ficou surpreso com a impropriedade de Holo. "V-você está jogando comida no chão —!"

"É da natureza do mundo que o trigo da colheita eventualmente retorne à terra. Existe algum motivo para eu não poder jogar pão, que é apenas trigo moído em farinha e assado?"

"Huh…?" Klass fez uma careta inadvertidamente tola enquanto Aryes inclinava a cabeça como se alguém estivesse beliscando seu nariz.

Então, por fim, ela deu um vago aceno de cabeça.

Klass se sentia como se de alguma forma estivesse sendo enganado, mas não conseguia definir como.

Dizia-se que nem mesmo o homem mais sábio poderia vencer um espírito.

"É assim que se faz, rapaz," sussurrou Holo no ouvido de Klass, e ele não pôde deixar de ficar um pouco impressionado com ela. "Então, seu destino é o mar, não é?"

Talvez ela estivesse acostumada a comer esse pão; enquanto Klass mordiscava avidamente sua porção, Holo engoliu a dela com um gesto ganancioso.

"M-mais ou menos," disse Klass.

"Uma jornada sinuosa para dois, hein?"

Klass se encolheu com a provocação. "Isso não é realmente o que parece, mas…"

"Se você não está realmente vagando errante, então você tem que decidir sobre um destino adequado," disse Holo definitivamente, dando a última mordida.

A palavra *errante* ecoou na mente de Klass por um momento.

Ele tinha ouvido histórias de tais viajantes, que migravam de nação para nação a cavalo, rostos sombrios, mantos surrados e gastos.

Mas quando ele falava dessas coisas, todos os outros adultos na mansão pareciam rir da mesma maneira, então ele ficava em silêncio.

"Ainda assim, sua alimentação é tão lenta quanto seu despertar."

"Huh?" Com as palavras de Holo, Klass olhou para baixo. Ele não tinha comido nem a metade de seu pão.

Ele imediatamente pensou que Holo estava apenas comendo muito rápido, mas então olhou para Aryes.

"Como é que os humanos dizem? Coma como se precisasse de faca e colher, hein?"

Klass ouvira isso muitas vezes quando suas tarefas de coleta de água e gado estavam se acumulando.

Para a nobreza que usava facas e colheres, quanto mais devagar comia, melhor.

Naturalmente, Klass nunca havia usado uma colher na vida.

Ele enfiou apressadamente o restante do pão na boca.

Embora o rico sabor do pão agora enchesse sua boca de uma forma que não poderia acontecer enquanto estivesse mordiscando, algumas mastigadas e um gole depois e era o fim.

Ele estava se sentindo como se tivesse sido um desperdício, mas agora era tarde e o que foi feito foi feito.

Ele estava ainda mais pressionado pelo fato de que até mesmo Aryes, que normalmente comia muito devagar, havia terminado.

"Certo, então, vamos juntar nossas coisas e partir. O mar ainda está longe, mas a próxima cidade está bem perto."

Com as palavras de Holo, Klass imediatamente começou a se limpar.

Ele logo percebeu que era o único a fazer isso, mas não podia interromper Aryes (que agora estava no meio de suas orações após o café da manhã), e ordenar que Holo o ajudasse estava fora de questão.

Mesmo assim, a única coisa que ele não suportava era ter que cuidar das coisas de Holo além das suas.

Em contraste com os poucos pertences de Klass e Aryes, a bolsa de Holo continha tudo que um viajante precisava. A parte mais pesada era um odre cheio de vinho.

"O que você quer dizer com 'não posso carregá-lo sozinha'? Como você veio até aqui, então?" Klass reclamou do pedido irracional, para o qual Holo mostrou suas presas e aproximou seu rosto do dele, sorrindo misteriosamente.

"Você realmente quer saber?"

Haviam vários motivos para Klass engolir em seco e nada que o fizesse acenar afirmativamente.

Holo acenou com a cabeça, satisfeita, e com um aceno de cauda, ela começou a andar.

Klass renunciou a essa pressão em troca deste pesado fardo; ele suspirou e caminhou atrás dela. Em todo caso, se essa era a quantia que deveria carregar, dificilmente seria impossível.

Enquanto considerava a situação, ele sentiu uma presença ao lado dele. Quando olhou, era Aryes.

"Eu devo ajudar você?"

Foi a primeira oferta que ela fez em seis dias de viagem, mas Klass sabia que ela havia desmaiado de exaustão ontem. Ele dificilmente poderia aceitar isso e então objetou.

"Mas..." ela começou, parecendo mais atacada pela culpa pessoal do que pela preocupação, e então Klass deu a ela a sacola de comida com a qual eles estavam viajando originalmente.

"Pegue isso, então."

Aryes acenou com a cabeça e pegou a bolsa.

Klass não sabia por que de repente ela estava tão ansiosa para ajudar, mas em todo caso, certamente estava feliz por ela se importar.

"Bem, vamos."

Aryes pendurou o cordão da bolsa no ombro e o seguiu obedientemente ao lado dele.

Isso era inédito em suas viagens juntos, mas como Holo já estava avançando, Klass teve que se apressar para acompanhá-la.

Ele estava preocupado com a possibilidade de Aryes desabar novamente, mas parecia que estavam se aproximando de um terreno plano à medida que as colinas cresciam e, quando pararam para a refeição do meio-dia, já haviam conseguido escalar três pequenas colinas.

Pouco antes da pausa, Aryes — que estivera em silêncio o tempo todo — falou.

"Eu esqueci de agradecer por me proteger dos lobos, então, muito obrigado!"

Klass ficou um pouco surpreso com sua expressão e afeto estranhamente rígidos, o que fez parecer que ela estava tentando encontrar o momento certo para dizer isso.

Ela provavelmente era muito séria sobre essas coisas.

"Hum, d-disponha."

Com essa resposta, Aryes suspirou de óbvio alívio e sorriu fracamente.

Foi tão estranhamente encantador que Klass estava prestes a adicionar apressadamente: "Por favor, não se preocupe com isso," mas ele viu Holo sentada à frente deles um pouco afastada e não disse nada.

Seu olhar estava fixo em outro lugar, mas suas orelhas estavam apontadas para eles.

"De qualquer maneira, vamos parar e comer."

Naquele momento, ele percebeu o perfil de Holo parecendo repentinamente irritada.

Klass percebeu que Holo provavelmente o fizera carregar a bagagem dela para obter esse agradecimento de Aryes.

Ele desejou que ela cuidasse da própria vida.

Não era por isso que ele estava viajando com Aryes.

E, no entanto, ser agradecido tão diretamente por ela era uma alegria singela.

Depois que a refeição do meio-dia acabou, Holo se esparramou no chão.

Ela estava sem dúvida com sono pela grande quantidade de vinho que engoliu.

Ela mandou Klass e Aryes na frente, dizendo que os alcançaria mais tarde. Eles deixaram para trás apenas o cobertor.

Uma vez que a velocidade de caminhada do grupo era limitada ao que Aryes conseguia, Holo poderia deixá-los ir em frente e ainda facilmente alcançá-los. O que fez Klass suspirar foi a maneira como Holo tão rapidamente se convidou para viajar com eles e então fez o que bem entendeu, mesmo depois de se juntar a eles.

Claro, não importa qual seja a conduta de Holo, era mais do que compensada pela dívida que deviam a ela por compartilhar seu pão com eles.

Não se podia discutir com a pessoa que os alimentava.

Assim, por enquanto, Klass viajava novamente sozinho com Aryes.

Mas parecia que o motivo pelo qual ela caminhou ao lado de Klass sem se perder durante toda a manhã foi sua busca pela oportunidade de dizer os agradecimentos que sentia ter perdido. Agora ela andava um pouco, depois parava, olhando para ele interrogativamente.

A parada constante era honestamente irritante, mas os olhares questionadores não eram nada desagradáveis.

Naturalmente, ele não pôde deixar de contar tudo o que ela queria saber.

Depois de algum tempo, ela deixou escapar um som que poderia muito bem ser um grito, para o qual Klass se virou surpreso.

“Aryes?!”

Em um instante, os eventos da noite anterior passaram por sua mente, mas ele logo percebeu que se houvesse mais lobos, Holo disse que ela lidaria com eles.

Aryes ficou a uma curta distância; ela olhou para Klass e depois apontou.

Por um momento, ele pensou que era o terror que coloria suas feições — mas não, era outra coisa.

Não terror, mas confusão.

"O que há de errado?" No momento em que a ouviu chorar, Klass quase deixou cair as sacolas que carregava para correr para o lado dela, mas quando percebeu a falta de urgência em sua voz, ele apoiou o fardo nos ombros e simplesmente caminhou até ela.

Deixe as coisas de uma pessoa sozinhas e elas podem ser roubadas por um falcão que você nunca viu. Klass pensou nas vezes em que perdeu sua refeição para o gado oportunista ao cuidar deles na propriedade.

"O-o que é isso…?"

Quando Klass se aproximou de Aryes, as nuances de sua expressão tornaram-se visíveis.

Seu rosto não estava confuso, mas triste e preocupado.

Ele olhou para onde ela estava apontando.

Lá, longe o suficiente para que ele se sentisse confiante em sua habilidade de escapar caso algo estranho se aproximasse, estava um coelho marrom.

"Um coelho? O que tem isso?"

Mesmo que fosse a primeira vez que ela via um coelho, não havia um impacto tão grande quanto um, digamos, um cavalo, e na verdade era um tanto fofo, Klass pensou.

No momento em que ele se perguntava por que ela poderia estar tão chateada, Aryes engoliu em seco e respondeu à pergunta.

"São… são as orelhas…"

Quando Klass percebeu o motivo de seu estado triste e preocupado, ele não pôde deixar de rir.

Ela pensou que suas orelhas tinham ficado assim porque alguém as esticou.

"Todos os coelhos têm orelhas assim. Essas orelhas compridas são como eles ouvem coisas à distância."

Klass tinha ouvido os passos dos lobos contra o chão na noite anterior, mas quando ele dormia no celeiro da propriedade, ele costumava ouvir os coelhos que viviam em tocas próximas batendo no chão com os pés.

Quando eles atingiam o chão assim, seus amigos coelhos ouviriam o som com suas orelhas compridas e entenderiam isso como um aviso de uma raposa ou lobo se aproximando.

"Você tem certeza de que… alguém não fez algo terrível com ele?"

"Tenho," disse Klass, o que pareceu finalmente aliviar Aryes. "Ainda assim, parece muito saboroso." A lebre estava mastigando enquanto observava o par vigilantemente. Seu pelo era fino e bastante grande. Se fosse assado no fogo, Klass poderia facilmente imaginar a textura espessa e oleosa que o saudaria se ele mordesse uma coxa de coelho assada quase quente o suficiente para queimá-lo enquanto a gordura escorria por seu queixo.

Mas, depois de dizer isso, Aryes olhou para ele com total descrença.

"Huh? Uh, er, não, eu quis dizer a grama que o coelho está comendo. Com certeza parece gostosa! Isso é tudo que eu quis dizer!" Klass emendou apressadamente sua declaração e, embora Aryes o considerasse um canalha da pior espécie, ela finalmente pareceu acreditar nele e sua expressão se acalmou.

"Ah, entendo. Eu sinto muito, eu pensei —"

"Não, está tudo bem — desculpe, eu te assustei."

Na verdade, era Klass quem estava com medo, mas parecia que ele havia conseguido evitar o desprezo de Aryes.

No entanto, se era assim — Aryes nunca comeu um coelho? Klass refletiu sobre isso e, depois de algum tempo, Aryes falou, insegura.

"Sem dúvida —"

"Hmm?"

"Oh, me desculpe. Quero dizer, sem dúvida há muito que eu não sei sobre o mundo," disse ela, com o olhar distante.

Embora seu perfil estivesse calmo, parecia tingido de um silencioso temor.

Aryes disse que ela viveu toda a sua vida dentro dos limites daquele pequeno edifício.

A boca de Klass se moveu por conta própria. "Bem, vamos descobrindo mais aos poucos!"

"Oh?"

"Nós iremos para longe. Até o oceano, e além."

Holo disse que eles precisavam ter um destino ou uma meta.

Pareceu uma grande ideia para Klass viajar pelo mundo e ver seus próprios pontos turísticos como objetivo.

Mas Aryes não reagiu por um tempo. Por um momento, era como se suas palavras tivessem sido um feitiço que a transformou em pedra, mas sua expressão finalmente se suavizou.

Klass ficou um pouco surpreso com o sorriso adulto que ela exibia.

"Sim, vamos. Embora eu ache que vou precisar andar um pouco mais rápido," disse ela, seu sorriso agora era aquele que Klass conhecia bem.

Klass, perplexo, acenou com a cabeça três vezes e, em seguida, em vez de limpar a garganta, ele reequilibrou as sacolas por cima do ombro. "Contanto que você não desmaie," disse ele provocativamente.

Diante disso, Aryes ergueu o queixo e escondeu o rosto sob o capuz.

Foi um gesto muito infantil e Klass ficou aliviado. “Vamos embora,” disse ele.

Ele começou a andar enquanto Aryes o seguia.

O sol estava se pondo quando Holo finalmente se juntou a eles.

“…Guh…” O som sem voz saiu de sua garganta espontaneamente. Não importa o quanto ele tentasse fingir o contrário, não havia nada a fazer — ele tossiu com voz rouca.

“Heh heh. Suponho que você ainda seja um pouco jovem.”

Holo pegou o odre de vinho de Klass tossindo e sorriu desagradavelmente.

Segundo ela, continha vinho de uva filtrado.

Klass sempre ouvira a palavra *vinho de uva* e imaginava algo doce, mas o que ele bebia era mais como suco de uva estragado que queimava mesmo estando frio.

“Parece que ela não é apenas mais alta do que você, ela também é mais adulta.” Holo deu outro gole no odre, depois deu uma mordida na carne seca.

A altura não tinha nada a ver com isso, Klass queria dizer, mas não conseguiu encontrar uma boa réplica.

Aryes tinha sido capaz de beber com uma cara séria e, se ela conseguia, ele pensava que também poderia — até a miserável prestação de contas que acabara de dar de si mesmo.

“Vinho é o sangue de Deus. Se você não pode beber isso, é a prova de que os ensinamentos de Deus não estão entrando em seu corpo,” Aryes o repreendeu.

Já que Klass nunca tinha ouvido nenhum desses supostos ensinamentos, isso provavelmente era verdade, mas em qualquer caso, era humilhante que ela pudesse fazer algo que ele não podia.

"O vinho é para ser apreciado. Existem outros licores para beber para provar sua coragem." Com a aparição dizendo isso, ele não teve escolha a não ser recuar. "Embora eu tenha pena de você ser incapaz de desfrutar deste prazer."

Essas últimas palavras, porém, não foram dirigidas a Klass, mas a Aryes.

Aryes pareceu perplexa por um momento e olhou para Klass.

Ainda frustrado por ter sido mimado, Klass desviou o olhar.

"Mesmo assim, quando alguém invoca constantemente a Deus depois de receber sua bênção, os pecados também aumentam," disse Aryes.

"Dói-me ouvir isso," disse Holo, mexendo as orelhas de lobo como se espantasse um inseto.

Aryes sorriu, depois desdobrou e tornou a dobrar os braços no colo sem jeito, como se estivesse envergonhada. "O pecado mais comum é não conseguir esperar enquanto o suco goteja do pano em que as uvas foram amarradas…"

"Então você torce com a mão? E, por algum motivo, o gosto é horrível."

Aryes fechou os olhos e colocou a mão na bochecha direita. "'Se o vinho de uva é o sangue de Deus, e o sangue de Deus é a bênção tirada de seu corpo, então vocês são tolos que buscam bênçãos embora isso fira a Deus', foi o que me disseram."

Klass realmente não entendia do que Aryes estava falando, mas Holo parecia se divertir profundamente, como se ela tivesse contado uma piada muito boa.

A única coisa que ele entendeu foi que, sempre que Aryes ouvia essas palavras, sua bochecha direita era atingida. Ela esfregou a bochecha como se lembrasse da dor.

"Eu me senti profundamente triste. Eu sabia que nunca mais faria uma coisa dessas."

"E então você controlou seu desejo, hein?"

Aryes abriu um olho e observou Holo, cuja cabeça estava ligeiramente inclinada; as duas deixaram escapar uma pequena onda de risos.

"Eu guardo os ensinamentos de Deus e recebo apenas as bênçãos que ganhei."

"Pegar uma gota de cada vez e depois lamber o dedo certamente seria..." disse Holo com divertimento exagerado, e Aryes fechou os olhos novamente e sorriu.

Mas agora sua mão na bochecha direita não estava lá para lembrar a dor, mas sim para saborear a memória de provar algo delicioso.

A nova expressão e maneiras de Aryes paralisaram Klass; ele sentiu isso no fundo do peito.

Por um momento ele ficou surpreso, mas então percebeu que havia um formigamento desde que ele engoliu o vinho e se sentiu um pouco aliviado.

"Mesmo assim, seria uma vida pobre não conhecer esse prazer em particular", disse Holo.

Com essas palavras, as duas olharam para ele, e Klass de repente se sentiu como uma criança muito jovem, e como uma criança ele se virou com raiva.

O sol havia se posto durante a conversa, e graças ao tempo nublado eles estavam realmente cercados pela escuridão.

Como não tinham fogo, assim que a noite chegava, não havia nada a fazer a não ser dormir.

Era o mesmo grupo — Holo, Klass, Aryes — da noite anterior, mas talvez tendo ficado entediada com as provocações, Holo não sugeriu que todos dormissem juntos.

Klass ficou simultaneamente aliviado e desapontado com isso; era uma sensação estranhamente solitária e ele estava com medo de pensar muito nisso, então se enrolou em seu cobertor e fechou os olhos.

O latejar moderado de dor nas têmporas certamente se devia ao vinho.

Quando pensava em Aryes, que se cansava depois de apenas caminhar um pouco, cujos olhos questionadores se voltavam para ele sempre que ela via algo novo e que bebia o vinho com facilidade, ele suspirava.

Foi ele quem teve que segurar a mão dela e puxá-la pelo caminho que andou tão instavelmente.

Esses eram os pensamentos que rondavam Klass quando ele adormeceu.

Foi só quando acordou, com a sensação de errar um degrau de escada, que percebeu que havia adormecido.

"…Mph…"

Ele enxugou um pouco de baba do canto da boca com o cobertor.

"Talvez eu não devesse," ele murmurou para si mesmo, lembrando que o cobertor pertencia a Holo. Ele terminou de limpar a boca com a própria manga e, ainda deitado de lado, olhou para o céu.

Ele sentiu como se tivesse adormecido por um curto período de tempo, mas em algum ponto a cobertura de nuvens havia diminuído e um pouco da luz da lua agora estava escapando. Ele estremeceu e puxou o cobertor com mais força em torno de si, mas logo percebeu que a fonte de seu arrepio não era o frio.

Se estivesse escuro como breu, teria sido impossível encontrar o caminho de volta para o cobertor depois de se aliviar, mas felizmente seus olhos podiam ver nesta luz, então ele se sentou. Se ele tentasse

resistir e fosse dormir, bem — o pensamento era horrível demais para contemplar. Havia o fato de que seria ridicularizado por Holo e Aryes, e acima de tudo os insetos seriam terríveis.

Ele se lembrou de um incidente onde urinou na cama muitos anos atrás e estremeceu novamente.

A razão pela qual se afastou bastante do cobertor foi porque simplesmente não gostava da ideia de se aliviar onde dormia e porque a ideia de ser visto por Aryes era totalmente humilhante.

Uma vez que se afastou o suficiente, ele finalmente foi capaz de se aliviar.

"Uau..." Terminado o momento de êxtase, Klass suspirou satisfeito e se virou.

Mas entre a escuridão e sua sonolência, ele teve dificuldade para amarrar o cordão da calça. Ele olhou para suas mãos desajeitadas enquanto caminhava preguiçosamente de volta.

Enquanto cambaleava de volta para onde havia dormido, Klass murmurou seus agradecimentos por ter acabado de terminar seus afazeres.

"O quê, então você nunca notou?" Lá, na escuridão que deixava apenas os contornos mais básicos do mundo visíveis, os olhos estreitos e divertidos de Holo ainda estavam estranhamente brilhantes.

"Achei que você fosse um espírito de coruja!"

"Hmph, e mesmo assim sou uma loba."

Quando ele não conseguiu rir, ela pisou em seu pé.

Klass hesitou em protestar, ao que Holo foi embora, então ele desistiu completamente.

Uma vez que estava a uma curta distância, ela olhou por cima do ombro para e acenou para que se aproximasse.

"O-o quê?"

Holo parou e se sentou, gesticulando para que Klass se sentasse ao lado dela, o que ele obedeceu. Uma vez sentados, eles tinham aproximadamente a mesma altura, com Klass mais baixo que Holo apenas pelo comprimento de suas orelhas.

"Tenho algo que gostaria de lhe perguntar", disse ela.

"Alguma coisa para me perguntar…?"

Klass se perguntou o que poderia ser para que ela fizesse questão de perguntar nesta hora sombria, quando Holo falou lentamente.

"Trata-se de Antheo, com quem você trabalhou por um tempo."

"O Senhor?"

"Sim. Você tem certeza de que ele morreu?"

Klass se lembrou de que, quando estava relatando os eventos que levaram à sua jornada, Holo pareceu reconhecer o senhor.

Talvez eles fossem amigos.

"'Certeza', certeza mesmo… eu não tenho."

O irmão mais novo do senhor simplesmente chegou com seus lacaios e declarou isso e aquilo e pronto.

"Hmph… mas pelo que ouvi, ele tinha o hábito de fazer viagens longas."

"Ah, bem, isto é — depois de um tempo, ele voltaria com objetos ou pessoas estranhas."

A opinião coletiva dos criados era que seu hábito mais estranho era o prédio de pedra com Aryes.

"Então o que você está dizendo é que, na melhor das hipóteses, você não sabe para onde ele viajou. Suspeita fraca, de fato," disse Holo com um suspiro, deitando-se no local.

Nem mesmo um inseto fazia barulho, e a única coisa que quebrava o silêncio era o balançar da cauda de Holo.

"Você conhecia ele?" perguntou Klass.

"Eu? Não, nada do tipo."

Holo estava deitada de lado, apoiando a cabeça com o cotovelo no chão.

Pelo que ele podia dizer de sua forma iluminada pela nebulosa luz da lua, ela estava acostumada a dormir à céu aberto. Holo ficou assim por um tempo, sem olhar para nada em particular, e ficou em silêncio, Klass não fez mais perguntas.

Foi Holo quem finalmente quebrou o silêncio.

"Pelo que ouvi, Antheo estava procurando um elixir da imortalidade."

"Im… mort…?"

"Imortalidade. Significa viver para sempre sem envelhecer."

Klass só conseguiu murmurar um confuso: "O que —?" — qual seria o sentido de tal coisa?

"Heh. Você acabou de nascer, então é claro que você não vê sentido." Klass puxou o queixo, ofendido, e Holo olhou para ele. "Comparados a muitas outras criaturas, os humanos vivem um pouco mais, mas ainda envelhecem e ficam decrépitos em um piscar de olhos. Mesmo eu não posso afirmar que não entendo por que alguém iria querer evitar tal destino."

Embora Klass ainda não conseguisse entender isso, algo de repente lhe ocorreu. "Oh — mas tenho certeza que você sempre será jovem e bonita do jeito que é agora, Srta. Holo!" ele disse apressadamente.

Holo ficou brevemente surpresa, então sorriu, mostrando suas presas. "Algo sobre ser tranquilizado por uma criança tão jovem me incomoda. Mas, claro, minha beleza é eterna."

Ela cheirou e balançou a cauda e parecia genuinamente orgulhosa disso.

Em todo caso, ela não estava com raiva, o que era um alívio.

“Mas suas palavras estão meio certas,” disse Holo.

“Huh?”

“Não seria eu quem usaria o elixir da imortalidade”, disse Holo com um sorriso autodepreciativo, parecendo de alguma forma envergonhada.

Klass mal conseguiu perguntar: “Então quem?” quando—

“Mais uma coisa,” disse Holo, olhando para trás. “Ouvi dizer que Aryes viveu no mesmo prédio desde o nascimento? Isso é verdade?”

Ele não havia contado nada a Holo sobre isso, então ela deve ter ouvido de Aryes na noite anterior, quando dormiram lado a lado, mas Klass não tinha ideia de pôr que Holo iria recorrer a ele para confirmar a história.

Mas deixando a investigação de lado, Klass disse a ela o que sabia.

“E-eu acho que sim. Pelo menos, todos os criados adultos disseram isso.”

“Hmmm.” Embora não estivesse claro se ela estava realmente interessada ou não, Holo acenou com a cabeça e olhou para longe.

“Qual é o problema?” Klass finalmente perguntou, incapaz de resistir, ao que Holo balançou a cabeça.

“Ah, está bem. Mas se Antheo está realmente morto, isso significa que não tenho mais um destino. Eu quis dizer isso como uma piada, mas posso estar viajando com você por um bom tempo.”

“…”

Klass felizmente não conseguiu dizer nada, mas sua preferência por viajar sozinho com Aryes deve ter ficado evidente em seu rosto.

Holo ergueu uma sobrancelha amargamente. “Eu posso muito bem ser um incômodo, mas ver isso tão claramente em seu rosto dói um pouco.”

“N-não, eu não quis dizer—”

“Ah, então eu posso ficar com você para sempre?” perguntou Holo com um sorriso, para o qual Klass agora mal conseguia sacudir a cabeça.

E era verdade que o charme de Aryes era suficiente para equilibrar o sorriso malicioso de Holo.

Então Klass balançou a cabeça lentamente, arrancando uma risada de Holo. “Nesse ritmo, você não terá motivo para reclamar se o sua querida Aryes te der um tapa na cara.”

Seu sorriso brilhante se transformou em um sorriso mesquinho.

Evidentemente, os espíritos podiam ler mentes.

“Heh heh. Bem, é direito de todas as crianças serem honestas. Se você for tolo o suficiente para trazer flores para ela, terei a gentileza de permitir.”

Encontrar uma réplica era problemático demais para valer a pena, então Klass simplesmente olhou para a lua.

“Mesmo assim, tenho inveja de você.”

“…?”

Holo falou como se resmungasse para si mesma, depois se sentou e cruzou as pernas.

Ele podia ver apenas um pouco do perfil dela, então era difícil ter certeza, mas ela parecia estar olhando para longe, bem longe.

Holo ficou em silêncio por um tempo, depois voltou a olhar para Klass e falou.

“O que você faria se lobos aparecessem agora e atacassem?”

Era uma pergunta inesperada e o desequilibrou, mas Holo, a aparição, estava aqui, então certamente não havia nada a temer.

“Er, eu tentaria não atrapalhar seu caminho…” Klass respondeu imediatamente, e Holo sorriu com um pouco de tristeza, depois caiu de lado.

Klass se encolheu porque não apenas ela se deitou de lado, mas também apoiou a cabeça bem no colo dele.

"É uma resposta lógica, de fato, mas não há nada tão odiável quanto um homem egoísta."

"Entendo…"

"Você não entende. Você deveria ter dito algo mais como 'Eu me sacrificaria para protegê-la'. Vamos," ela disse, dando um tapa na perna dele, o que só poderia significar que ela queria que ele realmente dissesse.

Mesmo se estivesse sozinho, dizer algo assim era embaraçoso o suficiente, mas Holo estava lá, seu olhar sobre ele.

Mas ele teve a sensação de que, se *não* dissesse, ela ficaria com raiva e não iria soltá-lo até que o fizesse.

E ainda assim ele hesitou por um tempo, mas no deliberado pigarro de Holo, se recompôs. Ele respirou fundo como se fosse pular na água fria, ergueu o queixo, fechou os olhos e abriu a boca.

"Eu… eu me sacrificaria…"

"Hmph."

"…S-sacrificaria…"

"Mmm?"

"…para…"

Tendo chegado tão longe, sua mente ficou em branco.

Quando ele parou sem continuar a frase, Holo revirou os olhos e murmurou, sentando-se: "sacrificaria para protegê-la", ela solicitou.

"Oh, certo, 'sacrificaria para protegê-la'."

Tendo terminado, ele percebeu que era uma coisa curta para dizer, mas parecia recitar um longo poema.

Mesmo depois de terminar de repetir a frase, ele deixou o queixo erguido e os olhos permaneceram fechados.

Ele sabia muito bem que Holo estava olhando para ele, pois o olhar dela era tão aguçado que parecia que algo estava cutucando suas bochechas.

"Heh. Sim, suponho que sim," disse Holo, finalmente desviando o olhar.

Klass deixou cair o queixo e respirou fundo, como se tivesse acabado de sair da água.

"Ainda assim, se isso for tão difícil, você terá dificuldade em dar o próximo passo."

"Er, próximo passo?"

"Sim." A resposta de Holo e sua ação foram simultâneas.

Imediatamente depois disso, Klass teve certeza de que ele havia morrido.

Ele não só não conseguia se mover, mas também não conseguia respirar ou piscar.

"Heh."

Klass não soube dizer se Holo realmente deixou escapar uma risada ou se a sensação do dedo dela traçando suavemente sua orelha o fez imaginar uma.

O que ele *poderia* dizer é que Holo passou os braços em volta do pescoço dele e descansou a cabeça em seu ombro.

O silêncio continuou por um tempo.

Sua orelha esquerda começou a formigar, o que ele percebeu mais tarde ser por causa da sensação da respiração de Holo.

Ele não tinha ideia de porque ela estava fazendo isso.

Era como um sonho e sufocante ao mesmo tempo.

"Meu Deus, se eu fosse te morder assim, é como se você fosse morrer na hora."

As palavras de Holo foram como uma mão enfiada na sua mente.

Embora ela obviamente estivesse fazendo uma piada, nada sobre isso parecia engraçado para Klass, e ele finalmente conseguiu virar a cabeça.

O que encontrou seu olhar foi o brilho do luar sobre os lindos olhos âmbar e as presas sobrenaturalmente brancas.

Isso e seu perfume vertiginosamente doce.

Mesmo neste estado, com seu campo de visão inclinado, a única coisa que podia ver estranhamente claro eram aquelas coisas brancas, seus lábios curvados para revelá-los.

Naquele momento, ele realmente acreditou que ela estava prestes a devorá-lo.

Quando a boca de Holo com suas presas se aproximou dele, alguma parte de sua mente entorpecida murmurou que ele nem se importaria se ela o fizesse.

Uma sensação semelhante à sonolência o fez fechar os olhos.

Tudo o que restou foi seu cheiro.

E então —

"…"

Holo não devorou Klass.

"Ei, não posso devorar você assim", disse ela levemente, libertando-o repentinamente de seu abraço.

Naquele instante, Klass teve a sensação de que todas as camadas oníricas que o envolveram estouraram como bolhas.

Não — elas de fato *estouraram*.

Ele ficou atordoado por um momento, então olhou para Holo como se ele tivesse deixado cair seu doce favorito no chão.

O que aconteceu a seguir fez com que seu coração se partisse ao ver seu rosto distante.

Holo deu uma risadinha. “Quando você me olha assim, fico com vontade de continuar.”

Ela bateu no nariz dele com o dedo indicador, e ele soube que estava brincando.

Klass finalmente percebeu isso.

Haviam brincado com ele.

“Não fique com raiva. Não é como se eu estivesse me oferecendo apenas por você me proteger.”

“Huh?” Como um cão bem treinado, Klass olhou na direção em que Holo assentiu. “Oh—” Sua boca congelou na forma de um grito. “A-Arye—!”

Ele não conseguiu terminar a palavra.

No final de seu olhar estava Aryes, que deveria estar dormindo a uma curta distância.

Ela estava ligeiramente apoiada, o rosto meio escondido — *propositalmente?* Klass se perguntou — por baixo do manto que ela estava usando como cobertor. Sob aquele manto, saiu seu olhar ilegível e sem cor, para o qual Klass não teve resposta.

Logo depois de perceber que suas costas começaram a suar frio, Aryes desviou os olhos, como fizera quando vira o coelho no campo.

Klass se sentiu como se tivesse sido pego fazendo algo muito ruim. Não — isso *foi* muito ruim.

Embora ele não soubesse exatamente *o que* era tão ruim, seu cérebro corria em círculos tentando inventar algum tipo de desculpa.

Ao lado dele, Holo riu em voz baixa.

Ela ainda não o havia soltado inteiramente de seus braços, então ele podia sentir sua risada; era como o som de um coelho batendo forte para alertar sobre o perigo que se aproximava.

“Ouvi dizer que o amor brilha mais quando sua estrada tem muitos obstáculos”, disse Holo.

"N-não, isso não é —!"

"Bem, então não há necessidade de se preocupar, não é?" ela disparou de volta.

Ele a olhou com ressentimento, mas ela parecia considerar seu olhar severo como um suave raio de sol primaveril. "Isso não vai dar certo. Quando vejo um filhote tão adorável, não consigo deixar de provocá-lo," falou, soltando-o levemente de seus braços. Ela se espreguiçou com um gemido, então balançou a cauda grandiosamente.

Ele se sentia como um cachorro que foi espancado em uma briga de mentira, e a comparação não era apenas hipotética.

Porque, afinal, ela brincou com ele novamente.

"Você não pode ficar observando algo avidamente o tempo todo," Holo sussurrou para que Aryes, que sem dúvida estava prestando atenção, não pudesse ouvir. Inclinando a cabeça, ela continuou. "Mas você aprendeu algo agora, certo?"

"Huh?" ele respondeu, sem entender.

O rosto de Holo parecia irritado. "Ah, está bem," disse ela, balançando a cabeça. "Mas saiba disso: não são apenas os lobos que vão mostrar suas presas vocês dois. Longe disso, já que ela é uma jovem donzela."

"O qu—?"

"Você tem tanto charme enquanto é pequeno. Agora tudo que você precisa é coragem." Essas últimas palavras foram ditas enquanto Holo se levantava e bagunçava o cabelo de Klass.

Ele empurrou a mão dela com raiva, mas Holo apenas riu e caminhou despreocupada de volta para onde havia dormido.

Seus movimentos eram tão leves que era fácil pensar que a discussão que acabara de acontecer não passava de um breve sonho.

Em todo caso, ele viu Holo se afastar; ela não explicou suas últimas palavras.

Ele caiu e deixou escapar um suspiro mais de alívio do que de desânimo por ter sido libertado por Holo, a loba.

Então ele estendeu a mão para arrumar o cabelo despenteado, mas de repente parou.

Seria uma pena endireitá-lo, ele percebeu, já que era como um marco pelo qual ele poderia continuar o sonho.

Assim que Holo chegou ao seu destino, ela pareceu ter uma conversa abafada, imediatamente após a qual Aryes encontrou os olhos de Klass por um breve instante.

De repente, ele sentiu que seria uma péssima ideia deixar seu cabelo despenteado.

Klass se ajeitou e suspirou novamente.

Holo e Aryes conversaram baixinho por um tempo, mas acabaram ficando em silêncio.

Klass aproveitou a oportunidade para voltar para onde estava dormindo.

Ele estava muito cansado e de repente sentiu que estava ainda mais perdido.

"Mesmo assim," ele murmurou sob seu cobertor.

Havia uma coisa que entendia.

Embora as duas pudessem cheirar bem, Holo e Aryes não eram nada parecidas.

E se ele tivesse que escolher de qual gostava mais…

Klass fez a pergunta a si mesmo, mas bateu com a cabeça antes de responder.

A noite estava passando.

Ele suspirou tão fortemente que parecia que seu cobertor iria explodir.

Um estranho sentimento de culpa o impediu de olhar para Aryes na manhã seguinte.

Mas Holo parecia ter remendado as coisas muito bem, pois, depois que Aryes terminou suas orações matinais, ela o cumprimentou com a mesma alegria de sempre, sem hesitação ou constrangimento.

Ele estava honestamente aliviado com isso, mas um sentimento de solidão persistia em seu peito.

Klass ficou surpreso ao perceber que esperava que Aryes tivesse entendido mal e, portanto, estivesse de mau humor.

Ao dizer rapidamente a si mesmo que certamente não queria atrair a afeição de Aryes, ele começou a se considerar cada vez mais tolo.

E mesmo assim — pensou.

Ele tentou mudar mentalmente as posições de Holo e Aryes e imaginar a situação que se seguiu.

Em sua mente, Holo era misteriosamente encantadora.

"…Oh."

Sentindo-se um pouco mais inteligente, ele acenou com a cabeça para si mesmo, mas então, com um estalo, seu devaneio acabou.

Ele olhou para cima para ver o rosto de desagrado de Holo.

"Anda. Você não vai comer? Você é o último a terminar de novo."

Klass se assustou com o golpe repentino, mas, ao mesmo tempo, ficou repentinamente preocupado com a possibilidade de o conteúdo de sua imaginação ter sido visto de alguma forma.

Ele enfiou o pão de trigo que Holo mais uma vez colocou em sua boca, engolindo-o junto com seus pensamentos secretos.

"Comer com pressa é uma arte por si só", murmurou Holo, parecendo tão entediada que os eventos da noite anterior poderiam nunca ter acontecido.

Klass não pôde deixar de se sentir um pouco desapontado, mas evidentemente ela não estava lendo sua mente. Ele suspirou de alívio.

Ele mais uma vez acabou carregando a bagagem de todos e começaram a caminhar.

Hoje, Holo e Aryes caminhavam lado a lado com o sobrecarregado Klass caminhando à frente.

Ele inclinou a orelha para tentar ouvir a conversa animada; parecia que ainda estavam falando sobre bebidas alcoólicas. Embora um momento atrás o vinho de uva fosse o assunto, elas agora estavam discutindo sobre algum tipo de vinho marrom feito com pão.

De qualquer forma, tendo sofrido uma derrota nas mãos do vinho antes, esse não era um assunto que interessasse profundamente a Klass.

O suco de framboesa misturado com água e mel era um deleite muito mais saboroso, em sua opinião.

No entanto, Klass não teve coragem de se virar e contar isso ao som de risadas atrás de si.

Fazer isso apenas provocaria sorrisos tristes de piedade, ele tinha certeza.

Ele manteve a liderança, emburrado por ter sido deixado de fora da conversa, quando percebeu que bosques de arbustos e blocos de pedras estavam se tornando mais frequentes.

A paisagem estava começando a mudar das planícies para bosques e, do topo das colinas, as formas escuras das árvores eram visíveis.

A floresta se espalhava à sua direita e, ao longe, havia uma pequena montanha visível.

Em contraste, a vista à esquerda era toda grama alta e matagais, e se ele olhasse de perto, ele poderia ver piscinas de água pontilhando a área. Estava se tornando um pântano.

“É uma vista linda,” disse Holo, ao lado de Klass, e ao lado dela estava Aryes, que levou a mão à boca, surpresa.

E agora que ela mencionou, Klass percebeu que, embora tivessem escalado muitas colinas, esta foi a primeira vez que viram um cenário como este.

"Cenário bonito, hein?" — disse Klass com orgulho, olhando para uma Aryes surpresa — mas Holo estava entre eles e ela deu uma cotovelada em Klass.

Ignorando Holo e Klass, Aryes olhou para longe, apreciando a vista, depois falou com a voz hesitante.

"Er, é … isso é o mar?" ela perguntou, apontando na direção do pântano.

"Não, isso é um pântano", disse Klass.

"Pântano?"

"É uma espécie de lagoa. Mas é mais raso e turvo."

Aryes acenou com a cabeça em compreensão. Um pântano significava que haveria bagres, e Klass queria muito pegar um dos peixes estranhos e mostrá-lo a Aryes, só para ver sua reação. Ignorando isso, Aryes continuou. "Então —" ela perguntou, "o mar é algo assim?"

"O mar é muito, muito maior!"

Klass nunca tinha visto o mar pessoalmente, mas tinha ouvido falar dele. Conforme ele explicou, ele traçou um grande círculo no ar com os dois braços, momento em que Holo interrompeu.

"E quão grande é?"

"O qu—?" disse Klass, sem palavras. Aryes desviou o olhar do pântano e olhou para Klass interrogativamente.

Depois de se atrapalhar por um momento em busca de uma resposta, Klass repetiu o que lhe contaram sobre o mar. "É tão grande que não importa para onde você olhe — esquerda, direita, sempre à frente — tudo o que você pode ver é o mar."

Com essa explicação, Aryes exalou sua admiração, enquanto Holo, sendo Holo, pareceu perceber que Klass nunca tinha realmente visto o mar. Ela sorriu.

Felizmente, porém, Klass não prosseguiu com o assunto e Aryes sorriu e disse: "Espero que possamos ver isso em breve". Aturdido com o sorriso repentino que lhe foi mostrado, Klass acenou com a cabeça vagamente apenas para ser surpreendido por Holo pisando maliciosamente em seu pé.

"Então, vamos passar entre a floresta e o pântano. A cidade não fica muito longe, mas..." explicou Holo, mastigando um pedaço charque enquanto o trio fazia a refeição do meio-dia.

A explicação dela parecia implicar em algo desagradável, então Klass pergunto:. "A estrada é difícil?"

"Não. Quando vim da cidade por aqui, não foi tão difícil. É muito mais rápido cortar a floresta — e mais perigoso. O que me preocupa não é a estrada, mas o que está além dela."

"Além?"

"Sim. Para ser franca, quero dizer o estado de sua bolsa de moedas."

Ouvindo isso, Klass desamarrou sua trouxa e enfiou a mão nela, ainda mastigando um pedaço de carne seca que pegara de Holo.

Nele estava o dinheiro que recebeu de viajantes e outros visitantes da mansão.

Depois de vasculhar, ele finalmente mostrou cinco moedas. Todas eram menores do que a ponta de seu polegar, e três delas eram quase todas pretas com manchas verdes; as outras duas estavam enferrujadas e acinzentadas.

Elas eram os bens mais valiosos de Klass por um longo tempo.

"Oh ho, então esta é a sua fortuna, não é?" disse Holo, ligeiramente surpresa. Klass acenou com a cabeça orgulhosamente.

Viver meio ano com isso pode ser difícil, mas ele tinha certeza de que conseguiriam sobreviver por pelo menos três meses.

"Isso é dinheiro?" perguntou Aryes, olhando para a moeda na palma da mão de Klass.

"Claro que é."

"Fui ensinado que o dinheiro é a raiz de todos os males. Mas não é nada como eu pensava."

Klass se divertiu imaginando como ela *achava* que seria.

Por um momento, ele não compreendeu as palavras que ouviu em seguida.

"Não tenho certeza se isso vai comprar um pedaço de pão", disse ela.

Houve uma pequena pausa; então Klass respondeu. "Huh?"

"Não entendo bem o que se chama dinheiro. Posso saber rapidamente a qualidade de uma pele, portanto, geralmente não é um fardo, mas…"

Enquanto ela falava, Holo mexia em suas próprias coisas assim como Klass havia feito e tirou uma pequena bolsa.

Desamarrando o cordão branco e roxo, ela esvaziou o conteúdo na palma da mão aberta.

O choque que atingiu Klass ao vê-las não foi diferente de ser atingido na cabeça.

"Eu acho que isso comprou um pão. Com esta prata, você pode comprar muito. O que você acha? Eu não sei os detalhes, mas você pode dizer a diferença entre isso e o seu, não pode?"

Klass entendeu tão bem que doeu.

Na palma da mão de Holo estavam moedas grandes e grossas esculpidas com uma complexidade surpreendente.

Os que ela disse que comprariam um pão eram de uma bela cor marrom-avermelhada, enquanto os que comprariam muitos pães eram de uma cor branco-prateada mais ousada e opaca.

"O simples fato de estar na cidade custa dinheiro, para não falar do pão que você precisará comprar para continuar sua viagem. O que você pensa em fazer?" disse Holo, colocando suas próprias moedas de volta na bolsa.

O som que eles fizeram não foi um tilintar leve, mas sim um forte *clink*.

Assim como quando compreendeu o vasto tamanho do mundo, Klass sentiu seu peito se encher de raiva e tristeza.

Holo não estava errada, e ainda assim ela parecia uma vilã naquele momento, e ele tentou encontrar palavras para atirar, mas elas não vieram.

Parecia que sua única resposta seriam lágrimas, outra pessoa interrompeu.

"O pão é fruto do trabalho. Se trabalharmos, ficaremos bem," disse Aryes, dirigindo um sorriso para Klass.

Ela estava tentando ser atenciosa com ele.

Seu rosto ficou vermelho e ele reconsiderou as opções, enxugando furiosamente as lágrimas dos olhos. "I-isso mesmo. Se trabalharmos, tudo ficará bem."

"Mm," disse Holo, balançando a cabeça, mas sem sorrir. Exibindo suas presas e mordendo outro pedaço de carne seca, ela continuou. "E se um dia de trabalho árduo não trouxer comida para um dia inteiro? O que farão?"

"V-vamos apenas trabalhar mais duro!" Klass não estava totalmente confiante, mas lançou um olhar furtivo para Aryes, que concordava com ele.

Isso lhe deu um pouco de coragem e ele olhou para trás, para Holo.

"Você vai trabalhar mais duro, não é? Sim, e então a questão é se há trabalho para você."

Isso foi mais uma brincadeira de Holo. Klass adivinhou e abriu a boca para responder, mas Holo o interrompeu.

"Há muitos adultos que não conseguem encontrar trabalho na cidade — você acha que duas crianças vão conseguir?"

Sua boca congelou na forma de um silencioso "O qu—?"

"Você não tem força nem habilidade e não conhece ninguém na cidade. Ouvi dizer que as coisas são diferentes no mundo humano se você pode ler e escrever, mas…"

Klass, é claro, não sabia ler, mas então se lembrou de que Aryes sabia.

"Você pode ler, certo, Aryes?" perguntou ele, ao que ela deu um leve sorriso.

Agora não havia problemas.

Mas assim que ele pensou isso, Holo suspirou novamente. "Então, o que Klass fará enquanto Aryes estiver labutando?"

Klass sentiu como se uma lança tivesse perfurado seu peito.

"Oh, eu não me importaria se Klass esperasse por mim."

"I-isso mesmo. Vou esperar."

Holo olhou para Klass com os olhos estreitos e mordeu o lábio inferior.

Ele nunca seria capaz de fazer algo tão patético.

"Ainda assim, não consigo imaginar que existam tantos empregos que envolvam leitura e escrita." Holo traçou pequenos círculos no ar com seu pedaço de carne seca, depois cutucou sua bochecha com a ponta pontiaguda e mordida. Klass assistiu a isso, olhando para ela quase rebelde e se perguntando por que ela de repente estava trazendo isso à tona.

Era como se ela estivesse tentando dizer a ele para desistir da viagem.

"No entanto, estive pensando," disse Holo.

Pensando o quê? Klass murmurou interiormente.

Holo desviou seu olhar de belos olhos âmbar para longe. "O que você diria sobre voltar?" Enquanto Klass ficava surpreso e incapaz de responder, ela desviou o olhar à distância. "Daqui poderíamos buscar um pouco de água no pântano e, se você pegasse minha comida, poderia voltar. Não há ganho em se forçar a seguir em frente. E embora você diga que foi expulso da mansão, vocês ainda são crianças. Se você apelar para as emoções deles, tenho certeza de que tudo ficará bem."

Klass entendeu sua proposta muito bem, mas algo nela o encheu de tanta raiva que ele não conseguiu assentir.

De repente, ele percebeu o que era.

Era sua promessa com Aryes.

Eles iam ver o mar.

"Posso dizer o que você está pensando, garoto," disse Holo com uma risada cansada. "Se você continuar com algum objetivo, plano ou destino, o que acontecerá quando sua comida acabar? Quando você não tem dinheiro e não tem trabalho? Você vai implorar? Você vai se sentar na beira da estrada vestido com trapos, coberto de lama e sujeira?"

De alguma forma, ele entendeu o que Holo estava dizendo. Ele sabia que ela estava certa.

E ainda assim ele queria desesperadamente não voltar atrás.

"Você é bastante teimoso," disse Holo.

Imediatamente depois disso, Aryes — que estava ouvindo Holo em silêncio — falou. "E-eu também gostaria de ir e ver o mar. E ver mais do mundo."

Klass olhou para Aryes, sentindo-se subitamente resgatado.

Holo a olhou com os olhos semicerrados. “E?” foi sua única resposta.

“Mas eu sei pouco sobre o mundo. Não posso refutar uma única coisa que você disse, Srta. Holo. E eu aprendi que o mundo está cheio de todo tipo de sofrimento.”

“Sim,” disse Holo, balançando a cabeça, satisfeita.

Klass praticamente podia ouvir seu próprio desânimo.

E pensar que sua promessa de viajar pelo mundo tinha sido tão cara —!

Mas Aryes não continuou. Ela abaixou o capuz, tocando algo em volta do pescoço.

“Aryes?”

Sem se importar com a pergunta de Klass, Aryes finalmente agarrou algum tipo de corrente e puxou-o para fora.

Por baixo de suas roupas emergiu uma pedra verde como um ovo de codorna.

“Isso… isso é…” murmurou Klass, olhando para a pedra que pendia da corrente enquanto brilhava, captando raios de sol de vez em quando.

Parecia exatamente com algo que uma nobre usava ao ser convidada para a mansão pelo senhor.

A notícia chegou até Klass, graças à conversa dos servos mais velhos — principalmente das mulheres.

Era uma joia — tão valiosa que se dizia que poderia comprar uma vila inteira.

“Disseram-me que isso é uma coisa muito preciosa, então talvez pudesse nos comprar um pouco de pão.”

Assim que Klass ouviu essas palavras, ele enfrentou Holo desafiadoramente.

Sua jornada com Aryes era dificilmente impossível.

Ele imaginou o rosto de Holo sem palavras com a réplica — mas a expressão que encontrou seu olhar não era o que ele esperava.

"Oh. Então você *estava* disposta a se separar disso?"

"Huh—?" As vozes de Klass e Aryes aumentaram em uníssono.

"Percebi imediatamente quando estávamos dormindo… O quê, você não percebeu que estava lá, garoto?"

Abalado pela pergunta de Holo, Klass balançou a cabeça.

Ele não tinha notado nada.

"Você deve ter se distraído com a suavidade, hein?"

"N-não, não estava!" Klass gritou com raiva em resposta à pergunta maliciosa e ao sorriso de Holo.

"Bem, em todo caso, se você estiver disposta a renunciar a isso, você estará segura por um tempo."

"Então —" começou Aryes, mas Holo a interrompeu.

"No entanto, você está realmente preparado para fazer isso? As pedras preciosas têm um significado especial, não importa a época ou nação. Se for uma lembrança de alguém, você pode querer repensar sua decisão."

"Não, eu não sei de quem recebi isso — apenas que o padre disse que se algum dia eu me encontrasse em apuros, isso me ajudaria. Acho que agora é a hora."

Holo coçou a ponta do nariz com a resposta de Aryes, depois falou devagar, como se estivesse pensando com cuidado. "Você diz que não sabe de quem o comprou? Tem algo escrito aí. O que é isso?"

"É meu nome."

As orelhas de Holo se ergueram. "Só o seu nome?"

“Não, meu nome e uma mensagem curta. Diz… ‘Eu entrego isso para Aryes, minha filha.’”

Os olhos de Holo se arregalaram e ela olhou de repente para Klass, seu dedo ainda tocando seu nariz.

“O que?” perguntou Klass com os olhos. Se dissesse: “Para minha filha”, significava apenas que era um presente de um dos pais.

“Sim. Essa é uma joia valiosa, de fato. Não é algo que qualquer um poderia dar a uma criança. Certamente você entende muito bem o que isso significa.”

Um curto “Ah—” escapou dos lábios de Klass.

O pensamento inimaginável ficou preso na base de sua garganta.

O olhar de Holo mais uma vez caiu sobre ele, como se fosse um tolo que ela não soubesse mais como responder.

Aryes era a única que simplesmente ouvia as palavras de Holo.

“Então, quem você acha que deu uma coisa dessas para você?” Holo perguntou.

“Huh? Er —" disse Aryes. “Deus, suponho.”

Klass pôde perceber claramente a risada de Holo.

“Sinto muito, não entendo—” começou Aryes.

“Seu deus dificilmente sujaria as mãos esculpindo joias. Quem deu isso a você—"

“—Era do senhor da mansão!” Klass deixou escapar, incapaz de se conter.

Os olhos de Aryes desfocaram.

“Aryes, o senhor era o seu —”

Pai.

Mas era uma noção tão absurda que, apesar da prova, ele não conseguia dizer as palavras.

No silêncio resultante que se seguiu, Aryes olhou para a joia verde e falou, atordoada. “O qu…? Eu… mas… o senhor da mansão é… Deus?”

“Não! Aryes, você é a filha do senhor, e o senhor é um humano!”

“Mas —”

Klass não tinha ideia do que dizer à perturbada Aryes, mas à medida que seu tom ficava mais estridente, Holo falou baixinho.

“Como é que se fala? ‘Somos todos filhos de Deus’ ou algo assim.”

Aryes assentiu com firmeza.

“Sim.”

Klass achou isso ridículo.

Ele estava prestes a dizer isso em voz alta quando alguém o agarrou pela nuca.

Era Holo — não havia mais ninguém lá.

“Até eu entendo os costumes humanos. Isso não é algo que você deveria dizer agora.”

Repreendido pelas palavras de Holo, Klass se encolheu.

Holo não disse mais nada e o soltou, suspirando.

“Como alguém que viveu por muito tempo, não acho que essa pedra seja algo que você deva se desfazer”, disse ela calmamente.

Se Aryes era a filha do senhor e aquela pedra havia sido dada a ela por ele, então agora seria sua única lembrança.

Mesmo Klass não queria continuar sua jornada se tivesse que vendê-la para fazê-lo. Ele se perguntou se eles realmente teriam que voltar.

E se a revelação sobre o pai de Aryes fosse verdade, então mesmo que eles retornassem à mansão, eles poderiam não ser capazes de simplesmente retomar sua vida anterior.

Ele agora considerava a proposta de Holo de forma mais racional do que antes, seu olhar no chão.

A jornada deles foi curta, mas ele não podia dizer que não tinha sido divertida.

Ele se sentiu um pouco melhor, pensando dessa forma.

Klass olhou lentamente para Holo. “Senhorita Holo, eu realmente acho que nós —”

Holo olhou para ele por cima do ombro.

Foi um movimento rápido totalmente fora do comum.

As palavras de Klass ficaram presas em sua garganta com a rapidez do ocorrido, e ele a observou.

Mas Holo não estava olhando para Klass.

Seu olhar estava fixo bem atrás dele, na direção de onde eles tinham vindo.

“Nunca chove, mas quando chove é uma tempestade, hein?” ela murmurou, levantando-se.

“S-Srta. Holo…?” Aryes permaneceu sem palavras e Klass finalmente conseguiu chamá-la pelo nome.

Holo agora olhou para trás, para Klass.

Seu rosto não tinha nenhum traço de sorriso, e suas presas apenas enfatizavam a concentração aguda de sua expressão.

“Ouça, o irmão mais novo de Antheo, aquele que te mandou embora, ele parecia um homem gentil?”

Outra pergunta repentina.

Mas este Klass poderia responder imediatamente.

“Não.”

“Então, o que você acha que um homem, que veio para tomar o lugar de seu irmão mais velho, faria se descobrisse que já existe um sucessor direto?”

Klass não conseguiu responder a essa pergunta de imediato.

Não — ele *não queria* responder.

A herdeira seria morta.

“Vocês dois têm muita sorte de ter escapado antes de perceberem,” Holo murmurou, sorrindo. “Você tem tanto charme quanto sorte. O que mais alguém precisa?”

Klass se lembrou das palavras de Holo na noite anterior.

Seu estômago queimava como se ele tivesse engolido um pedaço de carvão em brasa.

“Aryes, levante-se”, disse Klass, juntando suas coisas e preparando a vara que usava no lugar de um cajado.

“Eles ainda estão longe, mas — maldição — eles não estão vindo em paz. Já é ruim o suficiente estarmos sendo seguidos, mas será um problema se de fato formos flanqueados.”

Klass esperou um momento para olhar para Aryes. Ele então cerrou o punho e olhou para Holo.

“Então eles estão atravessando a floresta? Venha —"

Klass assentiu com as palavras. “Aryes —” ele disse.

Aryes, como sempre, parecia não entender a situação; ela segurou sua esmeralda com força.

Ela era apenas uma garota, uma garota inocente e ignorante.

Klass não bebia vinho, não sabia ler ou escrever e nem era tão alto quanto ela.

E mesmo assim —

“Vai ficar tudo bem. Estou aqui “, disse ele simplesmente, estendendo a mão para Aryes.

Ela o olhou, os olhos se arregalando um pouco surpresa. Ele percebeu que Holo os estava observando de perto e de repente sentiu-se constrangido.

"…Tudo bem", disse ela com um pequeno aceno de cabeça, hesitantemente pegando a mão estendida de Klass.

Sua mão era suave e esguia e seu aperto incerto.

"Vamos lá."

Protegerei esta mão suave, Klass jurou para si mesmo, e Aryes assentiu como se pudesse ouvi-lo.

Holo começou a correr.

Segurando a mão de Aryes, Klass saiu correndo atrás dela enquanto se dirigiam para a floresta.

Eles não correram pela grama alta, mas nadaram nela.

Tendo passado a primavera, a floresta transbordava de vida e, mais de uma vez, pareceu a Klass que estavam correndo pela barriga de algum grande ser.

A copa da floresta era tão densa que obstruía a maior parte do céu.

Qualquer pele exposta — bochechas, pescoço, mãos — ficava imediatamente coberta de arranhões e, apesar do capuz, até mesmo Aryes percebeu que os cantos dos olhos estavam avermelhados com escoriações, como se ela tivesse chorado muito.

No entanto, era uma sorte que os arbustos e a grama servissem para esconder seu caminho, e ainda havia trilhas de pedras e raízes. Na liderança, Holo estava escolhendo o caminho enquanto corria, então tudo que Klass precisava fazer era segui-la, o que não era muito difícil.

Se Holo não estivesse lá, Klass estaria encalhado, incapaz de distinguir o caminho da floresta, ocasionalmente tropeçando nas nascentes e riachos que corriam sob os pés. Até mesmo pensar nisso era o suficiente para fazê-lo estremecer. Bastaria um passo em falso em

uma raiz coberta de musgo para transformá-lo em um homem ferido, e pronto.

À sua direita, a floresta se elevava e, à esquerda, descia para o pântano.

A água corria da direita para a esquerda e, sempre que a encontravam, Holo o avisava, e eles cuidadosamente cruzavam e continuavam.

Enquanto isso, Klass segurava com força a mão de Aryes.

Ele sentiu que, se não o fizesse, ela seria engolida pela floresta.

Para Aryes, que achava as estradas suavemente inclinadas das planícies cansativas o suficiente, viajar pelos caminhos que serpenteavam para cima, para baixo, para a esquerda e para a direita através da floresta tornava sua respiração acelerada e seu peso na mão de Klass aumentava.

Para Klass, era como se seus perseguidores estivessem ativamente puxando Aryes dele, então, por mais difícil que fosse a corrida, ele continuava segurando a mão dela — e ela a agarrava de volta, como se recusasse ser deixada para trás.

Klass se perguntou por quanto tempo eles correriam assim.

O ar espesso da floresta ficou preso em sua garganta, e ele estava tão cansado que nem se importou com a viscosidade dele, quando Aryes finalmente tropeçou em algo e caiu de joelhos.

"Aryes!" Klass parou e gritou freneticamente por cima do ombro.

Assim que ele parou, o suor floresceu. Embora quisesse acreditar que ainda podia correr, o cansaço fez seu corpo da cintura para baixo parecer como se estivesse preso na lama.

Aryes estava cansada demais para andar direito; ela fechou os lábios com força e acenou com a cabeça, como se dissesse: "Estou bem."

Ela parecia muito longe de estar bem.

Mas a realidade de que tinham que continuar correndo obrigou a mão de Klass a se mover, e ele puxou a exausta Aryes de pé.

Ele se sentia terrível a respeito disso. “Seu pé está torcido?” ele perguntou para amenizar sua culpa.

Aryes conseguiu se levantar e ela balançou vertiginosamente, instável por um momento, seus olhos não encontraram os de Klass, mas finalmente ela moveu as pernas um pouco e balançou a cabeça.

Klass relaxou os ombros.

Ele ainda não conseguia dizer a Aryes para prosseguir.

“Qual é o problema?” Holo evidentemente notou que Klass e Aryes não a estavam mais seguindo e voltou atrás.

Vista de costas, Holo parecia voar, mas ela também estava sem fôlego e seu rosto arranhado aqui e ali. A cauda de que ela tanto se orgulhava tinha espinhos e grama e estava afofada, fazendo-a parecer quase zangada.

“Aryes — ela tropeçou.”

“Ela torceu alguma coisa?”

Com a pergunta, Aryes balançou a cabeça novamente.

“Então devemos continuar correndo, ou estaremos em apuros. Ainda temos um pouco a correr.”

Klass não queria saber a distância exata.

Se estivessem mais da metade do caminho, ele tinha certeza de que Holo diria isso para animá-los, então não deviam ter chegado tão longe ainda.

Embora ele não quisesse saber a distância que os separava, ele queria saber o que os separava de seus perseguidores.

Klass olhou esperançoso para Holo, que sorriu e puxou uma folha que estava presa em sua testa. “Por que, se o pior acontecesse, você usaria aquele cajado no lugar de uma lança, não é?”

Seus olhos bondosos estavam tentando suavizar a realidade aterrorizante, Klass imaginou. Ele simplesmente balançou a cabeça, agarrou seu bastão com tanta força que doeu.

"Em todo caso, desde que cheguemos à cidade antes de nossos perseguidores, ficaremos bem por um tempo. Venha, vamos," disse Holo e voltou a correr.

Se eles pudessem apenas chegar à cidade —

Klass se agarrou a essa única esperança e começou a correr com Aryes.

Na mansão em que Klass servira, havia pessoas mesmo abaixo de sua posição que dormiam no canto do celeiro entre os porcos em pilhas de palha infestadas de piolhos. Eram escravos cuja língua ele mal entendia, endividaram-se e foram vendidos ou feitos prisioneiros de guerra. Eles eram forçados a fazer o trabalho mais difícil — consertar as grades das uvas ou limpar novas terras agrícolas.

Até Klass odiava o trabalho que tinha que fazer, tanto que quatro dias da semana ele alimentava fantasias de fuga. Os escravos frequentemente *escapavam*, ao que o mordomo barbudo cavalgava no lugar de seu frequentemente ausente senhor, vestindo armadura e arrebanhando os fugitivos.

Eles também abraçaram aquela única esperança e fugiram.

Se eles conseguissem chegar dentro dos muros de uma cidade, havia uma regra que dizia que seus perseguidores não poderiam recapturá-los lá dentro.

O ar da cidade libertava as pessoas.

Klass murmurou as palavras para si mesmo, incerto, agora sentindo uma dolorosa simpatia por aqueles pobres coitados.

Quando três escapavam, era comum dois deles serem capturados e espancados.

Se fossem capturados, seriam chicoteados? Ou — eles seriam enforcados?

Os gritos dos escravos espancados e o som do chicote em suas costas ecoaram em sua mente. Era um som como um relâmpago caindo sobre eles, pele, carne e sangue de suas costas voando para o ar, claro na visão de Klass.

Quanto mais Klass pensava nisso, com mais força ele inconscientemente agarrava a mão de Aryes.

"Deus está sempre cuidando de nós", disse Aryes gentilmente, sorrindo apesar de suas bochechas enrijecidas pelo cansaço — parecia que suas preocupações haviam sido transmitidas por meio de seu aperto.

Ele tinha que perseverar.

Rangendo os dentes, Klass engoliu suas terríveis imaginações.

"Vamos lá."

Aryes assentiu com as palavras de Klass e começou a correr como um pássaro batendo as asas pela primeira vez.

Assim que passassem pela floresta e chegassem à cidade, Klass não conseguia imaginar o que aconteceria a seguir.

Aryes venderia a joia dada a ela por seu pai ou Klass e Aryes juntos tentariam trabalhar e ganhar a vida?

Ou eles voltariam a carregar suas sacolas cheias de comida e água e seguiriam em direção ao mar?

Holo conduziu os dois pelas profundezas da escuridão da floresta.

Sua forma era leve, mas de alguma forma robusta e confiável; quando ela olhou por cima do ombro e sorriu, Klass não tinha medo de qualquer matilha de lobos que pudesse aparecer.

Desde que chegassem à cidade, tudo ficaria bem. Eles conheceram Holo, e ela os ensinou muito — Klass sabia que ela poderia ensiná-los ainda mais.

Tudo o que tinha para pensar agora era segurar a mão de Aryes e correr.

Enquanto o peso de sua mochila pesava, ele pensava nisso e corria.

O terrível grito que pareceu dividir a floresta foi totalmente inesperado.

"—!"

Klass parou bruscamente e Aryes, impulsionado por sua inércia, esbarrou em seu ombro e passou um pouco por ele.

Ela não se desculpou, porque seus olhos estavam esbugalhados enquanto olhava para a floresta.

O grito agudo soou como uma galinha sendo estrangulada.

Era algum tipo de pássaro? Klass se perguntou.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, o grito soou novamente, e houve o som de asas batendo.

"…Um pássaro?" ele murmurou, de alguma forma superando o desejo de desabar no chão em exaustão.

Aryes fez uma careta de terror e tapou os ouvidos.

Klass ouviu novamente o som de asas e teve certeza de que era um pássaro.

"Aryes, você está bem? É apenas um pássaro."

"Um… um pássaro…?"

Seu olhar duvidoso desmentia o fato de que ela nunca tinha imaginado um pássaro fazendo tal grito.

Klass já tinha visto pássaros grandes o suficiente para roubar uma criança antes, então ele foi capaz de responder com segurança: "Isso mesmo" e pegar a mão de Aryes mais uma vez. "Esqueça isso. Temos que alcançar a Srta. Holo!" disse, olhando para frente e começando a dar um passo antes de parar.

À frente deles, na estrada que começava a virar para a direita e para cima, Holo havia parado, de costas para eles.

Não parecia que ela estava esperando que Klass e Aryes a alcançassem.

Sua cabeça estava abaixada, e apenas suas orelhas se moviam, sacudindo para frente e para trás com mais intensidade do que as de um coelho.

“Senhorita Holo —”

Holo olhou para trás tão de repente que Klass não teve certeza se era porque ele a chamou ou não.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, ele percebeu que o olhar de Holo havia se deslocado para trás deles — pelo caminho que acabaram de correr.

Havia apenas uma coisa que ela poderia estar olhando naquela direção com um olhar tão impassível.

Klass engoliu em seco e observou Holo, que desceu correndo a colina na direção dele e de Aryes. Seu olhar fixo na direção de onde eles vieram, ela falou.

“Parece que nossos perseguidores não estão vindo.”

“O qu—?” Klass ergueu os olhos de repente para o rosto de Holo, mas sua concentração permaneceu focada na distância que eles percorreram.

“Isso é algum tipo de armação? Mesmo…”

“T-talvez eles estejam perdidos…?”

“Possivelmente. Vou dar uma olhada,” disse Holo, finalmente olhando para Klass com um sorriso. “Vocês dois deveriam descansar. 'Seria perigoso para você correr por mais tempo. Não há nada a temer; Eu estarei de volta em breve,” disse ela definitivamente, voltando para o caminho depois de dar um tapinha de leve no ombro de Klass.

Ele, é claro, não podia pará-la e simplesmente observou sua forma desaparecer na floresta. Ele se perguntou se ela ficaria bem sozinha, e também havia o medo de ser simplesmente esquecido e abandonado.

Grato pela chance de descansar, ele olhou para trás, para Aryes, quando seus olhos se arregalaram e ela gritou.

“O quê— ah —Aryes!”

Aryes caíra de costas como se as cordas tensas que a seguravam tivessem sido cortadas — só correndo para o lado dela e segurando-a nos braços é que ele conseguiu impedir que ela caísse completamente. Sua respiração não era irregular nem silenciosa, e seus olhos se fecharam de exaustão.

Ele se lembrou de alguns dias antes, quando apesar de sua exaustão, ele a empurrou além de seu limite e ela desabou no meio da estrada. Na época, ele estava apavorado, e pensar nisso agora o deixava gelado.

Enquanto segurava Aryes e olhava para o rosto dela, ele ouviu uma voz mansa e delicada dizer: “Água”.

“Água? E-espere um momento —"

Apoiando Aryes com um braço, ele largou as bolsas das costas, balançou freneticamente o odre de água do ombro e o abriu. A maior parte da água já tinha acabado, mas ele não hesitou em abrir a boca de Aryes.

Aryes não abriu os olhos, mas quando percebeu que a abertura do recipiente estava próxima, ela abriu a boca e Klass a ajudou a beber com cuidado.

No início, talvez por causa do quão seca sua boca já estava, ela pareceu engasgar, mas logo bebeu a água com facilidade.

Sem saber quando a água iria parar, Aryes fechou a boca e a água escorreu da pele ainda inclinada. Umedeceu suas bochechas e roupas, mas ela não ficou nem zangada nem surpresa e simplesmente sorriu.

“Você se sente mal?” perguntou Klass, o que Aryes fez que não com a cabeça.

Sua cor não parecia muito ruim, então Klass sentiu que podia confiar nela.

Depois de beber um pouco de água e se acalmar, a respiração de Aryes ficou lenta e profunda.

Quando Klass estava preocupado que ela pudesse adormecer, ela se contorceu um pouco e sua mão esquerda agarrou a direita de Klass.

Os olhos de Aryes permaneceram fechados.

A mão dela era leve e fraca como se fosse feita de cortiça, e ele retribuiu o aperto, com o que seus olhos finalmente abriram ligeiramente, e ela sorriu.

Aquele sorriso — aquele sorriso fosforescente e fracamente brilhante que trazia alívio e paz de espírito.

Ao ver isso, o coração de Klass bateu tão forte que doeu.

No momento em que tentou expressar em palavras a sensação que crescia em seu peito, Aryes deu o que parecia ser um suspiro suave.

Quando percebeu que era na verdade um bocejo, Klass voltou a si, seu rosto caindo de desânimo.

“Oh, você está com sono?”

Ele teve de sorrir, o que Aryes pareceu achar um tanto constrangedor.

Seu lábio torceu ligeiramente.

“Você deveria dormir um pouco”, ele murmurou, enxugando um fio de água que escorreu no queixo de Aryes.

Mesmo uma pequena quantidade de sono pode fazer uma diferença surpreendente na quantidade de exaustão que alguém sente.

A sonolência provavelmente tomaria conta de Aryes, quer ela dissesse que estava tudo bem ou não, mas, após uma breve pausa, Aryes assentiu educadamente.

Então ela encontrou uma posição confortável e, quando se reclinou contra Klass, já estava dormindo.

O corpo macio de Aryes afundou em seus braços.

Ela era um pouco mais alta, mas isso não a impediu de desmaiar, o que lhe permitiu preservar um pouco de seu orgulho viril.

Ele gostaria de deixá-la dormir profundamente por um tempo, mas isso seria difícil. *Se Holo demorasse um pouco mais para retornar*, ele não poderia deixar de pensar.

Ao mesmo tempo, parte de Klass queria que Holo voltasse o mais rápido possível.

O meio da floresta estava escuro e muito quieto.

Ele não tinha certeza do que faria se Holo não voltasse. Ele estava perfeitamente ciente, porém, que a incerteza não levaria a nada.

Portanto, o medo era inútil.

Ele balançou a cabeça para banir tais sentimentos e respirou fundo para se encorajar.

Mas mesmo que conseguisse se livrar de sua inquietação, não poderia escapar das muitas realidades desagradáveis que se aproximavam.

Depois de usá-lo para dar água a Aryes, Klass descobriu que o odre de água estava agora totalmente vazio e mesmo agora jogado no chão.

Se ele não pudesse enchê-lo de água em algum lugar, era duvidoso que eles fossem capazes de montar acampamento e dormir, a sede seria muito forte.

No momento em que começou a pensar em água, a sede ficou mais difícil de suportar.

Ele olhou para Aryes enrolada em seus braços como um coelho e pensou.

Enquanto corriam pela floresta, eles cruzaram tanta água que começou a se perguntar se todo o lugar estava inundado. Se ele apenas olhasse um pouco, parecia que ele estaria capaz de encontrar um riacho.

Depois que começou a considerar isso, não conseguiu se conter.

Foi difícil soltar as mãos de Aryes, macias como massa de pão, mas lentamente soltou os dedos e cuidadosamente reorganizou as bolsas para apoiar os ombros dela.

Isso não ocorreu sem um sentimento de culpa, mas ele não poderia vencer a terrível sede dentro de si.

Assim que confirmou que Aryes ainda dormia pacificamente, Klass pegou o odre de água e se levantou.

Parecia que sua garganta doía mais a cada instante.

Repetidamente, ele tentou engolir saliva inexistente, imaginando que fosse água fria.

Ele olhou ao redor, procurando por plantas que pareciam crescer perto da água.

Seria perigoso se afastar muito do lado de Aryes, então girando em um círculo, como um urso, procurou por um local provável e logo encontrou um.

A uma curta distância, ele notou uma enorme árvore coberta de musgo e, atrás dela, encontrou um fio d'água.

No entanto, a pequena quantidade dificilmente poderia ser bebida, para não falar de encher o odre de água.

Após um momento de hesitação, Klass começou a caminhar rio acima.

Enquanto subia, com cuidado para não escorregar no musgo, ele logo chegou a um pequeno penhasco.

Ele espiou por cima da borda e, antes mesmo que pudesse dar um grito de alegria, imediatamente começou a procurar uma maneira de descer.

Na base da queda, não mais alto do que ele, havia uma grande lagoa — talvez onde muitos desses filetes corressem juntos e se acumulassem.

A água estava muito clara e a base da lagoa parecia ser de areia.

Em qualquer caso, Klass se obrigou a ser paciente enquanto empurrava a grama e circulava a piscina, tomando cuidado para não tropeçar no terreno repentinamente rochoso ao se aproximar — e então percebeu algo.

O lugar de onde ele avistou a lagoa pela primeira vez ficava diretamente acima de uma caverna, e a piscina parecia continuar dentro dela.

A entrada era muito apertada para que Klass pudesse passar, mesmo agachado, então ele não sabia o quão longe a caverna ia.

Mas o que ele queria era a água, a visão da qual era o suficiente para trazê-lo de volta aos seus sentidos.

Ele se ajoelhou e tomou um gole.

Não havia como Klass expressar a alegria que sentiu naquele momento.

A água estava fria e úmida, e ele a engoliu em êxtase.

Depois de beber, ele não sabia o quanto, respirar ficou difícil e ele finalmente ergueu a cabeça, arrotando alto e suspirando.

Estava tão fria quanto água no meio do inverno.

Os peixes nadaram na lagoa, sem dar atenção a Klass. Eles traçaram caminhos serenos pela área exposta e, em seguida, nadaram de volta para a caverna.

Na saciedade atordoada e distraída que se seguiu depois que Klass matou sua sede, ele observou os peixes.

Quando finalmente recuperou os sentidos com um sobressalto, percebeu que estava prestes a adormecer e rapidamente limpou a boca e deu um tapa na própria cabeça.

Se ele dormisse aqui, Holo com certeza ficaria furiosa quando voltasse.

Klass encheu o odre de água e prendeu-o à cintura.

Assim que abaixou a boca para a lagoa para tomar um último gole —

"…?"

De repente, ele sentiu que estava sendo observado.

Pensando que talvez Holo tivesse vindo procurá-lo depois de ver que havia deixado Aryes, ele olhou em volta, mas Holo não estava em lugar nenhum.

A grama alta crescia ao redor da piscina, mas a visibilidade não era particularmente ruim.

Apesar de não haver nenhum lugar bom para se esconder, ele não conseguiu encontrar o dono do olhar.

"Deve ser minha imaginação …," murmurou, parcialmente para se convencer. Ele checou atrás, então se virou para a lagoa novamente, abaixando a boca até a superfície — e então ele o viu.

À esquerda da entrada em forma de semicírculo da caverna havia um animal muito quieto.

Era um cervo, muito jovem até para ter perdido as manchas de sua pelagem, e o observava com muito cuidado.

Sua camuflagem natural o escondia contra o penhasco, e mesmo quando Klass percebeu que era por isso que ele não havia notado, ele concluiu muito claramente que o cervo não tinha estado lá antes.

Ele tinha ouvido histórias assustadoras sobre todos os tipos de coisas estranhas que poderiam acontecer na floresta.

Mas o cervo não era algum tipo de espírito animal; ele simplesmente o observava. Esta pode muito bem ter sido a primeira vez que viu um humano, percebeu, então talvez estivesse apenas curioso.

Klass olhou furtivamente para o cervo, então roubou um gole rápido de água e se levantou.

O cervo nem mesmo se mexeu.

Era até fofo, mas de alguma forma olhar em seus olhos negros imóveis fez Klass sentir um calafrio na espinha.

Claro que não estava atacando ou mostrando os dentes — estava apenas olhando para ele, então não havia nada a temer. Klass se lembrou disso, então girou nos calcanhares e saiu correndo.

Ele olhou para trás várias vezes enquanto caminhava. A noção de que o cervo poderia segui-lo era totalmente absurda, mas seus pés aceleraram o passo mesmo assim.

A distância não era tão grande, mas ele ficou muito aliviado quando voltou ao lado de Aryes.

Claro, o fato de que Holo também estava lá era uma sorte e uma infelicidade.

"Parece que você está prestes a me dizer que viu um espírito da floresta."

"…"

O sorriso zombeteiro de Holo era um pouco irritante, mas olhar para ele dissipou suas preocupações.

"Eu trouxe água."

"Mm, entendo," murmurou Holo, brincando preguiçosamente com a franja adormecida de Aryes.

Klass queria dizer a ela que se continuasse fazendo isso, acordaria a garota, mas observar os belos dedos de Holo tocando o cabelo macio de Aryes despertou nele emoções complicadas.

"…Não vai me dar um pouco?"

"Huh?" Klass saiu de seu transe ao som da voz de Holo.

Holo estreitou os olhos ligeiramente e repetiu a pergunta.

"Posso beber um pouco de água?"

"Oh, er, sim." Klass nem se sentou antes de entregar apressadamente o odre de água para Holo.

Holo, é claro, não iria deixá-lo escapar tão facilmente.

"Você quer tentar também?"

Klass não pôde deixar de sentir os olhos semicerrados de Holo e o sorriso com os dentes molhados.

Com esforço, ele conseguiu negar com a cabeça. "Isso não importa. E as pessoas que vinham atrás de nós?" ele perguntou vigorosamente, sentando-se a uma curta distância de Holo.

Ele estava irritado por ter que suportar suas provocações, e estava preocupado que, se não fizesse a pergunta em um tom mais forte, ele se reduziria a protestos fracos.

Holo contraiu as orelhas duas ou três vezes com as palavras de Klass e, depois de examinar o odre da água, murmurou um vago assentimento.

"Eles não estavam lá", disse ela.

"O qu—?"

"Eles não estavam lá."

Depois de considerar as palavras de Holo por um momento, ele percebeu a verdade para a qual elas apontavam e deixou escapar outra exclamação de surpresa. "Mas isso significa que estamos —"

"— Seguros? Sim, pode ser um pouco cedo para dizer isso. Mas pelo menos parece que não seremos pegos de imediato."

Klass exalou, embora nem mesmo ele tivesse certeza se era um suspiro de alívio ou não; seus ombros relaxaram.

Ele se sentia como se uma haste rígida em suas costas, que fizera o possível para apoiá-lo, finalmente tivesse se rompido.

Holo assistiu a isso e riu silenciosamente.

Mas, ao fazer isso, ela acariciou a bochecha de Aryes, e a expressão de Holo não parecia provocadora — pelo contrário, foi gentil e seu sorriso era um elogio.

"Claro, provavelmente também há homens caminhando fora da floresta, então não estamos completamente seguros ainda. Nosso primeiro trabalho é cruzar a floresta e chegar à cidade."

Ele não conseguia imaginar Holo dizendo isso apenas para fazê-lo se sentir melhor.

Klass acreditou em suas palavras de todo o coração. Ele acenou com a cabeça e esticou as pernas enrijecidas pelo frio.

"Vamos descansar um pouco. Nós nos esforçamos bastante para chegar até aqui."

"Sim… acho que sim", disse ele, bocejando no meio da frase.

Holo sorriu ironicamente com isso, então esfregou o nariz e se levantou suavemente antes de se sentar ao lado de Klass. "Você não precisa estar em guarda assim."

Só porque Holo disse isso, rindo guturalmente enquanto o fazia, não havia razão para não olhar para ela com alguma suspeita.

Essa suspeita não incomodou Holo, é claro, e quando a palavra "*Venha*" chegou aos ouvidos de Klass, sua cabeça já estava em seu colo.

Isso tinha que ser algum feitiço, tinha certeza.

Porque, embora seu rosto queimasse vermelho de vergonha, a coragem de puxar seu corpo para cima novamente o havia abandonado por completo.

"Se você dormir um pouco, sua força vai voltar. Ainda temos um longo caminho a percorrer. É melhor você dormir."

Ele sentiu sua cabeça sendo acariciada; era uma sensação tão agradável que sua nuca formigou.

Isso mais as palavras de Holo eram toda a desculpa de que ele precisava.

Ele começou a acenar, ainda com a cabeça no colo dela. Ele não terminou, porque Holo continuou falando.

“Dependendo do que vier, você pode ter que carregar Aryes nos ombros se ela ficar exausta.”

Aryes já havia segurado a mão direita de Klass, transformando sua expressão instantaneamente de inquietação em alívio, mas agora sua mão estava levemente fechada, sem segurar nada.

Certamente ela estava segurando a mão de Klass em seus sonhos.

Quando o pensamento lhe ocorreu, ele de repente se sentiu péssimo por colocar a cabeça no colo de Holo.

Ele tentou se sentar.

O que o parou foi — é claro — a mão de Holo.

“Heh-heh-heh… você é um homem tão fiel.” Holo apoiou o cotovelo dela na têmpora, segurando o queixo dela.

Meio por surpresa, meio por raiva, e com apenas um pouco de pesar, Klass tentou se livrar de seu cotovelo, mas quando ela aumentou a pressão de forma que realmente doeu, ele desistiu.

“Parece que não precisei fazer nada, afinal.”

“Huh?”

“Nada. Estava apenas falando comigo mesmo. Enfim —” Holo tirou o cotovelo da cabeça de Klass enquanto ela falava. Klass suspirou e tentou levantar a cabeça novamente quando Holo o interrompeu. “Eu simplesmente odeio perder, entende.”

Ele sentiu, na distância entre sua cabeça levantada e o colo de Holo, uma coisa muito macia de fato.

Ele nem teve tempo de se perguntar o que havia feito.

Havia uma sensação delicada, quase de cócegas em sua bochecha e orelha, junto com o doce perfume de Holo.

Abaixo de sua cabeça estava sua cauda macia e sedosa.

Holo deu uma risadinha. “Eu me pergunto se você vai conseguir levantar a cabeça agora, hein?”

A sensação da cauda quente em sua bochecha tornava seu argumento muito difícil de contestar, Klass pensou.

Então ela começou a acariciar suavemente sua cabeça.

Não havia como ele se sentar.

Klass relaxou o pescoço e sua cabeça pousou suavemente no colo dela.

"Eu suspeitava disso", disse Holo com um pouco de animação, ao que seu olhar foi para Aryes, ainda dormindo em silêncio. "Não se preocupe. Vou te acordar você antes que ela se levante."

Klass sentiu-se de alguma forma contaminado, o que era bastante triste, mas ainda mais triste era como estava aliviado ao ouvir Holo dizer isso.

Mas mesmo que quisesse chorar com o quão patético era, Holo se inclinou e sussurrou em seu ouvido, seu tom tanto provocador quanto honesto: "Não é nada — um pouco de culpa só fará você tratá-la com mais gentileza."

"O qu…?" Ele pensou nas palavras dela por alguns momentos.

Holo se autodenominava a sabia loba.

Klass acreditava que era verdade.

Ele trataria Aryes com bondade assim que ela acordasse.

Murmurando a desculpa para si mesmo, sentiu que dormiria muito bem no colo de Holo.

Poucos momentos depois, Klass estava cercado pela escuridão.

"Agora, o próximo…," Holo murmurou como se estivesse falando consigo mesma.

Mas Klass não sabia dizer se estava sonhado ou não. Teve a sensação de que Holo e Aryes estavam conversando sobre algo.

Incapaz de entender claramente as palavras, ele pelo menos tinha certeza de que era um sonho.

Afinal, Holo dissera que o acordaria antes que Aryes despertasse.

Foi por isso que quando abriu os olhos, sua cabeça ainda descansando na cauda quente de Holo, ele ficou vermelho, e a primeira coisa que pensou *foi Holo, sua traidora!*

"Ah, parece que o dorminhoco finalmente acordou."

"…"

Sem ter a oportunidade de culpá-la, e de se desculpar, Klass colocou as bolsas nos ombros e começou a caminhar.

Parecia que pouco tempo havia passado; Klass sentiu que não havia dormido mais do que o tempo necessário para uma pedra atirada cair no chão.

E, no entanto, seu cansaço diminuiu significativamente, e o mesmo parecia verdadeiro para Aryes.

Ele ignorou a confiança de Aryes, o fato de que ele dormiu no colo de Holo ainda o atormentava.

Quando começou a andar, se sentiu totalmente sombrio e guardou um rancor especial pela cauda de Holo, que até um momento atrás parecia tão convidativamente confortável.

Ele não tinha ideia de como deveria falar com Aryes agora.

Por que Holo não o acordou?

Os sentimentos sombrios o pressionaram tanto que por um momento algo passou despercebido.

Quando notou um momento depois, não pôde deixar de se surpreender.

Aryes estava de fato segurando a mão de Klass.

"Senhorita Holo disse que eu não devo soltar", ela falou com uma cara séria.

Klass não conseguiu, é claro, sentir raiva de Aryes e sentiu um suspiro interior de alívio. Ele tinha certeza de que ela ficaria furiosa.

"Ela disse que é um teste de Deus," disse Aryes com uma expressão ambígua. Ela então olhou para Holo.

Klass considerou o significado dessas palavras, então olhou para a cauda balançando de Holo.

Ela deveria cuidar da própria vida, pensou.

Enquanto considerava essas coisas, os pensamentos de exaustão que ele sentiu quando começou a andar foram empurrados para um canto de sua mente.

Klass caminhou silenciosamente, e a floresta também estava quieta.

Uma curta caminhada pela floresta perto da mansão revelou todos os tipos de criaturas, mas aqui, o único animal que teve uma visão clara foi o cervo; ele não viu mais nada.

Assim como estava se perguntando se aquele era simplesmente o tipo de floresta que estavam, olhou para cima.

Ele se perguntou se talvez houvesse esquilos ou algo parecido correndo acima dele nas árvores.

Então percebeu que tinha entendido mal quando olhou para cima e viu gotas de chuva caindo pelas fendas na copa da floresta.

"Chuva, hein? Bem, contanto que não seja pior do que isso, não vamos ficar mais úmidos por andarmos na floresta."

E foi exatamente como Holo disse — uma pequena gota finalmente caiu em seu nariz, mas pouca chuva passou pelas fendas na espessa folhagem acima.

E ainda assim a chuva o fez começar a notar a estranha quietude da floresta.

Não havia nenhum som — mas não era o tipo de silêncio que permitiria ouvir um estalo distante, era muito mais como chumbo colocado sobre seus ouvidos.

Ele podia ouvir sua própria respiração, mas embora Aryes estivesse bem ao lado dele, mal conseguia distinguir o farfalhar de suas roupas.

Os arredores foram sufocados pelo silêncio peculiar da chuva.

Klass tinha ouvido falar que crianças nascidas em dias chuvosos nunca sorriam.

O boato em torno da mansão era que o silencioso e estoico apicultor que o senhor contratou havia nascido em uma tarde úmida e chuvosa.

A floresta transbordou com o verde das folhas, samambaias e musgo, mas estava começando a parecer nebuloso e enevoado.

O efeito foi de alguma forma assustador, e Klass segurou a mão de Aryes com um pouco mais de força.

Aryes também parecia se sentir insegura e devolveu o aperto reforçado.

Logo depois disso, Klass por acaso avistou algo à frente.

As árvores eram grossas. Através delas, ele pensou que poderia ver algo.

De pé em uma pequena crista, os olhava como se fossem bonecos de palha.

Era um cervo.

Holo parecia não ter percebido e, quando Klass olhou novamente para se certificar de que não era sua imaginação, o cervo havia sumido.

Ele sentiu um frio desagradável e estremeceu.

Ele não queria dizer nada; nem contou a Aryes, que certamente nunca tinha visto um veado antes.

Aryes e Holo continuaram caminhando em silêncio.

Como se apressada pelo silêncio, os passos de Holo ficaram cada vez mais rápidos.

Ela disse que seus perseguidores não viriam, então não havia necessidade de pressa, mas a própria ideia de passar a noite na floresta chuvosa deixou os cabelos de Klass em pé. Pouco importava se eles seriam pegos pelos perseguidores ou pela escuridão da floresta.

Holo olhou em sua direção várias vezes, irritada.

Percebendo isso, Klass se perguntou quantas vezes ele olhou para Aryes de maneira semelhante nos últimos dias.

Então, em vez de tentar apressá-la, ele falou. “Aryes, há mais alguma coisa que você gostaria de ver além do mar?” ele perguntou. Na verdade, o próprio Klass não tinha ideia do que mais o mundo continha.

Se possível, ele queria ver as montanhas que sustentavam o céu, mas provavelmente era impossível.

“O que mais…?” Cansada como estava, sua voz ainda tinha um pouco de energia sobrando.

Mais do que qualquer outra coisa, ela simplesmente conversar o ajudou a encontrar algum alívio em sua expressão.

“Ouvi dizer que há montanhas que disparam fogo e lugares onde rios correm do céu.”

Por baixo do capuz, Aryes inclinou a cabeça, intrigada.

Parecia que ela estava tendo problemas para imaginar essas coisas, mas Klass não podia culpá-la por isso, pois ele realmente não conseguia imaginá-las.

Ele decidiu parar de fazer pose e falar sobre algo que conhecia. “Hmm … você já viu algum campo de trigo?”

“Campos de trigo?”

“Sim. Você conhece o trigo, certo?”

Ela acenou com a cabeça.

“Eles são de onde vem o trigo, campos inteiros como um tapete dourado.”

Aryes parecia ser capaz de imaginar isso.

Seus olhos se arregalaram e ela olhou para longe, atordoada — então tropeçou e quase caiu, murmurando vagamente "Campos de trigo..." para si mesma, como se estivesse tentando confirmar sua existência.

"Eles parecem realmente fofos quando você os vê de longe, como se pudesse pular neles — mas se fizer isso, eles não são fofos de forma alguma. E se você derrubar muito trigo, os adultos vão bater em você com varas," disse Klass, e Aryes pareceu um pouco surpresa e riu.

Seu rosto era de irmã mais velha. "Você refletiu sobre seus crimes?"

"Pode apostar que sim," disse Klass honestamente.

"Nesse caso, Deus irá perdoá-lo," disse Aryes com um sorriso brilhante.

Klass achou de certa forma difícil olhar para ela e desviou o rosto apressadamente, procurando outro assunto. "O-ou um navio!"

"Eu sei sobre os navios."

"Oh, er, realmente?" Klass parou de acrescentar: "*Mesmo que você não soubesse sobre o mar?*"

"Quando a terra é coberta por uma grande inundação, esse é um veículo gigante que levará todos os justos ao reino no céu."

Embora o cansaço estivesse deixando seus pés um pouco incertos, seu rosto estava totalmente confiante e ela falava até com um toque de orgulho.

Era a mesma cara que ela fazia quando falava de Deus, e Klass não gostava muito disso.

Mas desta vez, algo sobre seu orgulho idiota era cativante.

"Os navios que conheço não voam no céu, eu acho."

"…?" O olhar de Aryes ficou tão perplexo que Klass, que não conhecia todos os navios do mundo, ficou subitamente incerto, mas olhando para Holo, que ainda estava andando à frente, ele respondeu.

"Eles flutuam em rios e lagos, na água. As pessoas sobem neles, e eles carregam cavalos e coisas assim também."

"Na água?"

"Isso mesmo."

"E eles não afundam?"

Quando Klass viu um navio pela primeira vez, ele também achou seu fracasso em afundar um tanto misterioso, mas como ele de fato tinha visto um navio assim, ele esticou o peito, capaz de responder. "Eles não. Mesmo se você colocar um monte de gente e um monte de sacos pesados de trigo sobre eles, eles ainda não afundam."

Aryes considerou a declaração de Klass com desconfiança, franzindo levemente os lábios perfeitamente formados. "É pecado mentir, você sabe."

Ela parecia pensar que ele estava brincando.

Ele ficou tão encantado com as palavras dela que Klass não pôde deixar de rir. "Eu não estou mentindo! Eu vi com meus próprios olhos."

"Pode ter sido obra de um demônio."

"Então, o que você faria se visse um navio flutuando na água?"

Aryes de repente ficou sem palavras.

Parecia que dentro dela havia partes que rapidamente acreditavam no que outras pessoas diziam, enquanto outras partes se recusavam obstinadamente a ouvir.

Klass estava começando a sentir que essa era uma de suas partes teimosas.

Portanto, apesar de propor uma aposta que ela não poderia ganhar, ele achou sua teimosia muito charmosa.

“Se estivesse flutuando na água…?”

“Sim, flutuando na água.”

Klass sorriu ao olhar para ela, e Aryes parecia perder a confiança a cada segundo, desviando o olhar e baixando a cabeça.

Mas Aryes não escolheu a saída covarde — esse era um de seus pontos positivos.

“Eu pediria desculpas.”

“É uma promessa, então.” Klass se imaginou aceitando generosamente as desculpas de Aryes e sorriu amplamente.

Enquanto fazia isso, aproveitando o brilho da conversa, Holo parou de repente, se virou e olhou para ele.

Por apenas um instante, ele se preparou para ser provocado mais uma vez, mas logo percebeu que ela tinha uma expressão diferente — e estranhamente séria.

“Dói-me estragar um estado de espírito conquistado com tanto esforço”, disse ela breve. “Eu mantive a calma sobre isso porque se eu tivesse dito alguma coisa, teria deixado você nervoso, e os nervos são um convite a lesões. Mas parece que devo te informar.”

Klass teve um mau pressentimento sobre isso e enxugou o suor da testa.

“Nossos perseguidores estão chegando.”

“O qu—?” ele murmurou, apesar de si mesmo, e Aryes também ergueu os olhos. “M-mas você disse que eles não viriam—”

“Sim,” disse Holo calmamente, parecendo não notar o tom acusatório de Klass. Mas, conforme ela continuou, logo percebeu que não era por alguma generosidade da parte dela, mas sim porque era uma questão trivial em comparação com seu problema real. “Nossos perseguidores humanos não estão vindo.”

A matilha de lobos que os atacou alguns dias antes apareceu em sua mente.

"Achei estranho. Esta é uma grande floresta. Deve ter um mestre. Para que tal mestre não aparecesse… Além disso, o grupo que estava nos seguindo — não posso acreditar que de repente eles mudaram. Então —"

Holo se virou e examinou os arredores, então suspirou ali na floresta verde.

Ela franziu os lábios como uma criança. "Então, eles foram enganados pelos moradores da floresta ou…"

Nesse momento, Klass teve certeza de ter ouvido um uivo, mas então percebeu que era um trovão vindo de cima. "Moradores da floresta…?" ele perguntou, incapaz de ficar em silêncio diante de sua incerteza e medo, mas Holo apenas balançou a cabeça, não lhe dando uma resposta direta.

Quando ela falou, parecia ser principalmente para si mesma. "Afinal, sou uma sábia loba. Com minhas palavras e sabedoria, muitas vezes consigo o que quero, mas eles parecem ter ficado bastante astutos também. Eu gostaria de sair desta floresta imediatamente… e nem mesmo eu posso fazer nada sobre o tempo," Holo murmurou, olhando para cima.

Klass assentiu e olhou para Aryes ao lado dele. Ele apertou a mão dela ligeiramente. "Você quer dizer o… o cervo?"

Os olhos de Holo se arregalaram ligeiramente com as palavras, e ela acenou com a cabeça. "Você viu, não é?"

"Sim. Quando eu estava pegando água e também há alguns instantes. Ele estava olhando diretamente para mim, sem se mover."

Holo coçou sua bochecha e franziu a testa.

Sua cauda balançou em desgosto.

"Eles são muito espertos. Eu não tenho ideia do que podem fazer. Não adianta muito dizer para ficar em guarda, mas suponho que seja melhor do que ser repentinamente emboscado por ignorância, hein?"

Aryes se encolheu com as palavras, olhando para Klass.

Se ele também vacilasse com a falta de confiança de Holo, quem protegeria Aryes?

Ele se apoiou nos calcanhares e forçou um sorriso. “Vai ficar tudo bem. Um lobo é mais forte do que um veado.”

Klass não tinha certeza se seu sorriso tinha sido convincente o suficiente, mas Holo começou a rir, então deve ter corrido bem.

Ela bagunçou o cabelo dele, o que o fez se sentir um pouco estranho na frente de Aryes, mas também satisfeito.

“Os filhotes humanos certamente crescem rápido.” Holo olhou para Aryes enquanto ela falava.

Klass se perguntou por que, enquanto a própria Aryes não acenou nem balançou a cabeça.

Ela apenas olhou para Holo com uma expressão de resistência.

“Ah, bem, vai dar certo de alguma forma. A chuva é ruim não só para nós.” Holo respondeu ao olhar de Aryes com um sorriso triunfante, olhando para cima.

O guarda-chuva da floresta parecia estar quase no limite.

Gotas d'água caíam agora como vazamentos em uma cabana cheia de furos.

“Bem, vamos embora?” disse Holo, e começou a andar.

Ao contrário do tom de sua voz, Klass percebeu a incerteza em seus passos.

Huf, huf, huf.

Depois de respirar três vezes, ele engolia para esconder o cansaço.

Em seguida, mais três respirações e engolir novamente — uma e outra vez.

O vinho era um estorvo e há muito que fora descartado. Metade da água que ele se esforçou tanto para buscar também foi deixada.

A chuva havia começado a cair sobre a floresta para valer, com Aryes removendo seu manto — ele estava enrolado em suas pernas — e o colocando sobre sua cabeça.

A persistente sensação de diversão em sua última conversa estava longe de ser encontrada agora.

Pela expressão dela, Klass deduziu que estaria disposta até mesmo a jogar o manto de lado apenas para aliviar um pouco seu fardo.

O número de vezes que ela tropeçou e caiu de joelhos era demais para contar com as duas mãos.

Aryes estava trabalhando muito.

Mas uma certa tendência ao apego havia começado a afetar seus esforços, e Klass estava perto demais de seu próprio limite para sentilo como outra coisa senão um fardo extra.

"Continue assim", disse ele, enquanto ela segurava seu braço mais do que sua mão, falando não tanto para encorajamento quanto para oração.

Ele não achava que a tendência dela para tropeçar era devida apenas à exaustão.

Sem dúvida, as bolhas em seus pés há muito estouraram.

A chuva torrencial estava apenas se intensificando, dando a impressão de que eles estavam caminhando em um rio raso.

Pequenos riachos estavam por toda parte, e cada pequena depressão era rodeada de verde e cheia de água marrom.

Ele queria desesperadamente chegar à cidade e sentar-se em frente a uma lareira acolhedora com uma tigela de mingau.

A cada passo, a ideia de escapar de seus perseguidores ou proteger Aryes escoava de seus ouvidos.

A floresta parecia nunca ter fim e, com a densa folhagem e o céu coberto de nuvens, era um lugar escuro e sombrio.

Ele não conseguia imaginar nada mais assustador do que tentar atravessar a floresta à noite com esta chuva. Holo disse a ele que acontecesse o que acontecesse, ela estaria com eles, mas não lhe dera nenhuma indicação de uma resolução clara.

"Senhorita Holo!" ele finalmente chorou quando chegaram a uma pequena clareira.

"…" De seu olhar por cima do ombro sem palavras e respiração, ele poderia dizer que ela estava cansada.

"Eu só …" *Não consigo mais andar*, ele pensou — mas não precisava terminar a frase. Ele olhou para Holo e ergueu Aryes, que parecia estar prestes a se sentar.

Holo era um espírito que viveu por séculos e parecia cheio de confiança quando disse que, se o pior acontecesse, ela seria capaz de fazer algo.

Não tinha chegado a hora?

Ele a acusou com os olhos, e ela olhou de volta para ele, em seguida, empurrando a franja encharcada pela chuva para o lado, voltou o olhar para cima.

"Sinto muito."

"Huh?" Por um momento, ele pensou que ela disse: "Estou parando", mas Holo disse de novo.

"Sinto muito."

"Pelo quê?" perguntou Klass, parado ali, mal conseguindo sustentar Ayres.

"Posso não ser capaz de salvá-lo."

"O qu—?" ele começou a dizer, mas foi interrompido.

Não era porque Aryes estava quase desmaiando; nem foi por causa da maneira como Holo mordeu o lábio com amargura.

Foi porque um calafrio intenso subiu por seu corpo, do chão aos pés, atravessando sua espinha.

Mesmo com o som da chuva torrencial, ele ouviu um barulho estranho.

Mais forte que a chuva torrencial — *glub*, foi, *shlukk*.

Pode ter sido o som de seu próprio terror crescente.

Percebendo o som de sua exaustão, Aryes se virou para ver, e então a ouviu prender a respiração.

Klass estava com muito medo de se virar e olhar.

Ele não conseguia se virar, mas ficar parado sem olhar era ainda mais horrível.

"…"

Quando ele finalmente o fez, viu o que existia ali.

Aquilo não ficou apenas de pé.

Aquilo persistia.

Como uma grande árvore. Como um penhasco rochoso. Como uma montanha.

"…Ah…" Seus joelhos tremeram, sua respiração parou e, enquanto Aryes se agarrava a ele, ele se agarrava a ela.

A noção de que isso era patético ou pouco masculino nem mesmo lhe ocorreu.

Lá no fundo de seu olhar, tão grande que poderia facilmente atropelar um boi, tão alto que ele teve que olhar para cima para vê-lo, estava um grande cervo.

"—."

Ele não conseguia entender o que dizia.

Só que sua voz era como um trovão ecoando pela boca de uma caverna e mais do que o suficiente para tirar Klass da razão.

O animal era tão robusto e íngreme que era difícil pensar nele como um cervo, e seus olhos eram duas luas negras.

Os grandes chifres que brotavam de sua cabeça pareciam poder varrer o próprio céu.

Klass caiu de costas, mas não percebeu imediatamente.

"—. —."

O cervo não tinha presas em sua boca, mas grandes pedras de moinho de dentes, que rangeram enquanto falava com um som como se eles pudessem esmagar qualquer pedra.

Se a cabeça de Klass ficasse presa entre eles, seria esmagada em um instante.

Enquanto ele olhava para cima, atordoado, isso era tudo que conseguia pensar.

"Uma boa jornada —"

Klass recobrou os sentidos com um sobressalto quando uma mão foi colocada em seu ombro.

"— é aquela em que você é abençoado com bons companheiros."

Ele olhou para cima para ver o perfil destemido de Holo com sua cauda balançando bravamente.

O olhar do grande cervo pousou em Holo, e trouxe seu rosto para mais perto dela, de forma ameaçadora.

"—!"

Uma grande rajada de suas narinas soprou para longe as gotas de chuva e, em um instante, a chuva parou.

Klass percebeu que eles estavam cercados por veados, os quais observavam.

Ele teve a sensação de que, se de alguma forma desse a resposta errada, seria pisoteado até a morte ou despedaçado.

E ainda assim Holo não vacilou; ela sorriu invencivelmente.

"—, —."

Um murmúrio resmungou ao redor deles — o que quer que Holo tenha dito parecia ter sido tomado como uma provocação pelo grande cervo.

"—… —." O cervo rangeu os dentes ruidosamente e Klass recuou, ainda sentado no chão.

Holo olhou para ele e falou rapidamente. "Parece que esse grupo não gosta muito de mim." Ela a inclinou e sorriu com tristeza.

"Minha vinda complicou as coisas."

"*Wroooooooooaaaa*!"

Aconteceu no momento em que um grande uivo do cervo fez a terra tremer; Klass mal podia acreditar que tal som viesse de uma coisa viva.

"Dizem que a despedida sempre vem de repente. Foi uma jornada adorável. Vocês dois devem se apressar e correr —"

O sorriso de desculpas de Holo gravou-se na memória de Klass.

De quanto tempo ele precisaria para entender o que aconteceu a seguir?

Assim que o cervo cobriu o que deveria ser uma boa distância, o pequeno corpo de Holo foi lançado ao ar. Ela simplesmente *voou*, e o grande cervo virou seu vasto corpo com uma agilidade inacreditável e a seguiu.

Seu corpo cortou os galhos das árvores, voando absurdamente.

À sua frente havia uma encosta íngreme, que descia talvez até um riacho.

O grande veado saltou no ar, a encosta não importava para ele.

Em algum momento, ele saltou para o fundo da descida e sumiu de vista; imediatamente depois disso, o chão tremeu literalmente. Justamente quando Klass entendeu que o cervo havia atingido o fundo, o terrível som alto de seus dentes de moagem ecoou pelo ar.

Klass não sabia se ele estava chorando ou não.

Tudo o que ele sabia era que estava apavorado e não queria pensar sobre o que estava acontecendo.

O som áspero continuou, mas eventualmente o silêncio caiu.

O cervo que cercava Klass e Aryes não se mexeu.

Então houve outro uivo terrível.

“Aaaaauuuah!” Klass gritou e começou a fugir.

Ela alegou ser dois séculos mais velha, expulsou uma matilha de lobos, provocou Klass e desafiou a teimosa Aryes, deu-lhes pão e lhes ensinou sobre dinheiro — e em um instante, a forma pequena, mas confiável de Holo havia desaparecido.

Isso foi mais do que suficiente para fazer Klass esquecer tudo e correr — correr pelo caminho onde a água corria como um rio.

Ou pelo menos esses pensamentos encheram sua cabeça, mas quando realmente se levantou e começou a correr, ele caiu para frente e tropeçou, agarrando-se ao seu cajado enquanto tentava se levantar.

Ele não queria morrer. Não queria morrer esmagado entre aqueles dentes.

Seus joelhos dobraram e sua coragem falhou, e ele mergulhou de cara na água lamacenta.

Ele não queria morrer.

O terror o fez erguer a cabeça para fora d'água e ele olhou para trás.

E a visão que o saudou —

Como um corcel amaldiçoado saindo de seu pior pesadelo, o grande veado subiu lentamente a encosta em direção a uma pequena bola branca enrolada.

Mesmo suja de lama, ela parecia nada menos do que uma ovelha — pois era Aryes.

"Ar… sim…" Klass tentou levantar a voz rouca, mas não conseguiu.

Ele orou para que ela corresse, se levantasse e corresse, mas os pés de Aryes não abririam asas de repente.

Ela tinha perdido a consciência? Ou ela mais uma vez não conseguiu compreender a situação e estava simplesmente olhando com admiração?

Se era maravilha, que fosse — contanto que ela não estivesse chorando de terror, que fosse.

Mas de alguma forma, um momento depois, seu rosto se distorceu pateticamente.

Aryes olhou para trás com o rosto apavorado.

"*Wrrooooaaaa*!"

O grande cervo urrou pela terceira vez.

Seu corpo era tão grande que ficava apenas parcialmente escondido depois da encosta.

Seu rugido parecia ser de raiva.

Agora — só agora — eles ainda podiam fazer isso.

Se ela se levantasse e corresse, poderia chegar a Klass em dez passos.

Klass gritou em seu coração, mas Aryes nem mesmo se levantou; raiva e urgência o encheram.

Mas não, ele percebeu.

Essa raiva e urgência eram dirigidas a si mesmo — àquele que não podia ir e salvá-la.

"—…! —…!"

O grande cervo parecia estar gritando alguma coisa.

Klass cobriu as orelhas e cerrou os dentes.

O cervo que havia cercado Klass e Aryes o tempo todo começou a se aproximar.

Como se para expulsá-los da floresta.

Ou possivelmente para prendê-los dentro dela para sempre.

"Aryes!" Ele finalmente encontrou sua voz e gritou pelo que tinha certeza de que era a última vez.

No topo da encosta, o grande veado empinou-se como se fosse pisotear a planície da montanha.

Aryes percebeu isso e olhou para trás por um momento — de volta para Klass.

Ela lentamente estendeu a mão para ele.

"Klass…"

Ele a ouviu chamar seu nome como um sussurro, como um murmúrio, e então —

Apesar da distância, que à primeira vista parecia grande demais para isso, as patas dianteiras do grande cervo se ergueram, prestes a cair onde Aryes estava deitada. As pernas enormes estavam emaranhadas na grama e cobertas de lama que pingava com um som horrível como a baba de algum deus da morte.

Aryes olhou para Klass.

"Aryes!"

Ele não pensou. Ele apenas correu.

Ele não sabia se estava correndo ou voando; Aryes era a única coisa que podia ver. Ele saltou em direção a ela para abraçá-la, então — sem ter ideia de como estava fazendo isso — a pegou e correu de volta, para longe do veado.

No momento seguinte, Klass não ousou abrir os olhos com o tremendo choque que se seguiu à queda dos cascos do grande veado, que espalhou tudo.

"…"

O fato de Aryes estar em seus braços e não sob aqueles cascos, Klass só poderia considerar um milagre.

Segurando-a, ele cambaleou e correu para frente, e apenas quando ganhou um pouco mais de distância, desabou.

Klass levantou-se apressadamente quando Aryes, tremendo de frio e a boca fechada, apertou suas mãos e começou a orar.

Enquanto ela orava, Klass percebeu que sua testa estava pressionada contra o peito dele.

Ele reflexivamente segurou seus ombros macios e se sentiu cheio de uma nova força.

Ele tinha que protegê-la.

Porque ela era tão —

Seus ombros eram tão macios.

"Vai ficar tudo bem", disse ele, e respirou fundo.

A esta distância, Klass podia ter uma visão clara da pelagem eriçada do cervo, cada fio do qual parecia espesso o suficiente para ser feito de corda. Ainda estava a uma distância moderada de distância, e ele só podia olhar para o grande cervo enquanto ele o fuzilava com o olhar.

Ele rangeu os dentes e balançou a cabeça.

Um verdadeiro herói pode fender uma pedra com um punho e com apenas uma espada pode derrubar um dragão, mas tudo o que Klass tinha em mãos era o bastão que ele usava como cajado, que de alguma forma conseguiu segurar. E, no entanto, devia haver algo que pudesse fazer. Se ele estava pronto para deixar Aryes escapar sozinha, devia haver *algo*.

Coragem não era algo que alguém simplesmente tinha. Como o óleo, teve de ser expulso sob pressão — Klass finalmente entendeu isso.

"Aryes, você pode ficar de pé?"

Tremendo em seus braços, Aryes ergueu os olhos e, exibindo seu lado surpreendentemente teimoso, ela mordeu o lábio e assentiu.

"Certo, então fique atrás de mim."

Ela não perguntou por que, apenas parecendo profundamente preocupada sem dizer nada.

Levantando-se silenciosamente para não provocar o cervo, ela foi para trás de Klass.

"Quando eu me levantar, corra."

"O qu—? M-mas—"

"Vai ficar tudo bem. Eu conheço a história do herói que derrotou o gigante."

Não era mentira.

Havia a história de um herói que matou um gigante cuja cabeça alcançava o céu, cujos braços eram longos como rios e cujos pés eram tão gigantescos que enchiam lagos.

Comparado com isso, este era apenas um grande veado. Quase nada, na verdade.

Quase nada.

"Vou apontar para os olhos. Esses olhos grandes. Se ele não pode ver, ele não pode nos seguir. Vai ficar tudo bem. Os olhos daquela coisa são tão grandes, eu não posso errar."

Ao dizer isso, Klass tentou mexer as bochechas e os lábios.

Ele não tinha certeza se havia conseguido sorrir.

Mesmo assim, Aryes parecia que estava prestes a dizer algo, mas pensou melhor, parou e balançou a cabeça lentamente — então ele deve ter sorrido, concluiu.

"Certo, aqui vamos nós."

Ele enfiou o bastão no chão e respirou fundo.

Aryes colocou as mãos nas costas dele e parecia que ela o estava enchendo de força.

Talvez sentindo sua pontaria, o grande veado balançou a cabeça e baixou lentamente o corpo.

Essa pressão terrível.

O herói da história não teria medo disso.

"Vamos ver o mar juntos," disse ele, depois se levantou e saiu correndo.

Os olhos do enorme cervo estavam tão altos que ele não conseguia imaginar que seu bastão pudesse alcançá-los.

Mas devia haver alguma chance.

Exatamente como Holo havia feito, haveria um momento em que sua cabeça se aproximasse.

O grande veado ergueu o casco e parecia que o próprio ar havia recuado.

Klass, destemido, saltou para o lado.

Afinal, o cervo era apenas um cervo.

Trazendo seu casco levantado para baixo, ele jogou lama ao lado de Klass.

"Maldito—!" Klass balançou seu cajado em um amplo arco, e o cervo puxou a perna para trás com surpreendente rapidez.

Enquanto ele cambaleava e tropeçava para frente, Klass não entrou em pânico.

Em vez disso, viu que o cervo tinha medo dele e isso encheu seu coração de aço frio.

Desta vez, ele não ergueu os cascos, mas os empurrou para a frente como se chutasse cascalho.

Mas talvez seu vasto corpo fosse um risco — Klass evitou isso facilmente.

Não era nada para temer. Nada a temer.

Era apenas um grande veado.

Balançando seu bastão com toda a força, ele roçou sua perna várias vezes.

Inacreditavelmente, ele estava lutando contra o enorme veado.

Da grande abertura de sua boca, o veado exalou nuvens de hálito branco. Klass estava balançando e ziguezagueando para evitá-lo, então o cervo poderia muito bem estar ficando cansado. Talvez seu corpo também fosse uma fraqueza.

Klass também estava cansado. Ele há muito havia perdido a sensibilidade nas mãos por segurar o bastão com tanta força, e os músculos de seus braços estavam tão tensos que era difícil dizer onde eles terminavam e onde começava o bastão.

Ele enfrentou o veado de frente, perto o suficiente para alcançá-lo se ele fosse saltar para frente.

Foi dito que, se alguém transformasse os chifres de um veado em pó, poderia ganhar a sabedoria da floresta. Com seus insondáveis olhos negros, o cervo o olhou.

Ele estava considerando algo.

O que ele estava pensando?

Assim que Klass se perguntou isso, os olhos do cervo fitaram outra coisa — Aryes, com as mãos cruzadas em oração.

Klass sentiu-se à beira do vômito. Aryes não havia fugido. Ou talvez ela simplesmente não tivesse forças para isso.

Aryes percebeu o olhar do grande cervo sobre ela.

O cervo se moveu. Virando-se para encará-la, bateu no chão três vezes como um cavalo, baixando a cabeça

"—!" Klass não tinha ideia do que ele disse.

Ele se moveu como se alguém atrás dele o tivesse empurrado.

Com o bastão em uma das mãos, ele correu o mais rápido que pôde. Havia incontáveis raízes de árvores, poças e torrões deixados para trás pelos passos da besta, mas Klass não olhou para nenhum deles, seu olhar fixo no cervo enquanto corria.

Então, de frente para a cabeça do cervo, cuja estocada era como a própria montanha decidindo se mover, ele saltou com força novamente - brandindo seu cajado na mão direita como se fosse a lança do herói antes de perfurar o olho do gigante.

"Aaaaaauuoh!"

Houve um *krack* maçante.

Saiu de seu braço direito, então a princípio Klass pensou que ele o tivesse quebrado.

Ele não tinha prestado a menor atenção à sua aterrissagem, então ele roçou o queixo do cervo quando saltou direto para a vegetação rasteira.

Ele estava prestes a perder a consciência, mas o som de algo enorme caindo atrás dele o trouxe de volta ao estado de alerta total.

Gritando no que pode ter sido dor, o cervo deu um uivo de arrepiar os cabelos quando seus cascos se espatifaram no chão.

Quando ele finalmente levantou a cabeça, ele viu — além do cervo, escorregando enquanto lutava para se levantar — Aryes, cujo olhar estava fixo na fera.

"Aryes!" Klass chamou seu nome e correu em sua direção. Ela olhou para ele, surpresa, antes de seus olhos voltarem para o cervo. "Aryes, temos que correr!"

"M-mas, o olho dele…"

Klass havia superado a raiva e teve que sorrir para Aryes, que estava preocupado com o olho do grande cervo que matou Holo e tentou matá-la também.

Ele não podia estar com raiva dela.

Afinal, ela *era* Aryes.

"Temos que nos apressar! Se formos seguidos, não haverá nada que possamos fazer!"

Assim que Klass terminou de dizer isso, o cervo deu outro berro.

Klass se encolheu e se virou para olhar. Ele viu que o cervo havia tropeçado em um riacho e caído.

Um som como um deslizamento de terra ecoou pela floresta; então houve um grande barulho que reverberou em seu peito.

"Ha-ha-ha, conseguimos! Venha, Aryes! Vamos lá!"

"Ah, er, m-mas—"

Klass foi até Aryes e segurou sua mão, mas ela não se levantou.

Seu rosto perturbado fez Klass se perguntar se seus pés estavam presos na lama.

"Você não consegue andar? Ven—"

Klass envolveu o braço direito que temia que estivesse quebrado nas costas de Aryes e deslizou o esquerdo sob as pernas dela.

Foi assim que o herói sempre resgatou a princesa.

Apesar de sua expressão preocupada, Aryes se apoiou nos braços de Klass como se já tivesse praticado isso muitas vezes.

"O-oof."

Comparado com fardos de palha amarrados apertados e duros como pedras, o corpo de Aryes era como algodão.

Dito isso, correr assim era impossível, e Klass deu passos cuidadosos, seus joelhos trêmulos protestando.

Ele a carregaria; ele escaparia do cervo, sairia da floresta e alcançaria a cidade.

Klass murmurou isso internamente quando as pernas de Aryes escorregaram de seu braço esquerdo, e ele cerrou os dentes e reuniu mais força.

Era uma pena o que havia ocorrido com Holo.

Ele odiava suas provocações, mas em muito pouco tempo, ela se tornara como uma irmã mais velha para ele.

Ele decidiu que, assim que chegassem à cidade e se recuperassem, ele voltaria em busca do corpo dela e lhe daria um enterro adequado.

E se ele encontrasse o cervo novamente, bem — ele pagaria mais do que seu olho.

As pernas de Aryes escaparam de seu braço novamente e, embora tocassem o solo, Klass não tinha força no braço esquerdo e suas pernas pareciam tão pesadas que pareciam estar enredadas em raízes — ele não conseguia mais movê-las.

E ainda assim, na mente de Klass, ele podia ver um futuro brilhante e planejava enfrentá-lo, entrar nele.

"P-por favor, apenas..." disse Aryes prestes a chorar, ainda de alguma forma conseguindo se agarrar a ele. Klass sorriu suavemente, finalmente parou agora.

"Desculpa. Você... vá em frente."

E como se dizer isso lhe custasse o resto de suas forças, Klass desabou no local.

Ele ouviu o *baque* de sua queda como se estivesse a uma grande distância e, embora seu rosto estivesse meio submerso na água lamacenta, ele não conseguia mover um músculo.

"—! —!"

Aryes gritava alguma coisa, mas não conseguia ouvir.

A chuva caindo parecia um banho quente.

"Corra", murmurou Klass.

Corra. Nos encontraremos novamente na pousada da cidade.

Isso é o que ele queria dizer em algum lugar de sua consciência distante.

Aryes — ela, pelo menos, precisava escapar.

Aryes, pelo menos.

Porque—

Klass fechou os olhos.

Porque — ele a amava muito.

* * *

Havia um cheiro doce.

Era comida?

Ele tentou se lembrar, mas não conseguiu.

Ele poderia dizer que era o cheiro de algo de que gostava muito, mas nem pela vida dele, ele conseguiria se lembrar o que era.

E havia a questão de onde exatamente se encontrava.

Estava escuro e ele não conseguia ver nada.

Seu corpo não se moveu; parecia que ele estava submerso em água muito pesada.

Mas aquele doce, doce aroma envolveu seus pensamentos, e então tais preocupações pareciam sem importância.

Ele queria ficar dentro deste doce perfume para sempre.

Isso… fofo…

"O qu—?" Klass gritou ao acordar com um solavanco.

Ele girou a cabeça para um lado e para o outro, procurando desesperadamente com olhos que se recusavam a focar.

Quando ele a viu, ela parecia prestes a chorar, certamente porque ele de repente se sentou e abriu os olhos.

"Ar-Aryes…"

"B-bom dia," disse Aryes, engolindo em seco, nervoso, parecendo estranhamente em guarda. Ela lentamente estendeu a mão. "Como… como você se sente?"

A mão dela tocou sua bochecha, e ele imediatamente gemeu de dor.

Aryes puxou a mão dela como se a tivesse queimado, desculpando-se em lágrimas.

Klass tentou tocar seu próprio rosto.

Estava todo inchado e sua mão coberta de cortes também.

"Ha-ha-ha-ha, estou uma bagunça", disse ele com uma risada, então estremeceu. O rosto preocupado de Aryes mudou para um sorriso, e ela riu também, mas depois começou a chorar. "O qu…? Não, er, n-não … não chore!"

Klass agarrou rapidamente os ombros de Aryes e acariciou sua cabeça.

Surpreso consigo mesmo por fazer essas coisas tão casualmente, ficou muito feliz ao ver que Aryes não parecia nem um pouco chateada com ele.

"Estou bem — vê?" disse ele, tentando tranquilizar a soluçante Aryes, que assentiu várias vezes e depois desatou a chorar de novo.

Não sabendo mais o que fazer, ele decidiu esperar que ela terminasse de chorar.

Klass finalmente olhou ao seu redor e se perguntou.

Onde exatamente estamos?

A luz veio por trás dele, e na frente estava algo como uma parede feita de madeira escura, na qual crescia um pedaço de musgo. Ele lançou seu olhar ao redor de seus arredores, e ele parecia estar em uma espécie de cúpula, embora o chão estivesse coberto de palha seca. Ele sabia de uma coisa com certeza — esta não era a cidade.

O que estava acontecendo?

Assim como ele estava tentando descobrir —

"Hmph", disse uma voz familiar.

"O qu—?" Ele tentou olhar para trás, mas Aryes ainda estava agarrada a ele, então acabou perdendo a postura e tombando para trás.

"Oww…"

Ele tentou se sentar, mas Aryes ainda estava firmemente presa, tornando o movimento impossível. E de qualquer maneira, tentar se mover parecia um desperdício. Aryes parecia esguia, mas era surpreendentemente sólida, e Klass estava com o rosto para cima sob o peso de seu corpo, olhando vagamente para o teto. E então algo apareceu em seu campo de visão — um rosto olhando para ele, um rosto que ele não podia acreditar que estava lá.

"Heh. Parece que você está no meio de algo, hein?"

"Ah — o quê—?"

"O que é isso? Apenas uma garota abraçando você ao acordar não é o suficiente?"

Ignorando completamente sua provocação habitual, Klass gritou o nome que surgiu em seu peito. "Senhorita Holo!"

"Você não precisa gritar assim; Eu posso te ouvir bem o suficiente."

Sem se preocupar com sua carranca, Klass continuou. "M-mas, eu — eu pensei que você estava —"

"Morta, você disse?" Seu sorriso era tão destemido que parecia que, mesmo se fosse morta, ela não morreria.

E, no entanto, o som assustador daqueles grandes dentes rangendo ainda ecoava nos ouvidos de Klass.

Ele estava tão certo de que ela havia sido mastigada, esmagada.

“Heh heh. Você ouviu o garoto “, disse Holo, olhando por cima do ombro dela, e de repente uma grande sombra caiu sobre a luz.

Klass não tinha palavras para descrever o choque que sentiu.

Atrás de Holo, na entrada da caverna, apareceu o rosto do grande cervo que ele pensou ter matado.

O olho que ele tinha certeza de ter apunhalado brilhava como ônix polido e, quando ele encontrou seu olhar, piscou uma vez para ele como se fosse uma saudação.

“*Uma criança humana … com tanta coragem. Quantos séculos… já se passaram… desde que eu… me diverti… tanto…?*” As palavras saíram com dificuldade, e a grande boca se retorceu em uma expressão estranha.

Klass percebeu que era um *sorriso* e seu peito ardeu. “Isso… não pode ser…”

Ele empurrou Aryes para longe dele. Seus olhos estavam úmidos de lágrimas e ela parecia profundamente arrependida.

“Seu idiota. Quem você pensou que estava atacando?” Holo bateu com a cabeça e a encarou. O cervo parecia ter recuado — em todo caso, ele havia sumido. “Suponho que o cervo exagerou um pouco e desempenhou seu papel mais intensamente do que eu planejei. Honestamente, nem mesmo eu poderia afastá-los.”

Holo sorriu com tristeza e, de algum lugar distante, ouviu-se um uivo curto.

Holo havia planejado tudo?

De repente, Klass percebeu.

Tinha sido tão lento para derrubar seus cascos, mas seu movimento ao se esquivar de seu cajado foi realmente rápido.

Mas isso significava que o olhar de terror de Aryes quando ela estava prestes a ser pisoteada era uma mentira?

Klass olhou para ela, sentindo-se repentinamente traído, quando Holo bateu com a cabeça novamente. "Se você começar a duvidar dessas coisas em questões como essas, você realmente *é* um idiota."

Ela o atingiu com alguma força e seu couro cabeludo doeu.

Quando ele pensou sobre isso, percebeu que a expressão de Aryes era verdadeira.

Mesmo se ela soubesse que o cervo estava apenas agindo, ela poderia facilmente ainda estar com medo.

Klass teve que admitir que, mesmo se soubesse que tudo ficaria bem, ele poderia muito bem ter ficado apavorado diante daquela presença.

E mesmo agora, ela parecia muito apologética.

Enquanto olhava para ela, ele se perguntou quando Holo encontrou tempo para explicar o plano.

Ele era o único lutando em uma ignorância sincera.

"Heh heh. Ainda assim, você foi bastante galante. Não foi?" Holo se agachou, apoiou os cotovelos nos joelhos e empurrou o bastão, sorrindo.

Aryes enxugou os cantos dos olhos e acenou com a cabeça. "Me desculpe por não… dizer nada… mas…" Enquanto falava, ela começou a chorar de novo.

Klass não encontrou nenhum traço de raiva dentro de si e pegou a mão de Aryes. "Está tudo bem, sério. Estou feliz por estarmos seguros…"

"…Tudo bem." Quando ela assentiu, algumas lágrimas caíram no chão e Klass percebeu algo que o estava incomodando.

"Oh—"

"Hmm?"

"E quanto aos nossos perseguidores?" Klass perguntou, erguendo a cabeça.

"Perseguidores?" Holo respondeu à pergunta, então fez uma careta de dor quando ela percebeu seu erro.

"E-espere, não me diga que isso também era mentira —"

"Heh-heh-heh," Holo riu e balançou o rabo dela.

Quando ele olhou para Aryes, viu que ela estava novamente com um olhar de desculpas no rosto.

Ele relaxou o pescoço e deixou a cabeça cair no chão, sem se preocupar com o *baque* que fez.

"Agora, então, não podemos ficar neste covil para sempre — devemos sair. Lá está um solo sagrado de floresta, como poucos humanos verão." Holo se levantou e dobrou o pescoço.

"Solo… sagrado da floresta?"

"Sim. É uma visão e tanto, não é?" Essas palavras foram dirigidas a Aryes, que assentiu com firmeza.

Tinha que ser algo que valia a pena ver.

"O sol já nasceu há muito tempo. Deixe-nos ir e nos aquecer — seu conto de guerreiro será um ótimo aperitivo ao considerar o que fazer a seguir. Afinal," — Holo colocou a mão em seu quadril e balançou a cauda — "nós três temos uma jornada pela frente."

Ela sorriu e foi embora.

Ele dificilmente poderia ficar desapontado por ela estar bem.

E ainda assim não podia deixar de se perguntar se ela pregaria uma peça como essa novamente.

Em todo caso, ele queria ver o solo sagrado da floresta.

O que havia de tão especial nisso, ele se perguntou.

"Então, este solo sagrado — é realmente tão bom?" ele perguntou a Aryes enquanto ela o ajudava a se sentar, o que ela ponderou por um momento, depois assentiu.

"Suponho que..." Ela parecia estar pensando seriamente nisso, o que amenizou a piada. "Mesmo assim..." disse ela, olhando Klass diretamente nos olhos.

Seu coração bateu dolorosamente e não por nenhum de seus ferimentos.

E agora ele sabia por quê.

"Prefiro visitar o mar."

Com isso, Klass não pôde mais resistir ao sorriso que dividiu seu rosto.

Esquecendo a dor que causou, ele sorriu e acenou com a cabeça.

Aryes então olhou além de Klass para algo atrás dele. Ele teve a sensação de que quem estava lá estava olhando para e acenando com a cabeça, mas ele não se importou.

Alguém bastante inteligente e intrometido provavelmente disse a Aryes para dizer isso, mas ele tinha certeza de que as palavras dela não eram mentiras.

Ele encontrou dentro de si a força para acreditar nisso.

"Bem, podemos ir?" Klass pegou a mão de Aryes e se levantou.

Assim que ele se virou, ele viu a cauda de Holo balançar e desaparecer nas sombras.

Aquela cauda macia, sedosa e cheirosa. Ele pensou em fazer Holo deixá-lo dormir sobre ela mais uma vez, como forma de se desculpar por exagerar nos truques.

Era tão reconfortante que ele sentiu que seria uma troca justa.

Ele olhou por cima do ombro enquanto pensava sobre isso.

"Hmm?" Perguntou Aryes. Ele foi surpreendido. Ele acidentalmente disse isso em voz alta? Sem responder, ele começou a andar.

Saindo da abertura da sala, ele foi para a luz, segurando a mão de Aryes.

Ele pensou sobre o ditado "Quem persegue dois coelhos não pega nenhum."

Mas ele tinha um lobo de um lado e uma ovelha do outro, então…

"Devo adivinhar o que você está pensando?" disse uma voz de reprovação atrás dele.

Ele estava com muito medo de se virar.

Diante dele, em um jardim ensolarado, bonito demais para qualquer pintura, Holo se aquecia nos raios de luz, segurando-se enquanto ele tremia de alegria.

— Fim.

O vermelho da maçã, o azul do céu

Percebendo que de repente tudo ficou quieto, Lawrence ergueu os olhos.

Mas o barulho da rua que entrava junto com a luz do sol pela janela aberta não tinha mudado.

Então, por que de repente tudo ficou tão silencioso? Ele colocou em ordem um pacote de peles de ovelha que seus olhos observavam, então estalou o pescoço.

Uma garota na cama limpava a boca. Talvez seja essa a causa.

"Então você estava comendo o tempo todo...? Quantos você comeu?"

A garota, Holo, que tinha lindos cabelos castanhos que causariam inveja a qualquer nobre, balançou as orelhas de lobo e contou nos dedos. “Dez… sete. Não, nove.”

“E o que sobrou?”

Desta vez, ela balançou a cauda, uma cauda que faria qualquer vendedor de peles babar de inveja.

O gesto a fez parecer um cachorrinho repreendido.

“… O-oit…”

“Oito?”

“Oitenta… e um.”

Lawrence suspirou, e a expressão de Holo mudou completamente; ela o encarou. “Você vai me perguntar se vou comer todos eles.”

“Eu não disse nada ainda.”

“Então, o que se seguiu a esse suspiro, hein?”

Após uma breve pausa, Lawrence respondeu. “Você vai comer todos eles?”

Deixando Holo encarando, Lawrence voltou sua atenção para o pacote de peles de ovelha diante dele, tentando amarrá-lo com um barbante antes de lembrar que não poderia usar a mão esquerda.

Isso aconteceu porque, em alguma situação desagradável recente, ele falhou em ser esfaqueado.

No entanto, a experiência teve como efeito criar um vínculo novo e inestimável entre ele e Holo, que conheceu no início de suas viagens.

Quando pensava assim, realmente custou barato, ele lembrava a si mesmo, levantando-se de uma cadeira.

Havia uma pilha de caixotes de madeira cheios de maçãs no canto da sala. A conta era de 120 maçãs, mas — incluindo a contagem de hoje — trinta e nove haviam sido comidas.

Mesmo se fossem sua comida favorita, comer tudo antes que estragassem não seria uma tarefa fácil.

"Você não precisa ser tão teimosa," disse Lawrence.

"Não estou sendo teimosa."

"Realmente?"

Holo virou-se carrancuda, tão infantil quanto sua aparência levaria alguém a esperar, embora ela tivesse vivido muitos anos a mais do que Lawrence, e fosse um espírito de loba com séculos de idade que vivia no trigo e poderia produzir qualquer colheita que quisesse.

Mas ela permaneceu assim por apenas um momento, finalmente colocando suas orelhas de loba para trás em derrota. "… A verdade é… que estou um pouco enjoada delas…"

Sabendo que iria despertar sua raiva se risse, Lawrence simplesmente concordou. "Aposto. Mesmo que sejam sua comida favorita, isso é um monte de maçãs."

"Mesmo—"

"Hmm?"

"Mesmo assim, juro que comerei todas."

Ao contrário de quando entregou aquele olhar zangado, ela disse isso com o que parecia uma determinação implacável.

Lawrence ficou brevemente surpreso com essa mudança repentina, mas logo percebeu a posição de Holo.

Holo havia usado o nome de Lawrence sem seu consentimento para pedir 120 maçãs, uma fruta que não era de forma alguma barata.

Mas ela não fez isso apenas para seus próprios propósitos glutões.

Por mais estranho que parecesse, Holo precisava desperdiçar uma grande quantia do dinheiro de Lawrence para que eles continuassem suas viagens.

Holo morava originalmente em a uma aldeia que cultivava trigo, mas pediu a Lawrence que a levasse para sua terra natal, no norte do país — assim, sua jornada havia começado.

Mas o mundo conspira para que os planos feitos por razões simples não prossigam de maneira simples.

Lawrence não estava nem um pouco zangado com Holo por comprar as maçãs.

Muito pelo contrário, e não eram apenas maçãs; ela também comprou algumas roupas bastante caras, mas ele queria que ela fizesse exatamente isso.

No entanto, embora eles se entendessem nesse aspecto, Holo ainda parecia sentir algum senso de responsabilidade por ter avançado um contrato.

Lawrence não era o filho pródigo de algum nobre; ele era um mercador viajante trabalhador.

Ela estava totalmente ciente disso.

Afinal, Holo era uma autoproclamada sábia loba.

Ela também era uma loba que se importava tanto com ele a ponto de fazê-lo rir.

"Você não precisa se preocupar tanto com isso," disse Lawrence, pegando uma maçã. "Mesmo que você se canse de comê-las cruas, há muitas maneiras de se comer uma maçã."

Ele deu uma mordida na fruta, que estava tão madura que parecia perto de estourar, mas parou no olhar de Holo.

Mesmo diante de uma montanha de maçãs que ela não conseguiria comer, ela evidentemente não permitiria que ninguém mais comesse uma.

"Se você chegar à ruína, as maçãs serão a causa, isso é certo." Ele sorriu e jogou a maçã para ela, que pegou com uma cara de desgosto.

"Então, me fale dessas 'outras maneiras' de comê-las."

"Hmm, bem, você poderia assá-las."

Holo afastou o rosto da maçã que ele havia mordido e, depois de examiná-la, olhou para Lawrence. "É melhor você se preparar para as consequências se estiver zombando de mim."

"Seus ouvidos não conseguem sempre distinguir mentiras da verdade?"

Com essas palavras, suas orelhas se contraíram como se tivessem agitado, e ela resmungou: "Cozinhar maçãs… Nunca ouvi falar de algo assim."

"Ha-ha, suponho que não. Não é como se alguém os assasse no espeto sobre uma chama aberta. É mais como pão assado no forno."

"Hmph."

Evidentemente, ela teve dificuldade em entender isso, mesmo depois de explicado. Ela inclinou a cabeça enquanto mastigava a maçã.

"Então, você nunca comeu torta de maçã?"

A esta pergunta, também, ela balançou a cabeça.

"Hmm. Suponho que seria mais rápido apenas mostrá-la a você. Quando você assa maçãs, elas ficam macias — é um mau exemplo, mas elas são quase tão macias quanto quando estão podres."

"Mmph."

"Mas, assim como algo à beira de estragar pode ser saboroso, as maçãs assadas são incríveis. Você sabe como uma maçã crua é boa para uma garganta seca? Maçãs assadas são tão doces que você fica com sede."

"Entendo," ela disse, fingindo um tom calmo, mas sua cauda estava ocupada balançando para frente e para trás.

Enquanto sua mente inteligente e língua rápida sempre zombavam de Lawrence, quando se tratava de comida, Holo tinha uma fraqueza distinta.

E não importa o que sua boca dissesse, suas orelhas e cauda sempre mostravam seus verdadeiros sentimentos.

"De qualquer forma, elas são boas maçãs para começar, então não ficarão ruins, não importa como você as prepare. Embora você também se canse da doçura, não é?"

A cauda de Holo parou de repente.

"Carne salgada ou peixe salgado — o que você prefere?"

Sua resposta veio instantaneamente. "Carne!"

"Então, para o jantar—" Lawrence começou, mas foi cortado quando seus olhos encontraram os de Holo quando ela pulou da cama e vestiu o robe alegremente. "O que, você pretende ir agora?"

"Não é agora?"

Desistindo de tentar descobrir onde dentro daquele pequeno corpo dela todas aquelas maçãs se encaixavam, ele se lembrou que sua verdadeira forma era um lobo grande o suficiente para comê-lo com uma mordida.

Ele não queria pensar sobre isso, mas talvez seu estômago tenha ficado tão grande quanto quando ela era uma loba.

"... Então, vou perguntar de novo, você acha que pode comer todas aquelas maçãs?"

"Depois de ouvir você, decidi que sim. Você não precisa se preocupar." Ajustando rapidamente seu manto com uma faixa, ela girou e ficou pronta em um instante.

Não se passou muito tempo desde o meio-dia, mas Lawrence desistiu silenciosamente.

Persuadi-la do contrário seria impossível, ele tinha certeza.

"Suponho que tenho negócios a tratar, então por que não? Vamos lá."

"Certo!" Holo acenou com a cabeça, sorrindo, tão despreocupado quanto a menina que ela aparentava ser.

Lawrence era mercador viajante há sete anos, desde seu aniversário de dezoito, e ainda não conseguia encontrar palavras para discutir com ela quando sorria para ele daquele jeito.

Tais pensamentos o ocupavam, ele a observou sair pela porta impacientemente, deixando para trás o eco de seu sorriso, mais doce do que qualquer maçã.

Ainda assim, se ela descobrisse isso, ela só usaria para provocá-lo.

Lawrence pigarreou e se preparou para sair, mas quando foi seguir Holo, seus pés pararam repentinamente.

Holo olhou feliz para ele pela porta aberta.

"Você deveria sorrir mais. É bom."

Eles poderiam muito bem tentar esquecer o gosto das maçãs, mas ela realmente era maliciosa.

Enquanto ele a seguia para fora da sala, Lawrence falou com a pequena loba atrevida. "Você é realmente desagradável, sabe."

Holo olhou por cima do ombro. "Devo reclamar, então?" disse ela, fingindo irritação.

Os ombros de Lawrence relaxaram, sinalizando sua derrota, ao que Holo deu uma risadinha audível.

Situada às margens do rio Slaude, a cidade portuária de Pazzio estava sempre lotada.

Mesmo sem nenhum festival ou preparação para a batalha, as ruas estavam movimentadas e cheias de gente indo para lá e para cá.

Fazendeiros conduzindo o gado, mercadores viajantes transportando suas mercadorias, crianças servas bem vestidas levando recados e monges de aparência confusa em sua primeira visita em anos a uma cidade movimentada — todos estavam em evidência.

Dizia-se que onde quer que três estradas convergissem, uma cidade cresceria — e havia muitas, muitas ruas na cidade, superadas em número apenas pelo tipo de pessoa que as pisava.

Mas nenhum deles imaginava que um dos visitantes da cidade não fosse uma pessoa.

"Longe disso," disse Lawrence. "Você parece uma freira."

"Hmm?" Holo olhou para trás, para Lawrence falando sozinho, com a boca cheia. Apesar de ter comido tantas maçãs, um olhar para a barraca de passas foi o suficiente para ela começar a mendigar.

"Eu estava dizendo que não quero pensar em quanto está ultrapassando sua conta de alimentos."

"Humph. Há algum inconveniente em eu parecer uma freira?" Holo não conseguiu esconder seu prazer malicioso em provar a Lawrence que tinha ouvido exatamente o que ele disse.

"Longe disso; torna a viagem ainda mais conveniente."

"Hmm. Ser capaz de mudar tanto simplesmente escolhendo roupas — o mundo humano certamente é estranho."

"Tenho certeza de que os lobos achariam algo conveniente em usar peles de ovelha, se pudessem."

Holo pensou por um momento, então sorriu. "Sim, e se eu usasse uma pele de coelho, você cairia feliz em qualquer armadilha."

"Então, para você, vou preparar minha armadilha com maçãs."

Lawrence teve que rir ao ver Holo tentando zombar com as bochechas recheadas de passas.

Era um prazer que nenhum mercador solitário poderia desfrutar, cuja conversa fosse a negócios ou consigo mesmo.

"De qualquer forma, não estaremos livres de inconveniências, especialmente no seu caso."

Parecendo perceber pelo seu tom que ele tinha ficado sério, Holo olhou para cima novamente, desta vez sem zombar, enquanto caminhava ao lado dele.

"Há todos os tipos de problemas com uma freira bebendo vinho no meio do dia. A maioria das tavernas vai ignorar isso, mas você poderia levar isso um pouco mais em conta."

"Mmm. É como beber em uma ponte frágil que pode cair a qualquer momento."

Lawrence ficou impressionado por ela ter criado um exemplo tão adequado tão rapidamente.

"Além disso, cidades diferentes têm circunstâncias diferentes. Especialmente quando nos dirigimos para o norte, pode haver lugares onde uma freira seria um péssimo disfarce, de fato."

"O que devo fazer então?"

"Seria mais seguro ter uma muda de roupa que te fizesse parecer uma garota comum da cidade."

Holo acenou com a cabeça educadamente e colocou o resto das passas na boca. "Nesse caso, não podemos comprá-las antes do jantar?

Qualquer coisa que diminua nossa segurança tornará o sabor da comida pior."

"Que bom que você entende. Não há tempo a perder para te convencer."

"O que, você achou que eu iria insistir em comida e vinho primeiro? Não estou tão cega pela gula assim."

Lawrence encolheu os ombros como se dissesse: "Não está?" Holo lambeu os dedos dela, sem graça.

"Humph. Você está tentando cuidar de mim. Eu tenho que tirar vantagem disso, não tenho?" disse Holo baixinho, olhando para a rua à frente em vez de para Lawrence. Ela então sorriu levemente e suspirou. "Essa é uma ótima desculpa para comprar roupas novas. Você achou que eu não notaria?"

Lawrence levou a mão à boca, mas não para impedir que uma exclamação de surpresa escapasse — mas sim porque se sentia um pouco envergonhado.

"Heh. Ah, bem, se você está me comprando algumas coisas novas, terei o prazer de me impor. Afinal, o inverno frio o aguarda."

"Você poderia impor um *pouco* menos."

Holo sorriu como uma criança contando uma piada, entrelaçando os dedos na mão direita de Lawrence.

Ela estava preocupada com sua bolsa de moedas à sua maneira. Apesar de que ter pena de uma bolsa era humilhante à sua maneira para um homem.

A sábia loba parecia ter entendido há muito o conflito dentro dele.

Ele não tinha sabedoria suficiente para superar Holo.

"Está frio. Minha mão vai congelar."

É claro que Lawrence não acreditou em uma palavra disso.

"Sim, certamente está frio."

"Sim."

Cada um sabia que o outro estava mentindo, o que era de alguma forma mais divertido do que simplesmente dizer a verdade.

Caminhando pela rua movimentada, eles eram os únicos que entendiam o significado daquilo.

Era o suficiente para fazê-lo sentir-se ainda melhor do que quando terminou seu grande negócio e tinha uma bolsa cheia de moedas com cabeças de rainha cobertas de louro.

"Sim."

Mas enquanto pensava sobre isso, Lawrence percebeu algo que o trouxe de seu devaneio e de volta à realidade lotada da rua.

"Qual é o problema?"

"Eu não tenho… nenhum dinheiro."

Holo ficou perplexa por um momento, depois lançou um olhar que passou da irritação e transformou-se em puro desdém.

O que quer que ela dissesse, nesse aspecto ela não era diferente de uma garota normal da cidade.

Se alguém não comprasse para uma garota o que havia prometido, sua tenacidade seria mais profunda do que a de qualquer comerciante.

Isso era algo que Lawrence aprendeu em seus sete anos de experiência.

"No entanto, para o bem da minha honra, devo explicar que quando digo: 'Não tenho dinheiro,' não quero dizer o que você pensa que quero dizer."

"Huh?"

"Quer dizer, não tenho dinheiro trocado." Enquanto falava, Lawrence procurou sua bolsa de moedas, mas percebeu que não poderia usar o braço esquerdo.

Era uma pena, mas ele casualmente largou a mão de Holo. "Sim, nenhum," disse ele ao examinar o conteúdo da bolsa.

"Eles dizem que muito grande é melhor do que muito pequeno. Não é como se você não tivesse dinheiro."

"Eles também dizem para não matar uma mosca com uma marreta. Você não disse a mesma coisa para mim ao comprar pão?"

"Mph. Então, vamos precisar de troco."

"Teremos que trocá-lo. Se dermos moedas de ouro para o alfaiate, não há como dizer que tipo de cara terrível ele faria."

"Mm… ainda assim…" disse Holo enquanto Lawrence fechava sua bolsa de moedas e a colocava na cintura. "As moedas de ouro são realmente tão valiosas?"

"Huh? Certamente são. As moedas *lumione* em minha bolsa agora estão sendo trocadas por cerca de trinta e cinco moedas de prata *trenni*.

Se você não fica em uma pousada e não bebe nenhum vinho, pode viver uma semana com um único *trenni*. Então, pense cerca de trinta e cinco vezes isso."

"...Isso é realmente incrível. Então, por que um alfaiate se daria ao trabalho de receber um em pagamento?" Holo disse. Lawrence olhou para ela e adivinhou o que perguntaria a seguir. "Ao contrário das maçãs, uma moeda de ouro pode comprar apenas uma ou duas peças de roupa. Disseram-me que essas roupas custam duas peças de ouro."

Quando casas nobres foram atacadas por plebeus rebeldes, Lawrence tinha ouvido que muitas vezes era uma declaração trivial que era o gatilho. Ele fez uma careta, perguntando-se se o que Holo acabara de dizer era um bom exemplo desse tipo de declaração.

"Se todas as roupas custassem tanto assim, a maior parte dos habitantes da cidade estaria andando totalmente nus."

Escrever um recibo para um manto que custasse duas moedas de ouro, não havia dúvida de que o fabricante de roupas estaria se perguntando se realmente receberia ou não — tanto que era estranho que um contrato não tivesse sido assinado antecipadamente por uma testemunha pública.

E não eram apenas duas peças de roupa — havia uma faixa de seda também.

Mas o fabricante de roupas não achou que fosse algum tipo de brincadeira infantil, provavelmente porque Holo parecia a freira particular de algum nobre rico.

"Hmm... isso foi caro, não é?" Holo olhou para baixo e tocou o manto que ela vestia.

"Isso mesmo. Então, de agora em diante, vamos manter nossas compras mais em conta."

Nesse momento, Holo ergueu os olhos, torcendo os lábios, parecendo que sua diversão havia sido estragada. "Eu sou Holo, a Sábia Loba de Yoitsu. Feriria minha reputação usar roupas pobres."

Lawrence ergueu o queixo quando suas palavras ficaram presas na garganta; sua mente girava enquanto procurava uma boa resposta, mas não conseguia encontrar nenhuma.

Holo bateu em seu braço direito como uma criança tendo um acesso de raiva.

"Mesmo assim, troco para as moedas..." Ele colocou os pensamentos sobre Holo de lado e considerou o assunto com um suspiro.

Haveria uma taxa envolvida na transformação de moedas de ouro em prata, algo que ele nunca ficava muito satisfeito em abrir mão.

Ele riu disso, disse que os mercadores economizavam dinheiro porque eram apaixonados por ouro, mas, da parte de Lawrence, ele não pensava nisso como uma piada.

Mas agora ele tinha um problema maior para enfrentar.

Ao trocar moedas em uma cidade, era sua rotina ir a um cambista que ele conhecia, porque vendo um cambista pela primeira vez, eles sempre o enganariam e ele levaria um prejuízo. O que era pior, isso era visto como uma espécie de imposto, então ele não podia nem reclamar. "Se você não gosta, é melhor nos conhecer mais," era a linha padrão dos cambistas sobre o assunto.

Claro, Lawrence tinha um cambista preferido e não estava muito preocupado com isso.

Ele tinha um problema diferente.

Que era que seu cambista era um notório mulherengo e se apaixonou instantaneamente por Holo.

Pior, Holo parecia gostar disso.

Além disso, ela também parecia gostar de como isso fazia Lawrence se sentir patético.

Se pudesse evitar, ele não queria levar Holo para ver o cambista.

"Troca de dinheiro, hein? Isso significa… oh ho." A inteligente Holo percebeu quem eles estariam vendo e sorriu. "Bem, então, é melhor você fazer os arranjos. Eu quero beber vinho mais cedo ou mais tarde."

Holo puxou sua mão, dirigindo-se para a animada avenida.

Lawrence suspirou como sempre fazia antes de qualquer negócio, amaldiçoando a mesquinhez da dona da mão macia que segurava a sua.

"Para um *lumione*, a faixa de hoje é trinta e quatro *trenni*."

"E a taxa?"

"Dez *lute* de prata ou trinta *trie* de cobre."

"Vou pagar com *lute*."

"Muito bom então. Bem aqui… Oh, por favor, tome cuidado. Tudo o que você deixa cair na rua torna-se propriedade de quem o pega," disse o cambista, colocando educadamente as moedas de prata na mão de Holo e cobrindo-as com a sua, como se as tivesse dado a uma criança.

Lawrence ofereceu uma única moeda *lumione*, mas o cambista não largou a mão dela.

Na verdade, ele nem mesmo estava olhando para Lawrence.

"Weiz."

Ao som de seu nome, o homem finalmente olhou para ele.

"O que?"

"*Eu sou* seu cliente."

Lawrence vinha usando Weiz como seu cambista há muito tempo, devido aos dois conhecerem seu mestre. Weiz suspirou dramaticamente e gesticulou para sua mesa com o queixo. "Apenas deixe o ouro lá. Agora estou ocupado."

"E com o que você está ocupado?"

"Não dá para perceber? Estou bem no meio de garantir que esta adorável donzela não derrube sua prata." Weiz sorriu para Holo, ainda sem soltar sua mão.

Holo, por sua vez, agiu mais envergonhado do que Lawrence imaginara que ela era capaz e agora baixou o olhar, aparentemente satisfeita.

Weiz e Holo estavam agindo de forma ridícula e, como o único sério, Lawrence foi deixado inteiramente de fora da peça.

"Mas, senhor —" disse Holo finalmente, o que fez o rosto de Weiz ficar tenso, e ele endireitou sua postura como um cavaleiro. "Parece haver prata demais para minhas mãos segurarem."

Weiz respondeu antes que Lawrence pudesse dizer uma palavra. "Minha querida Srta. Holo, é por isso que você também tem minhas mãos."

Holo pareceu surpresa, depois falou como se estivesse muito triste. "Eu não poderia impor tanto peso sobre você."

Weiz balançou a cabeça e continuou. "Se a prata transbordar de sua mão, terei prazer em emprestar-lhe a minha. Não me incomodaria nem um pouco — porque, minha querida, tenho certeza de que você, Srta. Holo, aceitará meus sentimentos, sentimentos tão apaixonados que não posso segurar com os dois braços.

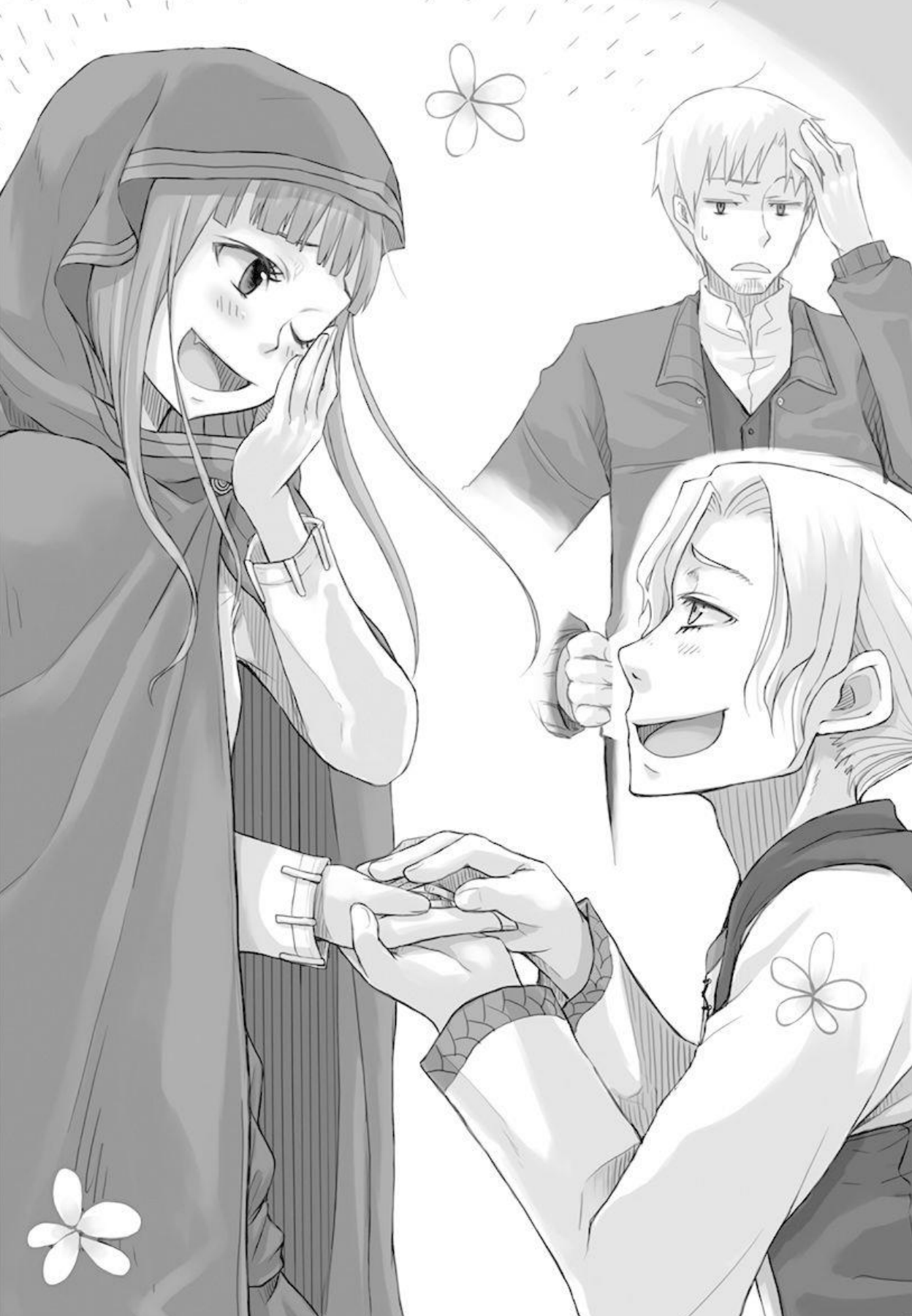
Holo desviou os olhos como a filha corada de algum nobre enquanto Weiz olhava fixamente para o rosto dela.

A troca era tão melancólica que fez Lawrence querer esbofeteá-los.

A coisa toda era um clichê, é claro, mas também era feita com tanta perfeição que fez Lawrence se perguntar se eles de alguma forma tinham arranjado tudo com antecedência.

Ele achou a coisa toda profundamente desinteressante.

Era hora de jogar água fria.



"Moedas de prata para o porta-moedas, ouro para a caixa e cobre puro na mão — ou você esqueceu esse provérbio, Weiz?" Era o princípio mais básico de lidar com dinheiro, a primeira coisa que qualquer aprendiz cambista aprendia com seu mestre.

A diversão de Weiz foi totalmente estragada.

Como Lawrence esperava, ele finalmente tirou as mãos de Holo e coçou a cabeça ruidosamente. "Bah. Manter uma garota adorável como essa só para você é um insulto a Deus. Você nunca ouviu 'Compartilhe o teu pão com os outros'?"

"Você quer que eu compartilhe?" perguntou Lawrence, abrindo sua bolsa de couro e enchendo-a com as moedas de prata na mão de Holo. Ela estava sorrindo levemente, mas deu a Lawrence um olhar inexpressivo.

"Não há empréstimos na mesa dos cambistas. Apenas com troca ou sem troca," disse Lawrence com um sorriso para o sério Weiz, colocando a última moeda de prata em sua bolsa. "Ela vem junto com a dívida que me deve. Você se importa?"

"Hmph", disse Weiz, puxando o queixo.

Ele parecia um pouco arrependido, agora que a conversa sobre dinheiro havia voltado.

Mesmo assim, Weiz estava acostumado a isso. Ele logo assumiu uma expressão triste e olhou para Holo. "Não posso colocar um preço em você."

Uma risada escapou de Holo, mas ela ainda mudou para sua performance antes de responder: "Temo que a balança dentro do meu coração ainda esteja pendendo. Mas tenho certeza de que não irá simplesmente se inclinar sob o peso do ouro…"

"Oh, mas é claro."

Weiz tentou segurar as mãos de Holo novamente, e ela as puxou. "Para colocar as mãos em uma balança… senhor, você realmente é um canalha," disse Holo a Weiz como uma garçonete repreendendo um

cliente bêbado, o que o perturbou tanto que Lawrence não podia vê-lo como o mesmo homem.

Jurando que nunca permitiria que isso acontecesse com ele, Lawrence suspirou e baixou a cortina desta comédia de terceira categoria.

"Venha, vamos embora."

"Oh, ei, Lawrence —"

"Hmm?"

"Então, se você veio até aqui para trocar dinheiro, está fazendo algum tipo de compra?"

"Sim, estamos indo para o norte, então vou comprar roupas."

Weiz revirou os olhos brevemente. "E-então, você vai partir em breve?"

"Sim, provavelmente..." disse Lawrence, olhando para Holo, que sorriu feliz.

Ele não precisava ser tão bom em ver através das pessoas quanto Holo era para saber o que Weiz estava pensando.

"Afinal, os preços sobem com o sol. Eu gostaria de comprar o que preciso antes do fim do dia."

"Ugh..." Weiz parecia que estava pronto para fechar sua barraca e correr atrás deles, mas ele certamente tinha negócios que não poderia abandonar.

Sentindo-se vencido por ter se sentido como uma terceira roda, Lawrence disse: "Bem, vamos," e se virou para sair.

Mas Holo bloqueou seu caminho. "O dinheiro pode ser trocado após o pôr do sol?"

De repente, Weiz aproveitou a chance para entrar no jogo. "O mercado decidiu que os cambistas que usam escalas após o pôr do sol são todos vigaristas. E, claro, não sou um vigarista."

“Você o ouviu,” disse Holo para Lawrence.

Ele percebeu que não seria capaz de nutrir seu rancor mesquinho para sempre. E ele planejava convidar Weiz de qualquer maneira.

Mercadores viajantes não tinham muitos amigos da cidade próximos o suficiente para beber à noite.

“Assim que comprarmos nossas roupas, iremos para a taverna. Quando terminar o trabalho, você venha se estiver livre.”

“Claro, irmão! A taberna de sempre?”

“Eu ficaria com medo de ficar bêbado em um lugar que eu não conheço.”

“Certo, entendi. Eu estarei lá — eu certamente estarei lá!”

Essas últimas palavras foram dirigidas principalmente a Holo. Os outros cambistas na área prestaram pouca atenção a ele, apenas olhando para brevemente como se dissessem: “O que, de novo?” Mesmo quando Lawrence e Holo se afastaram de sua barraca, Weiz continuou acenando.

Talvez gostando da exibição, Holo acenou de volta até que estivessem fora de vista.

Quando ela finalmente olhou para a frente novamente, era porque eles acabaram de cruzar a ponte onde todas as bancas dos cambistas e ourives estavam alinhadas, coladas umas nas outras.

“Heh. Eu sabia que seria divertido,” disse Holo, como se tivesse bebido um vinho particularmente saboroso.

Lawrence só conseguiu suspirar com isso. “Se você brincar demais com as pessoas, vai se arrepender mais tarde.”

“Arrepender?”

Havia muitas piadas sobre lindas freiras que iam em peregrinação apenas para voltar com mais pessoas do que haviam partido.

“Você será seguida.”

"Já estou sendo seguida por você." Quando Lawrence vacilou em resposta, Holo sorriu maliciosamente, mostrando as duas presas.

"Ao contrário de você, ele sabe que estou brincando. É divertido brincar com você, mas às vezes anseio por um homem mais inteligente para brincar."

Lawrence tinha um monte de coisas para falar, mas não conseguia forçar nem uma delas a sair de sua boca.

Ele sentiu uma sensação renovada de vergonha por não ter mais esperança em nada, exceto nos negócios.

"Nós dois sabemos que é mera brincadeira; não seja tão sério. Você está me deixando tímida."

Holo deliberadamente colocou a mão dela em sua bochecha, ao que Lawrence só conseguiu parecer amargo.

"Tudo bem, no entanto. Weiz tem uma língua mais inteligente do que você, mas eu vivi o suficiente para saber que nada é tão indigno de confiança quanto as palavras que dizemos. Vivendo no mundo do comércio como você vive, certamente você não está totalmente alheio a isso."

Um pouco surpreso com suas palavras repentinas, Lawrence viu que, enquanto a própria Holo estava sorrindo, seus olhos âmbar claros estavam realmente muito sérios.

Como a deusa da colheita do trigo, Holo foi mantida em sua aldeia por muito tempo. Embora os aldeões a louvassem, eles também penduravam uma corrente de ferro em seu pescoço e não a deixavam sair.

No fim, quando terminassem com ela, sua vingança teria sido implacável.

Considerando isso, as palavras de Holo eram pesadas.

E, no entanto, a mão que tão casualmente segurava a sua era quente.

"É verdade. Eu direi qualquer mentira se isso me trouxer lucro."

"Elas não vão funcionar comigo, no entanto."

Lawrence percebeu que as orelhas dela se mexeram orgulhosamente sob o capuz, e ele não pôde deixar de sorrir. "Então, vamos comprar algumas roupas?"

"Sim."

Lawrence se perguntou que tipo de roupa combinaria com Holo e fez o seu melhor para garantir que suas reflexões não fossem percebidas.

Roupas do tipo que Holo comprara anteriormente — que custavam uma ou duas moedas de ouro para um único item — eram basicamente produtos novos.

No entanto, poucos moradores usavam roupas novas.

Depois que uma peça era terminada, ela era usada até que os buracos começassem a se desgastar e, mesmo assim, era vendida novamente em segunda mão, consertada e assim por diante. Os mercadores comprariam roupas usadas originalmente feitas para mercadores mais ricos, e as roupas usadas desses mercadores medianos iriam então para os criados. Os servos vendiam suas roupas para aprendizes de artesãos ou as doavam para monges ascetas viajantes.

Esse ciclo deixava bem claro onde as pessoas se encaixavam na hierarquia social.

Poder gastar duas moedas de ouro em roupas recém-confeccionadas era muito impressionante. Até Lawrence tinha apenas uma peça de roupa sob medida, que havia sido rasgada na confusão com Holo alguns dias antes.

Ela sabia disso ou não?

Diante de uma loja que vendia produtos usados bem abaixo no ciclo de roupas, o rosto de Holo evidenciou evidente descontentamento.

"Huh..." Ela deixou escapar um vago suspiro enquanto segurava um pedaço marrom que provavelmente tinha sido tingido fervendo-o com casca de árvore.

Claro, não havia como saber se ele tinha sido manchado tanto que ficou da cor de todas as manchas que não foram removidas. Era assim que estava abatido.

"Aquele é quarenta *lute*. É bastante resistente para o preço, devo dizer." O vendedor acenou com a cabeça vagamente e Holo finalmente colocou de volta na mesa de exposição, dando três passos para trás da barraca.

Certamente era para declarar sua falta de interesse por qualquer uma das roupas aqui, mas era tão nobre que Lawrence teve que sorrir.

"Senhor, enquanto estamos indo para o norte, você poderia escolher alguns itens mais quentes para nós dois? E não muito caro, por favor."

"E seu orçamento?"

"Dois *trenni*."

"Muito bem, senhor."

O tipo de roupa que se vendia nesta época do ano não era para o uso diário, mas para se proteger do frio e pouco diferente de fardos de palha. A cor e a forma eram secundárias — se a roupa mantivesse sua forma, fosse o mais grossa possível e não estivesse cheia de insetos, era ótimo.

Esses itens pesados eram vendidos por viajantes que vinham do norte e, por sua vez, comprados por pessoas que planejavam voltar.

Quem sabe há quantos anos a peça surrada que Holo segurava tinha sido carregada de um lado para outro?

Quando se tratava de tais itens, não se comprava por peça, mas por pilha.

"Para partes superiores e inferiores mais dois cobertores, como isso soa?"

"Sim… bem, como você pode ver, sou um mercador viajante e vim aqui a negócios com uma empresa comercial que conheço bem — a Milone Company."

À menção de uma das casas de comércio mais proeminentes da cidade, os ouvidos do lojista se animaram.

"E parece que voltarei aqui várias vezes por ano."

Isso deixou claro que o cliente do lojista era um mercador viajante com dinheiro de sobra.

E era ainda melhor se ele planejasse visitá-lo com frequência.

O negócio do fabricante de roupas não era baseado em quanto lucro ele poderia fazer com uma única peça, mas sim em quantas peças ele poderia vender, então as palavras de Lawrence colocaram um sorriso em seu rosto.

"Muito bem, senhor. Eu entendo perfeitamente. Devo adicionar esta capa, então? Foi tratado com fumaça, é claro. Garanto que ficará livre de vermes por dois anos."

O manto surrado estava cheio de remendos, e os cobertores eram feitos de lã terrivelmente áspera, mas para quem comprava suprimentos para uma viagem ao norte, eles ainda podiam obter um preço decente.

Lawrence balançou a cabeça, satisfeito, e estendeu a mão direita.

O negócio foi fechado com um aperto de mão e o lojista começou a amarrar a trouxa de roupas com barbante.

Lawrence o observou fazer isso, mas olhou para trás quando uma das peças foi repentinamente arrancada.

Como ele esperava, Holo estava com uma expressão descontente.

"Achei que íamos comprar roupas para mim", disse ela.

"Isso mesmo… e?" disse Lawrence, como se se perguntasse por que Holo estava perguntando algo tão óbvio. Quando olhou para ela, o vigor pareceu sumir de seu rosto.

Ele percebeu que apesar de parecer se importar apenas com a cauda, Holo estava realmente animada para comprar roupas.

Mas logo depois que a onda de decepção recuou, ela voltou a se transformar em raiva.

"Você está… dizendo que eu deveria usar isso?"

"Se você quiser lutar contra o frio apenas com esse manto, não me importo, mas…"

Se ela arrebatou as roupas porque o lojista não havia perguntado a ela ou se foi por pura raiva, Holo falou em um rosnado baixo. "Se você está com raiva por eu usar seu dinheiro, diga. Eu sou Holo, a Sábia Loba. Tenho cérebro e beleza, mas meu olfato também é bom. Eu torceria meu nariz para usar tal coisa."

"Talvez passar um pouco de dificuldade conserte seu espírito enrugado."

Tossindo com o súbito tapa no peito que recebeu em troca, Lawrence decidiu não provocar mais Holo.

"Não fique com raiva. Vou explicar o segredo aqui."

Holo ainda estava mostrando suas presas e rosnando, mas Lawrence pegou sua mão e falou com o dono da loja, que ainda estava ocupado amarrando as roupas.

"Senhor, uma palavra, por favor."

"Hnnnggh… Sim?"

"Você não tem roupas femininas finas?"

"Roupas femininas, você disse?"

"Algo que poderia ser usado em uma cidade do norte e que seja do tamanho dela", disse ele, referindo-se, é claro, a Holo.

O dono da loja avaliou Holo e olhou para trás, para Lawrence.

Não havia dúvida de que ele estava fazendo os cálculos de custo-benefício de cabeça.

Isso incluía não apenas o estado do porta-moedas de Lawrence, mas também o relacionamento de Lawrence e Holo e quanto ele estimou que Holo seria capaz de fazer Lawrence gastar.

Se ele trouxesse um artigo raro precioso, isso poderia melhorar seu relacionamento com Lawrence, o que, por sua vez, poderia levar a lucros incalculáveis no futuro, que era exatamente o que ele certamente estava tentando estimar. Quanto mais clientes uma loja de roupas usadas tinha, mais concorrentes ela criava. Ganhar um cliente em viagem que o visitava com frequência era um grande negócio.

Havia uma razão para ele ter vindo a uma barraca como esta para comprar as roupas de Holo.

Até uma criança poderia dizer que o manto que Holo vestia era de muito boa qualidade. Se ele a trouxesse, usando um manto daqueles, para uma loja de roupas barata usada como esta, era como ficar na frente de um coelho segurando um cutelo.

A chave para a negociação era ocupar uma posição melhor do que o seu oponente.

"Muito bem. Um momento por favor."

Levantando as roupas grosseiramente embrulhadas — um fardo de feno de cavalo era amarrado com mais cuidado — sobre a mesa de exibição, ele se virou e cuidou da montanha de mercadorias na parte de trás da banca.

Para uma barraca como essa, o desafio era transportar mercadorias daqui para lá, e assim o lojista não hesitaria em comprar de fontes bastante suspeitas.

Em outras palavras, bens roubados eram comuns e, entre eles, alguns itens bem escolhidos.

Se o objetivo fosse encontrar pechinchas, não havia lugar melhor do que uma pequena barraca como esta.

"Que tal algo assim? Um certo comerciante vendeu para mim na mudança da estação," disse o lojista, exibindo uma camisa de colarinho, que junto com uma saia longa, foram tingidas de azul.

Combinado com um avental branco limpo e boa postura, produziria um conjunto perfeitamente adequado para uma empregada em uma boa pousada em algum lugar. Sua cor não estava desbotada nem suas bainhas gastas, então provavelmente foi roubado.

Mas, se o artigo era bom ou não, a questão era: Holo gostaria dele?

Lawrence olhou para Holo, que não parecia impressionada.

"Talvez a senhora não goste."

"Não tenho tempo para essas cores idiotas."

Se Holo realmente tivesse nascido em uma casa nobre, ela teria inspirado rumores de que preferia armaduras a vestidos.

"Eu quero algo mais simples. Algo fácil de colocar."

Lawrence encontrou os olhos do lojista e sorriu.

Havia algo encantador em uma garota que queria se vestir rapidamente.

"Nesse caso…" O lojista se virou e voltou a procurar em sua pilha de roupas.

Quando se tratava de coisas fáceis de vestir, algo que caísse sobre os ombros como um manto era uma escolha provável.

Então, o que aconteceria nesse sentido que serviria para uma garota da cidade como Holo?

Lawrence se perguntou sobre isso enquanto observava as costas do lojista, quando seus olhos pousaram em algo. “Com licença, senhor, mas o que é isso?”

“Sim?” O lojista olhou por cima do ombro, ambas as mãos segurando uma capa fina, em seguida, seguiu o dedo apontando de Lawrence para o alvo.

E aí estava.

Uma capa de couro marrom macio.

“De fato. Agora que pus o olho nisso, você está certo.”

Estava quase todo enterrado embaixo da pilha, mas enquanto o lojista extraía cuidadosamente a capa, era exatamente o que Lawrence pensava que poderia ser.

“Esta era uma peça muito fina, uma vez usada por um certo nobre.”

Lawrence ignorou a explicação imediata do lojista — não havia como dizer se era verdade ou mentira — e olhou para Holo, que não parecia desagradada.

“O couro é lindamente curtido, veja, aqui, e as bordas são cuidadosamente costuradas sem um único rasgo. Observe também este botão de noz. Você ajusta sobre os ombros assim. Se ela o usar junto com um dos lenços especiais que o nobre fez para a equipe de sua casa, ela será uma jovem encantadora.”

Lawrence aceitou a descrição exagerada junto com a capa e o lenço e, após uma rápida olhada, ele os entregou a Holo.

Holo fungou brevemente. “Coelho, hein?” ela murmurou.

“Isso faz você querer comer coelho?” perguntou Lawrence, ao que Holo sorriu sem voz e ergueu os olhos.

“Isso vai servir.”

“Você ouviu a senhora. Quanto, meu bom homem?”

"Agradeço pelos seus serviços. Para os dois, hmm, talvez dez *trenni*? Não — farei nove."

Era um preço razoavelmente bom — certamente um investimento para ter um bom relacionamento com Lawrence.

Mas certamente havia espaço para pechinchar, Lawrence pensou, e fez uma careta, o que fez o lojista continuar.

"Entendo. Então, como uma exceção para esta adorável jovem, oito peças."

Tendo chegado a esse ponto, Lawrence não pôde deixar de sorrir e estava pronto para comprar — mas pouco antes de abrir a boca, Holo interrompeu suavemente.

"Nesse caso, por consideração pela minha adorável personalidade ao colocá-los e modelá-los, que tal sete?"

O lojista congelou como se tivesse esquecido de respirar, mas com o sorriso de cabeça erguida de Holo, ele voltou aos sentidos e pigarreou ruidosamente.

Não era difícil imaginar que ele tinha uma filha que parecia ter a idade de Holo.

"Muito bem. Vou deixá-los ir por sete."

"Obrigado!" disse Holo, apertando a capa e o lenço contra o peito e sorrindo, o que provocou outro pigarro alto do lojista.

Ao lado dela, Lawrence só conseguia sorrir tristemente com essa capacidade de negociação, muito melhor do que o que ele foi capaz de cultivar em seus sete anos de comércio.

No fim das contas, quando Holo trocou de roupa, ela se tornou uma garota tão atraente que dez em cada dez pessoas se viravam e olhavam para ela quando passavam.

Colocando habilmente o lenço sobre a cabeça para esconder as orelhas — bem na frente do lojista, para desgosto de Lawrence —

Holo desabotoou o manto que vestia e o deixou escorregar, usando-o na cintura como uma saia. Então ela colocou a capa sobre os ombros e terminou.

Para Lawrence, que tinha plena consciência de suas orelhas e cauda não-humanas, parecia que ela trocava de roupa com tanta facilidade que parecia mágica.

A reputação do lojista cresceu e Holo ficou encantada.

Um bom tempo depois de terem deixado a loja para trás, Holo finalmente falou.

"As roupas eram muito caras?"

"Na verdade. Elas são muito boas para sete moedas de prata."

Ele falou honestamente, mas caminhando para a esquerda, Holo não parecia particularmente orgulhosa.

Balanceando a trouxa de roupas que carregava sobre o ombro direito, Lawrence sorriu e acrescentou: "Você acha que poderia barganhar ainda mais com ele?"

Mas Holo não sorriu, em vez disso balançou a cabeça lentamente antes de responder em voz baixa. "Se fossem roupas para você usar, você pagaria um décimo disso, não é?"

"Sim," Lawrence concordou. "Mas eu tinha certeza de que seria mais do que isso, então não se preocupe."

Holo acenou com a cabeça ligeiramente, mas sua expressão não ficou clara.

"Se você for devagar com o vinho na taverna mais tarde, você pode facilmente ganhar o valor de sete peças de prata."

"Eu dificilmente bebo tanto." Ela finalmente sorriu.

"Ainda assim, você conseguiu uma barganha dura."

"Oh?"

"Nem mesmo o mercador mais astuto pode se comparar, pode?"

"Hmph. Os homens são todos idiotas," disse Holo com seu sorriso perverso de costume, continuando assim que Lawrence suspirou profundamente. "O que você vai fazer com a sua carga? Você está levando isso direto para a taverna?"

"Isso? Não, eu não vou levar."

Com isso, Holo fez uma cara perplexa. "Você está voltando para a pousada, não é?"

"Eu também não vou deixar na pousada."

"Hrm?"

"Vou vendê-lo para uma loja de roupas diferente. Poderemos comprar equipamentos para o frio, uma vez que estivermos um pouco mais ao norte."

Era uma resposta perfeitamente honesta, mas Holo ficou perplexa, como se tivesse dito algo verdadeiramente ultrajante. "Você vai… vender?"

"Sim. Não adianta carregá-los quando não vamos usá-los."

"Mm… suponho que seja verdade… mas você será capaz de vendê-los caro?"

"Talvez. Duvido que seja muito ruim, mas provavelmente teremos uma pequena perda."

Havia algo engraçado no rosto cada vez mais confuso de Holo. "Você vai vendê-los… mesmo… com prejuízo?"

"Não entendeu, hein?"

"Espera. Estou pensando."

Lawrence sorriu para a repentinamente obstinada Holo e olhou para o céu de outono.

O céu era sempre o mesmo azul claro, mas no momento parecia de alguma forma mais claro e amplo do que o normal.

"Mmm…"

"Devo te contar o truque?" ele disse, voltando seu olhar do céu familiar e vendo sua companheira resmungando de frustração. "Não é grande coisa — e no final, é você quem impressiona."

"Huh…?" disse Holo, levantando uma sobrancelha. Lawrence interpretou isso como uma deixa e entrou no jogo.

"Este pacote é composto por duas peças de roupa de prata. Então, digamos que eu o leve a uma loja de roupas diferente e venda pela metade. Isso é a perda de uma peça de prata."

"Sim."

"Mas vamos voltar nosso pensamento para outra coisa. Qualquer um pode dizer que o manto que você está vestindo é um item de alta qualidade. Podemos até dizer que alguém usando esse manto nunca iria a esse tipo de loja. Então, quando eles virem você comigo, eles vão querer estabelecer um bom relacionamento comigo. Então, o que essa loja faz?"

Holo respondeu imediatamente. "Venda barato."

"Certo. Então, o que isso significa?"

O olhar de Holo, a autoproclamada sábia loba, perdeu o foco por um momento.

Lawrence sorriu e continuou. "Quando comprei o pacote naquela loja, ele baixou um pouco o preço. Quando comprei as roupas finas para você, ele baixou um *bocado*. Ao me mostrar generosidade, ele espera que eu faça compras lá novamente mais tarde. Afinal, comprei um pacote de trapos por duas moedas de prata. Mas há uma grande diferença de preço entre os dois itens. Então, o que isso implica?"

Se Holo fosse realmente tão inteligente, ela logo chegaria à resposta correta.

Alguns momentos depois, a previsão de Lawrence provou estar correta.

"Então", disse ela, "olhando para a diferença entre a perda que você tem quando vende o pacote e o desconto que o lojista deu a você

porque você o comprou, mesmo se você perder o pacote, ainda sai na frente no total — é isso?"

Ele deu um tapinha na cabeça dela com a mão esquerda como se dissesse: "Muito bem!" — ao que ela o bateu com força, e ele gemeu de dor.

"Hmph. É uma forma indireta de fazer as coisas, direi isso."

"Isso é chamado de senso de negócios. Mas suas técnicas são muito mais fortes, não há dúvida." Lawrence sorriu com autodepreciação, ao que Holo teve que sorrir.

"Mas é claro. Suas ideias frágeis não são páreo para os meus esquemas."

"Caramba, obrigado pela parte que me toca."

"Oh Ho. Você acha que pode me superar?" Holo estreitou os olhos, sorrindo sedutoramente.

O sorriso combinava com ela — as mulheres não jogavam limpo.

Claro, a parte mais injusta de tudo era que Holo estava perfeitamente ciente disso.

"Bem, se você tem tanta confiança, por que não tentar a sorte na taverna mais tarde?"

Holo acenou com a mão levemente, o que fez as palavras de Lawrence ficarem presas em sua garganta.

Ele havia se esquecido disso até agora — Weiz também estaria na taverna.

"Certifique-se de me comprar por um preço alto, certo?" disse Holo, sobre o qual Lawrence não pôde ficar calado.

"Oh, vou te comprar, tudo bem — mas vou pagar com maçãs."

Pego de surpresa, os olhos de Holo se arregalaram um pouco e, em seguida, com um sorriso frustrado, ela se aproximou de Lawrence. "Você é bastante severo às vezes."

"Entretanto, mais doce quando cozido."

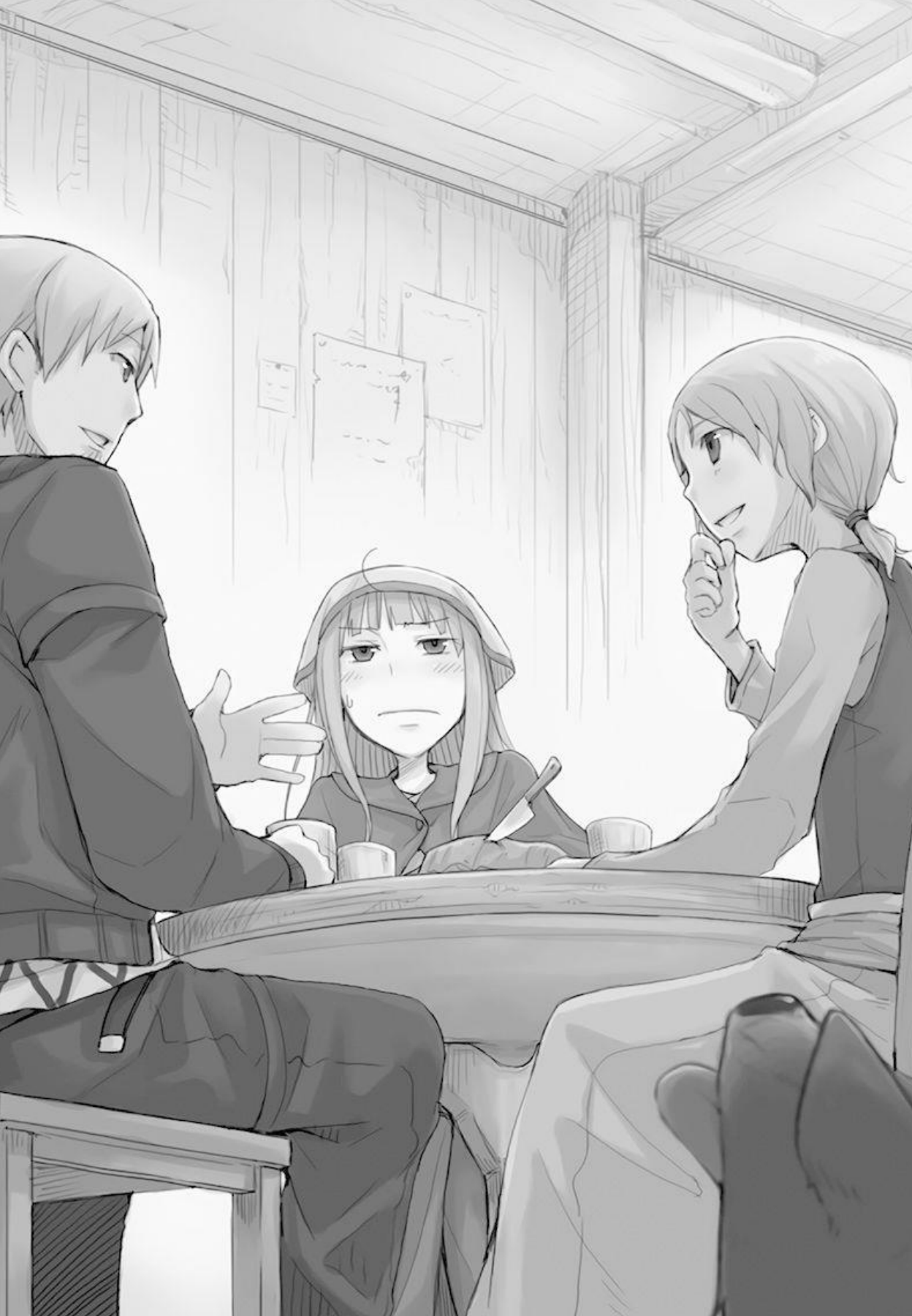
Holo riu silenciosamente, então muito gentilmente pegou a mão esquerda de Lawrence, como se fosse frágil. "Muito doce para o meu paladar."

"Para o seu?" perguntou Lawrence, apertando a mão dela tanto quanto podia sem agravar o ferimento.

"Dê uma mordida e veja, se tiver coragem."

Lawrence encolheu os ombros desamparadamente e olhou para a extensão do céu acima dele, que era de um azul claro.

— Fim.



A loba e a melancolia âmbar

Estranho, ela pensou — o álcool certamente estava fazendo efeito.

Foi dito que a sábia loba poderia beber um lago inteiro, mas pensar que ela ficaria assim depois de uma única xícara deste líquido com cheiro de trigo — E assim que o pensamento lhe ocorreu, ela estava na metade do segundo, seu rosto ruborizado.

E não apenas a bebida estava tendo um efeito surpreendente, mas ela também não parecia estar nem um pouco satisfeita com isso. Seu nariz se contraiu — a bebida não era do seu agrado? Ela não tinha certeza.

Sua visão oscilou e ela olhou confusa para os muitos pratos na mesa, as pálpebras pesadas. Bem à sua frente havia um lombo de porco salpicado de óleo coberto com sal-grosso amassado, mas de alguma forma ela não tinha apetite nenhum.

Não, espere — quanto ela já havia comido? Pensou.

Tendo chegado a este ponto, estava começando a perceber que ela poderia realmente estar se sentindo muito mal, o que, se fosse verdade, significava que não poderia continuar assim.

Se esta fosse apenas uma refeição qualquer, tudo bem — ela poderia ter alegado que se sentiu mal, e seu companheiro teria cuidado dela até ficar bem.

Mas, no momento, ela e seu companheiro não eram os únicos sentados à pequena mesa redonda.

A tolice de seu companheiro de viagem os colocou em sérios apuros, mas, tendo resolvido isso com segurança, eles estavam agora tendo uma pequena celebração.

E ela certamente não seria responsável por arruinar tal oportunidade. As comemorações, por mais escassas que fossem, eram muito importantes.

No entanto, esta não era a única razão pela qual não podia desabar aqui.

Não, a maior razão certamente poderia ser encontrada diante de seus próprios olhos, sentada bem à frente.

A pastora desnutrida de cabelos louros.

Bem na frente *disso*, ela dificilmente poderia se dar ao luxo de parecer rude.

"Mesmo assim, nunca soube que ovelhas conseguiam encontrar sal-grosso", disse seu companheiro, parecendo muito interessado ao continuar uma conversa sobre pastores.

Enquanto a pastora estava na metade da adolescência, seu companheiro estava na casa dos vinte. Embora uma sábia loba pudesse não saber tudo sobre o mundo humano, ela sabia o suficiente para dizer que enquanto eles conversavam intimamente à mesa, dificilmente poderiam deixar de parecer um casal.

"É porque elas amam o sal por algum motivo. Se você esfregar sal em uma pedra, elas vão lamber por muito tempo."

"Oh, então isso é verdade? Certa vez, ouvi falar de uma cidade distante onde usam ovelhas como aquela como forma de tortura — muito estranho. Eu não acreditei, honestamente."

"Eles usam… ovelhas?"

A menina pastora — Norah ou algo assim — tinha os olhos cheios de curiosidade. Os olhos da garota eram tão gentis e obedientes que só de olhar para eles a fazia querer devorá-la.

A pastora parecida com uma ovelha estendeu a mão para um grande pedaço de carne no meio da mesa. Por um tempo, todos os pratos que eles pediram tinham sido de vaca, porco ou peixe, sem carneiro.

Talvez isso fosse por consideração à pastora que estava jantando com eles, mas, de qualquer forma, ninguém *a* convidou.

E, claro, egoisticamente insistir que ela queria carneiro teria sido uma marca em sua honra como sábia loba.

Enfim, isso não importa. Era trivial.

O que importava era que sua companheira não tinha notado seu mau estado e estava ocupada galantemente cortando uma fina fatia de carne do assado e colocando-a cuidadosamente em um prato para a pastora.

Irritada, sua mão levou automaticamente a caneca aos lábios, embora a bebida já tivesse perdido o sabor. Isso só serviu para aquecer seu peito.

Dentro de sua cabeça, uma loba orgulhosa — seu outro eu — revirou os olhos para ela.

Mas não havia nada a fazer. Como seu humor e condição estavam se deteriorando, havia uma detestável pastora bem na sua frente e, para piorar, ela era exatamente o tipo de menininha mansa e patética de quem seu companheiro parecia gostar tanto.

Era o cúmulo da idiotice masculina preferir garotas tão fracas, mas ela sabia muito bem que se dissesse isso em voz alta, estaria se fazendo de idiota.

Ela estava encurralada em um canto.

Travar uma batalha para a qual não era adequada era exaustivo.

“Esqueci qual era o nome da cidade, mas o que eles faziam era mandar ovelhas lamberem seus pés como uma espécie de tortura.”

“O qu—? Ovelhas iriam —"

Justo quando ela pensou que a dócil pastorinha provavelmente iria educadamente colocar a fatia de carne entre alguns pães, a garota mordeu direto.

Mas sua boca era pequena, então foi uma pequena mordida hesitante, e ela não conseguiu passar por completo.

A menina deveria ter aberto mais a boca e realmente rasgado a carne, ela queria dizer, mas então ela viu o rosto de seu companheiro se contrair pateticamente.

Ela guardou isso em sua memória, junto com sua raiva — essa era aparentemente a maneira correta de agir quando em forma humana.

“Isso mesmo. Eles fazem as ovelhas lamberem seus pés e, aparentemente, colocam sal neles. Os criminosos riem no início, o que é ruim o suficiente. Mas, eventualmente, a lambida começa a se tornar uma agonia…”

Pode ter sido o licor, mas vê-lo exagerar foi delicioso.

Talvez ao longo de suas viagens, ele tenha se acostumado a contar histórias como esta.

Mas ele nunca disse nada a *ela*.

Uma dor de cabeça crescente começou a invadir suas têmporas.

“Acho que tive problemas com as ovelhas tentando lamber meus dedos depois de comer carne seca. Elas são bem comportadas, mas não têm qualquer restrição, o que é um pouco assustador.”

"Imagino que seu fiel cavaleiro seja mais razoável nesse aspecto."

Suas orelhas de lobo se ergueram, mas seu companheiro certamente não percebeu.

O "cavaleiro" da pastora — ele se referia a seu irritante cão pastor.

"Você quer dizer Enek? Bem… Enek é Enek, e às vezes ele se esforça um pouco demais ou é… pouco complacente…," disse Norah quando um latido de protesto surgiu de seus pés.

Ele estava recebendo pedaços de pão e restos de carne.

Ela estava bem ciente de que ele estava olhando para ela por baixo da mesa.

Apesar de ser um mero cachorro, ele entrou em alerta total.

"O que significa que, para manter os cães e as ovelhas na linha, você deve ser muito habilidosa."

A pastora arregalou os olhos de surpresa, depois ficou vermelha — sem dúvida não por causa da bebida.

Sob seu manto, a cauda da sábia loba afofou-se.

Embaixo da mesa, ela podia ouvir o cachorro ofegante como se estivesse rindo dela.

Sua visão turvou, claramente de raiva.

"A propósito, Srta. Norah, você vai perseguir seu sonho agora?"

O sonho dela.

Ela começou e, pela primeira vez, percebeu que estava ficando sonolenta.

Talvez toda essa conversa irritante tenha sido um sonho, ela pensou, mas rapidamente descartou a ideia.

Ela agora se sentia realmente mal.

Não havia mais nada a fazer, exceto tentar de alguma forma chegar à pousada sem ser detectada.

Este era um território inimigo.

Os métodos que ela usaria provavelmente sairiam pela culatra aqui.

Se ela estragasse a comemoração duramente conquistada dizendo que se sentia mal, isso seria mais do que o suficiente para arruinar a noite. E a única culpada por isso era ela.

Mas ela tinha seu próprio território — seu pequeno quarto na pousada.

Se ela admitisse que se sentia mal lá, isso seria equivalente a uma caçada bem-sucedida.

Ela pensou nisso como se estivesse escondida em um matagal enquanto observava um coelho aparecer, totalmente inconsciente de sua presença.

O que significava que ela não podia se dar ao luxo de se envergonhar. Com esforço, ela foi pegar um pedaço de carne da mesa, mas até levantar o braço era incômodo e ela não conseguia alcançar o prato.

"O quê, já está bêbada?"

Ela não precisava olhar para o rosto dele para conhecer seu sorriso triste.

Seu corpo pode ter sido afetado, mas suas lindas orelhas ainda funcionavam perfeitamente.

Ela sabia, sem usar os olhos, exatamente como seu companheiro de viagem ficava enquanto comia.

Assim, quando o referido companheiro estendeu a mão para pegar a fatia de carne para ela e a olhou para enquanto ela não agradecia, ela sabia tudo sobre sua expressão e postura e o odiou por isso.

Ela sabia tão bem que podia facilmente imaginar como parecia para ele e como ele se sentia por ela.

Mas ela não se importava mais com nada disso.

Agora ela queria apenas uma coisa.

"Ei, você não parece tão bem —"

Ela queria se deitar.

"Holo!"

As palavras de seu companheiro de viagem foram a última coisa que ela ouviu antes que sua memória fosse interrompida.

Quando voltou a si, estava debaixo de uma pilha de cobertores tão pesados que tornava difícil respirar.

Ela não se lembrava muito de quando ou como ela veio parar aqui.

Havia uma vaga sensação de ser carregada nas costas de alguém.

Por um lado, isso era humilhante, mas ela não podia negar que havia uma parte dela que se sentia muito agradecida em relação a isso.

Mas provavelmente tinha sido um sonho, então ela o varreu para um canto de sua mente.

Ela teve sonhos semelhantes antes, afinal.

Se ela *confundisse* sonhos com realidade e agradecesse por carregá-la, não havia como dizer o quão feliz isso o faria.

Este era o jeito da sábia loba: a raiva servia para repreensão e risos para elogios, mas um mostrava fraqueza apenas para enganar os outros para que baixassem a guarda.

"..."

E, *no entanto*, ela pensou, virando-se de lado e enrolando-se sob os cobertores muito pesados.

Ela era uma vergonha.

Ela interrompeu o jantar.

Como alguém que entendia bem a necessidade de comemorar, ela se sentia envergonhada.

E tendo mostrado um comportamento tão patético na frente da menina pastora, ela ficou ainda mais envergonhada.

Ela nunca poderia recuperar o orgulho da sábia loba.

Embora ela odiasse ser adorada, ela não queria abrir mão de sua dignidade.

"…Mngh."

E ainda *assim*, ela pensou.

Mesmo tendo cometido tal desgraça, ela pensou sobre as outras vezes em que se envergonhou na frente de seu companheiro de viagem tolo — isso não parecia nada comparado a isso.

Qualquer um dos ocorridos era mais do que suficiente para envergonhar o orgulho da sábia loba.

Ela ficou com raiva de descontentamento, riu quando se divertiu e baixou a guarda há muito tempo.

Tendo acabado de conhecê-lo, ela se sentiu como se eles estivessem viajando por muito tempo e, ao pensar em cada pedacinho, eles acabaram sendo um grande fracasso, e seu peito doeu com isso.

Há muito tempo ela cometeu erros aqui ou ali, é claro, mas nenhum deles a magoou tanto.

Mas essa jornada de repente parecia isso.

"…Por que deveria ser, eu me pergunto?" ela murmurou.

Ela se perguntou se era por causa dos séculos que passou nos campos de trigo. Dia após dia passaria sem que acontecesse nada, nenhuma diferença entre um dia e o seguinte, entre amanhã ou depois. As únicas coisas que a lembravam da passagem do tempo eram os festivais anuais — o festival da colheita, o festival da semeadura, os festivais de oração pela proteção da geada e do vento.

Quando ela realmente pensou sobre isso, talvez houvesse apenas vinte dias no ano que fossem diferentes dos outros.

Assim aconteceu que seu senso de tempo foi denominado não em dias, mas em meses e estações. Outros dias foram todos agrupados como "não dias de festival".

Mas agora cada dia era tão fresco, era como renascer diariamente.

Em comparação com sua vida anterior, onde se ela não tomasse cuidado, uma muda cresceria e se tornaria uma árvore enorme em um piscar de olhos, o tempo que ela passou com o jovem comerciante parecia valer a pena muitos anos de experiência.

Mesmo em um único dia, a manhã e a noite eram totalmente diferentes. Eles podem ter uma grande briga pela manhã, fazer as pazes ao meio-dia e provocar uns aos outros por deixarem no rosto as migalhas de pão do almoço, ter outra briga por causa do jantar e, então, na hora de dormir, falar baixinho sobre o dia que se aproxima.

Ela se perguntou se já havia passado por um período tão vertiginosamente cheio de mudanças antes.

Eu tenho, a resposta voltou para ela.

Ela já havia viajado e vivido com pessoas muitas vezes antes. Eram memórias que ela nunca perderia.

Mas, embora ela pudesse ter tido tempo para pensar nessas coisas nos dias em que tudo que tinha que fazer nos campos de trigo era pentear a própria cauda, ela agora não tinha esse luxo.

Estava ocupada demais pensando em outras coisas: o que seu companheiro fez ontem? E esta manhã? E o que ele estava planejando agora bem diante de seus olhos?

Quando seu companheiro a conheceu, ela estava pensando em sua terra natal e chorando pateticamente.

Como ela estava acostumada a dias com tempo livre o suficiente para contar os pelos da cauda duas ou três vezes, ela não conseguia chorar agora que todos os dias eram cheios de estímulos.

Se ela dissesse que não era divertido, seria uma mentira.

Não — era muito divertido e isso a preocupava.

"…"

Ela rolou para o lado, então suspirou por ter finalmente encontrado uma posição confortável.

Tendo se dado ao trabalho de assumir a forma humana, ela tentava dormir no estilo humano, mas não importa o que fizesse, esta era a única posição em que poderia relaxar.

De cara para baixo — ou melhor ainda, enrolada em uma bola.

Seu companheiro se esticava como um gato tolo, dormindo de cara para cima com as expressões mais ridículas no rosto, mas ultimamente ela tinha que admitir que era necessária tal insensibilidade para sobreviver no mundo humano.

Ela não tinha dúvidas de que os humanos tinham uma vida extremamente curta — eles tinham sorte se chegassem aos setenta — porque estavam muito ocupados todos os dias.

Basta olhar para as árvores, ela pensou.

Elas viveram tanto porque estavam longe de distinguir o hoje do amanhã, mal sabiam a diferença entre o próximo ano e o seguinte.

E quando o pensamento lhe ocorreu, ela havia se esquecido do que estava pensando mais cedo.

"…Hmph. Aquela pastora, eh…" Finalmente voltou ao início.

Em todo caso, ela se fez de trouxa.

Mas agora estavam na estalagem e ninguém os interromperia.

Então talvez fosse a hora de incomodar seu companheiro insensível — talvez fosse a hora dele atender alguns de seus caprichos.

Afinal, durante o jantar da noite anterior, ele deu toda a atenção à pastora e mal olhou para ela.

Foi graças à sua natureza de sábia loba que ela suportou tal provação. Aquela maldita pastora! Aquele corpo esguio! Aquele maldito cabelo loiro!

Enquanto pensava sobre tais coisas, ela sentiu suas pálpebras ficando pesadas novamente, o que a frustrou.

Afinal, onde ele estava?

Enquanto ela estava sentindo uma enorme raiva ao pensar sobre o macho imprestável estar ausente quando mais precisava dele — ou talvez ela estivesse sendo irracional — seus ouvidos captaram o som de passos.

"…!"

Ela se levantou em um salto.

Então, imediatamente notando algo parecido com o movimento de um cachorro, ela sentiu vergonha e irritação e se jogou de volta na cama.

Essas ações superficiais não combinavam com a dignidade de uma sábia loba.

E, no entanto, uma humilhação era uma humilhação.

Não apenas porque estava considerando chegar em tais esquemas com ele, mas pior — ela já estava fazendo isso inconscientemente.

Houve uma batida na porta.

Ela não respondeu e desviou o olhar.

Após um breve silêncio, a porta foi finalmente aberta.

Como ela sempre dormia com a cabeça embaixo do cobertor, se estivesse fora, ela normalmente estava acordada.

Seu companheiro parecia saber disso; ele suspirou, entrou e fechou a porta.

E ainda assim ele não estava olhando para ela; suas costas permaneceram viradas.

Se ele gostava tanto de garotas fracas, dificilmente poderia deixar de se encantar por ela ter desmaiado. Ela começou a ver uma chance de vitória.

Seu companheiro estava ao lado da cama.

Agora, para a caça! Ela pensou consigo mesma, e cheia de expectativa, ela rolou para encará-lo — muito, muito fracamente.

A isso ela acrescentou um alegre "… Nn…"

Mesmo ela não sabia o que falar — provavelmente algo que pensou que ajudaria no desempenho patético.

Mas pensando nisso mais tarde, ele deve ter ficado surpreso.

Afinal, quando olhou para ele, seu companheiro não parecia preocupado — seu rosto estava tenso de raiva.

"Por que você não me disse que não estava se sentindo bem?" foi a primeira coisa que ele disse.

"…" Ela ficou tão surpresa que não obteve resposta.

Nunca tinha sonhado que ele ficaria zangado com ela, dentre todas as possibilidades.

"Você não é uma criança. Suponho que não vai alegar que não percebeu o quão mal você se sentiu até cair, não é?"

Esta foi a primeira vez que ela viu este lado de seu companheiro: sério e com raiva.

Embora ele tivesse uma pequena fração de sua idade, sua sabedoria e força eram escassas em comparação com as dela como uma sábia loba — seu rosto ainda era assustador.

As palavras não vinham.

Embora seus dias tivessem sido tão numerosos quanto grãos de areia em uma praia, ela podia contar as vezes que alguém ousara ficar com raiva dela.

"Não me diga que a carne e o vinho eram tão importantes —"

"O qu—!"

Ela admitiu que foi parcialmente seu orgulho que a manteve calada.

Mas isso era apenas meia verdade.

Ela nunca esconderia se sentir mal apenas para ser servida com mais comida.

Embora ela possa ter odiado, foi chamada de deusa por muito tempo. Ela sabia bem a importância da comemoração. Nunca tentaria mudar ou destruir isso.

Que ele a acusasse de tal lógica impensada —

"…Eu sinto muito. Isso foi errado da minha parte," seu companheiro disse, voltando a si. Ele suspirou profundamente e se afastou.

Foi então que ela percebeu que estava expondo suas presas. "Eu nunca —"

Eu nunca teria pensado em fazer isso, ela pensou, mas não disse.

Sua garganta estava seca, mas mais do que isso, seu companheiro voltar a olhar para ela foi mais do que suficiente para fazê-la fechar a boca.

"Eu estava muito preocupado. O que você teria feito se estivéssemos viajando?"

Foi aqui que ela finalmente entendeu por que ele estava tão zangado.

Ele era um mercador viajante.

Se ele adoecesse na estrada, não teria camaradas por perto para ajudar.

Muito pelo contrário — sofrer sozinho no deserto era o resultado mais provável.

Ela pensou na comida escassa que comeu durante uma viagem, nas dificuldades que enfrentavam acampando.

O colapso em tais circunstâncias era, sem exagero, uma ameaça à vida.

Ele era diferente dela — ela que reclamava da solidão, mas sempre morou com alguém por perto.

"… eu sinto muito," ela disse em uma voz baixa e desolada, e não era uma atuação.

Seu companheiro era tão infinitamente compassivo que devia estar realmente preocupado com ela.

O fato de ter ignorado isso e pensado apenas em si mesma era profundamente embaraçoso.

Ela puxou a cabeça, incapaz de olhar para o rosto dele.

"Não… está tudo bem, contanto que você esteja bem. Você não… pegou um resfriado ou ficou doente… não é?"

Com essas palavras, ela se sentiu feliz e triste.

Seu pedido foi um pouco tímido. O motivo dessa timidez era óbvio.

Ele era um humano e ela uma sábia loba.

Ela estava além de sua compreensão em alguns aspectos — este era um deles.

"Eu só estava… um pouco cansada."

"Foi o que pensei. Acho que saberia dizer se você estivesse doente."

Ela sabia que era uma meia verdade.

Mas não havia razão para apontar isso, e seria ainda mais inútil ficar com raiva.

"Eu só queria saber se talvez…"

"?" Ele hesitou em terminar, e ela o olhou interrogativamente.

Ele continuou se desculpando. "…Se talvez você tivesse comido uma cebola ou algo assim."

Seus olhos se arregalaram, mas não de raiva.

Na verdade, era bastante divertido.

"Eu não… não sou um cachorro, sabe."

"Eu sei. Você é uma sábia loba." Seu companheiro finalmente sorriu, e ela percebeu que também sorria pela primeira vez em muito tempo.

"Eu *sinto* que foi um desperdício de vinho e comida, no entanto."

Diante disso, a expressão de seu companheiro sugeria que ele concordava. "Você não precisa se preocupar com isso — eu sou um mercador, afinal. Eu trouxe as sobras de comida embaladas para nós."

Novamente, suas presas estavam à mostra.

Mas isso foi porque seus lábios se curvaram em um sorriso.

"—Ou, pelo menos, é o que eu gostaria de poder dizer." O sorriso de seu companheiro desapareceu e ele estendeu a mão.

Não era exatamente difícil, mas também não era uma vida fácil.

As mãos dele eram claramente diferentes das suas, e a mão que a envolvia era tão áspera quanto a pata de um lobo.

Os dedos dele afastaram cuidadosamente a franja dela e sentiram sua testa.

Ela ficou muito inquieta com a sensação da mão dele em seu rosto.

Se ele acariciasse o rosto dela com o nariz teria sido algo mais familiar.

Ela não deixou esse sentimento transparecer em seu rosto, e seu companheiro certamente não percebeu.

Ele apenas sentiu sua testa, como se fosse a coisa mais natural do mundo. “Ah, é exatamente como eu pensava. Você está com febre. Deve estar realmente exausta.”

“É porque você é um idiota que… e eu tive que trabalhar tanto”, disse ela amargamente, Seu dedo áspero cutucou seu nariz com a resposta.

“Você tem que controlar essa revolta.” Ele estava com um sorriso cansado, mas suas palavras eram totalmente sérias, ela conseguia notar.

Estava tão envergonhada que não conseguia continuar olhando para ele.

Virando a cabeça para o lado como se quisesse escapar de uma cutucada no nariz, ela olhou para fora dos cobertores com apenas um olho.

“Honestamente, foi uma vergonha passar por isso na frente de Norah.”

Isso porque o banquete foi desperdiçado, pensou Holo consigo mesma, enrolando-se.

Ele certamente estava distraído o suficiente por causa dela.

Mesmo que já não se sentisse mal, ouvir esse tipo de coisa era o suficiente para fazê-la mentir.

Ela lançou um olhar ferido, que foi retribuído por um olhar espantado.

“De qualquer forma, vou buscar uma comida mais adequada para você, então certifique-se de descansar e recuperar suas forças, certo? Então, você pode comer tanta comida e vinho quanto quiser.”

Suas orelhas empinaram com a promessa de “tanto… quanto você quiser”, mas mais do que isso, seu peito doeu com a ideia de alguma comida adequada.

Mesmo antes das centenas de anos que ela havia permanecido na aldeia, ela sempre ouvia que, quando as pessoas ficavam doentes, elas recebiam uma comida mais luxuosa para compensar.

Quando os lobos adoeciam, eles simplesmente não comiam, é claro, mas os humanos tiveram a ideia oposta.

Ela simplesmente teria que fingir estar doente.

Porque mais do que qualquer outra coisa, ela poderia finalmente desviar o olhar dele da pastora.

Ela não o deixaria escapar.

"Quando você é tão gentil, temo o que vai acontecer a seguir." Ela escolheu as palavras mais irônicas e carregadas de rebeldia que podia.

Uma sábia loba poderia desmaiar de exaustão e ser incapaz de se mover, mas sua mente ainda tinha que estar afiada.

Seu companheiro sorriu. "Essa fala é minha", disse ele.

O dedo dele tocou sua bochecha, pela qual ela realmente se sentiu ligeiramente febril, e ela fechou os olhos.

Na manhã seguinte, ela abriu os olhos sob os cobertores e ouviu com atenção.

Não ouviu nenhum ronco idiota. Parecia que seu companheiro não estava na sala.

Ela consultou seu corpo. Agora estava apenas cansada e, embora carneiro cru ainda estivesse fora de questão, algo cozido e levemente salgado estaria bom.

Tendo recebido ordens para descansar na noite anterior, ela teve a tal comida adequada adiada.

Ser capaz de comer coisas deliciosas só porque não se sentia bem era algo improvável.

Embora ela tivesse que suspirar por estar tão fraca a ponto de ter febre depois de menos de um mês de viagem e essa pequena crise, ela também teve que admitir que esse tratamento não era ruim.

Afinal, foi graças a essa fraqueza que ela foi capaz de ficar assim com seu companheiro.

"Completamente idiota."

Essas palavras foram claramente dirigidas a ela mesma, e se mexeu debaixo dos cobertores antes de colocar a cabeça para fora.

Tendo se acostumado a acordar ao ar livre com a paisagem se espalhando por toda parte, ela descobriu que dormir nesta pequena caixa não era particularmente agradável.

Até a carroceria, apertada e fria, era preferível.

Era muito melhor acordar sob o grande céu, engolir grandes lufadas de ar fresco sem fim e ficar apenas os dois, ali na paisagem. Ela poderia aceitar um telhado, mas apenas se fosse dentro do oco de alguma grande árvore.

Ela virou a cabeça de lado enquanto pensava nessas coisas.

Não havia sinal de ninguém na cama ao lado, e uma fungada com seu nariz disse a ela que o cheiro de seu companheiro era muito fraco.

Certamente ele não tinha ido à igreja orar para que ela voltasse à saúde.

A ideia era absurda, mas seria uma piada boa.

Ela sorriu para si mesma com a ideia, mas como não havia mais ninguém lá, o sorriso rapidamente desapareceu.

Sua respiração saiu branca pelo ar frio, e ela abraçou o travesseiro recheado com palha de trigo.

Aquele idiota de coração mole não tinha nenhum bom senso, na verdade.

"Que idiota…", ela murmurou, então tentou se sentar, mas encontrou os cobertores surpreendentemente pesados.

Quantos anos se passaram desde que ela teve um último colapso na forma humana?

Ela tinha certeza de que era impossível ficar tão fraca em apenas uma noite, mas finalmente admitiu.

“Hmph.”

Ela queria passar algum tempo cuidando da cauda, mas desistiu de tentar se sentar.

O que significava — precisava de comida. E ela estava com sede. Quase não tinha comido na noite anterior.

Para onde foi seu companheiro e o que ele estava fazendo?

Em Yoitsu, cuidar da saúde de alguém significava ficar perto dele.

Era imperdoável que não estivesse ao lado dela quando acordou, ela manteve sua raiva — mas então ouviu passos.

Em vez de tentar se sentar, ela aguçou os ouvidos.

Era muito frustrante, e ela abraçou o travesseiro novamente.

Por um momento, ficou feliz por seu companheiro não estar lá.

“Você está acordada?” ele perguntou depois de dar uma batida hesitante na porta e abri-la.

Se ela estivesse dormindo, não seria capaz de responder, assim como se estivesse acordada, era uma pergunta sem sentido, pensou.

“Você não pode dizer olhando?” ela perguntou de volta.

“Como você está se sentindo?”

“Eu não posso sentar.”

Isso não era uma mentira, mas ela ainda tentou dizer o mais casualmente possível.

Para duplicar o blefe, era preciso falar a verdade.

Enquanto sua boca falava a mentira, seu rosto denunciava preocupação.

Ela olhou para a bolsa de couro que ele carregava, depois de volta para ele com a mesma cara patética.

Se ele ia ser tão charmoso, a posição dela não era boa.

"Na verdade… você parece uma princesa a ser protegida."

Evidentemente, ela parecia mal o suficiente para brincar sobre isso, mas como ela não tinha comido, isso era de se esperar.

"Mesmo assim, estou com fome."

"Ha-ha. Isso é um alívio." Seu companheiro sorriu. "Bem, então," ele continuou, "devo pedir um pouco de mingau?"

"Estou com sede. Isso é água aí?" ela perguntou, olhando para a bolsa de couro que seu companheiro carregava. Não era muito grande e não cheirava particularmente a uvas.

"Ah, não — você teve febre ontem, então eu trouxe um pouco de vinho de maçã."

Ela não conseguia ficar na cama com a menção de maçãs.

Quando ela tentou se sentar, no entanto, se lembrou do peso dos cobertores.

"Ah, você está bem?"

"Mmph…" Uma vez que ela foi capaz de mover facilmente uma árvore gigante derrubada por um raio para libertar um camarada preso sob ela, e agora ela estava reduzida a ser resgatada debaixo de um cobertor.

Embora preocupado, seu companheiro alegremente lhe emprestou a mão.

"Sinto muito", disse. Com ajuda, ela finalmente conseguiu se livrar dos cobertores e se sentar.

Ele também a ajudou a se sentar em um travesseiro para que sua cauda não ficasse no caminho.

A forma humana era tão fraca.

Mas era exatamente por isso que valia a pena.

"Se você fosse apenas um pouquinho agradável normalmente," disse seu companheiro perversamente. Ao lado da cama havia uma prateleira com um suporte para velas. Em vez de uma vela, ele colocou uma xícara ali e a encheu com vinho de maçã.

"Ah, mas quando eu durmo agradavelmente na carroceria, você fica com raiva."

"Bem, não é injusto que eu seja o único acordado?" Ele entregou a pequena xícara, que ela aceitou com as duas mãos.

"Além disso, se eu fosse muito agradável, você comeria a maior parte da comida na hora das refeições."

"Obviamente — eu sou maior."

Com essas palavras, ela sorriu. "Eu apenas terei que desenvolver minha implicância para corresponder."

O rosto de seu companheiro se contraiu de desgosto, mas ele parecia não ter uma boa resposta. Ele coçou a cabeça, irritado.

Não era nada tão cerimonioso quanto respeito ou admiração — ainda mais porque ele estava olhando para ela ao nível dos olhos, com um rosto que dizia que estava determinado a vencer da próxima vez.

Era extremamente confortável.

Não apenas isso — o fato de que ele estava realmente tentando vencê-la a deixava insuportavelmente feliz.

Depressa, me abrace! Se ela dissesse isso, ela não tinha dúvidas de que ele ficaria vermelho e nervoso.

Ela sorriu ao pensar nisso, levando a xícara aos lábios para esconder o sorriso.

No entanto, não foi isso que apagou seu sorriso.

"Guh, hein?"

Ela tirou o copo da boca e olhou seu conteúdo com desconfiança.

Dentro dele estava um líquido âmbar claro.

"O que está errado?" seu companheiro perguntou a ela.

"Ugh... o sabor, é...", disse ela, esfregando o nariz e se perguntando se ele havia parado de funcionar.

Ela cheirou novamente e detectou muito pouco cheiro de maçã e pouco álcool.

Ela estava repentinamente insegura.

Suas orelhas e nariz eram ainda mais importantes para ela do que seus olhos.

"Oh, eu diluí," disse seu companheiro rapidamente. Embora isso tenha sido um alívio, em um piscar de olhos esse alívio foi substituído por uma irritação crescente.

"Sim, e muito. Achei que meu nariz tinha ficado inútil!"

"Você estava com febre, não é? Portanto, vinho de maçã diluído."

Ele disse isso como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, mas ela não entendeu.

"Oh, certo. Você não sabe sobre isso?"

"Eu sou uma sábia loba — eu sei o suficiente sobre o mundo para saber que existem coisas que eu não sei."

"Existe um campo chamado 'medicina' que foi construído a partir do conhecimento acumulado pelas pessoas ao longo dos anos. Quando você desmaiou, fui à casa de comércio e felizmente pude olhar a tradução de um livro sobre o assunto."

A palavra *remédio* não era familiar para ela.

Quando as pessoas em sua antiga vila estavam doentes, eles ferviam grama na água e bebiam, e quando feridos, eles aplicavam a grama em suas feridas, mas fora isso, tudo o que podiam fazer era rezar para que deuses inventados os ajudassem.

Mas ela estava interessada no desconhecido.

Ela cheirou a xícara novamente. “E do que se trata?” ela perguntou.

“Bem, existem quatro líquidos no corpo e quatro temperamentos.”

“Oh?”

“Os quatro líquidos são sangue, bile amarela, bile negra e catarro”, explicou ele com orgulho, contando-os nos dedos, mas ela não acreditou em uma palavra.

Ainda assim, ela ficou quieta e ouviu.

“A doença acontece quando esses líquidos perdem o equilíbrio — quando você está cansado ou respira ar ruim ou às vezes quando os movimentos das estrelas os influenciam.”

“Hmm. Sim, eu entendo isso.” Ela sorriu fracamente. “Quando a lua cheia aparece e meu corpo formiga e lateja.” Ela ergueu o queixo e olhou para seu companheiro, que poderia facilmente dizer que estava repentinamente perturbado.

Meu Deus, mas ele era tão ingênuo para um homem.

“A-ah, sim, bem, tem isso também. Assim como as marés. Então, quando os líquidos se tornam desequilibrados, você precisa reequilibrá-los sangrando e coisas semelhantes.”

“…Os humanos umas ideias muito estranhas.”

“Se você tem uma bolha ou furúnculo, você fura, não é?”

“O qu—!” Ela olhou para seu companheiro, chocada.

Ele sorriu, ao que ela amaldiçoou.

“Os humanos fazem isso, e isso os cura. Parece bom, não é?”

Ela se afastou, ignorando sua discussão sobre esses métodos selvagens.

“Essa é uma forma de restaurar o equilíbrio, mas deve ser realizada por um médico. Mas se eles vissem suas orelhas e cauda, quem sabe

que doença maluca eles pensariam que você tem, e que confusão isso causaria. Portanto, não podemos ver um médico. Teremos apenas que curá-la de outra maneira — usando os quatro temperamentos."

Ela ergueu as orelhas e olhou para ele com um olho. "E com isso você quer dizer alegria, raiva, tristeza, prazer — todas as emoções, certo?"

"Perto, mas não exatamente. O corpo humano tem quatro temperamentos: quente, frio, seco e úmido."

Tomando um gole do vinho de maçã quase sem sabor, ela examinou a palma da mão.

O que ele estava dizendo era tão óbvio, ela não pôde deixar de se perguntar se estava sendo ridicularizada.

"Além disso, você pode afetar esses estados com o que come — porque existem alimentos quentes, alimentos frios, alimentos secos e alimentos úmidos. Já que você estava com calor, algo frio — como uma maçã — certo."

Ou alguém poderia simplesmente dizer que os humanos eram muito bons em atribuir significados às coisas.

Isso era algo que ela poderia afirmar, tendo assistido a tantas vidas humanas ao longo dos tempos.

Ela tinha que admitir que estava impressionada em como eles podiam imaginar todos os tipos de coisas interessantes, pulando de uma para a outra.

"Bem, se for esse o caso, eu teria preferido uma simples maçã crua."

"Não, isso não é bom. Maçãs são frias, mas medicinalmente falando, também estão secas. Pessoas que estão se sentindo mal já estão cansadas, então você tem que reverter isso. E para isso, você precisa de uma bebida."

Então foi por isso que ela recebeu esta água colorida desagradável.

Quer o companheiro dela tivesse acabado de saber disso ou tivesse confiado nisso por muito tempo, ele estava explicando com tanto orgulho que tentar dizer a ele que tudo era sem sentido seria maldade. Embora os humanos fossem todos de uma espécie, diferentes nações tinham maneiras totalmente diferentes de fazer as coisas — isso ela sabia.

Então ela teve que admitir que não era surpreendente que quando se tratava de humanos e lobos, as coisas que acreditavam seriam tão diferentes — então ela cedeu.

"E então você planeja me fazer comer mais alguma coisa?"

"Sim, porque você desmaiou de exaustão. Como você estava com febre e cansaço acumulado, primeiro teremos que resfriá-la. Em seguida, seu corpo está muito seco, por isso precisamos repor sua umidade. Quando você corre, fica com sede, certo? Mas umedecer o corpo também o esfria, e se você ficar muito fria, ficará melancólica, então devemos aquecê-la. Então…"

Enquanto ele continuava alegremente, ela suspirou uma vez, superficialmente, ansiosa para fingir paciência.

Mas, ouvindo seu companheiro continuar, ela percebeu que deveria apressá-lo.

"Então, sim. Vamos pegar um mingau feito com grãos e leite de ovelha, adicionar algumas maçãs fatiadas e cobrir com queijo. Agora, primeiro as maçãs —"

"Sim, isso vai servir. Eu gostaria de comer isso. Temo desmaiar de novo se não o fizer. Você quer ver? Veja como estou pálida. Depressa — vá e traga logo!"

Ela mal podia impedir seu estômago de roncar com a perspectiva de um mingau tão delicioso.

Mesmo agora, uma gota de baba ameaçava escorrer do canto de sua boca.

"…Você está perfeitamente bem, não é?"

"Ooh, estou tão tonta…"

A tontura nunca chegaria em um momento tão conveniente, mas seu companheiro era muito compassivo para não se estender e segurá-la quando ela cambaleou e ameaçou deixar cair a xícara.

Ela se aninhou em seu braço, então ergueu os olhos com ar provocante.

"Apresse-se e vá buscá-lo, tudo bem?"

Talvez seu rosto estivesse um pouco perto demais; seu companheiro ficou instantaneamente vermelho.

Era difícil dizer quem era realmente o doente.

No entanto, ela estava começando a se perguntar se o estranho costume humano de deixar o sangue sair do corpo não era algo bastante sábio.

"Honestamente… bem, você terminou o vinho de maçã?"

"Mm, sim, bem, acho que já basta," disse ela, pegando a xícara novamente e tomando um gole.

Afinal, seu companheiro se dera ao trabalho de prepará-lo para ela.

Ela se sentiria mal se tivesse recusado a bebida simplesmente porque tinha um gosto ruim.

"E faça uma grande porção de mingau", disse ela, ao que seu companheiro parecia não ter nada a retrucar.

Ela honestamente não sabia quanto tempo estava esperando.

Em todo caso, ele não voltou imediatamente, e assim que ela se aconchegou sob os cobertores, adormeceu. Acordou apenas porque seu nariz estava fazendo cócegas com um cheiro tentador o suficiente para despertá-la.

No entanto, ela não se sentia bem — não por causa de sua condição física, mas sim porque teve um pesadelo.

Era de sua terra natal. E dos campos de trigo.

O sonho deixou saudades de casa, sim, mas também uma repulsa terrível.

Era sobre uma época em que, como um ser que estava acima de muitos outros, ela tinha que assumir a responsabilidade por eles.

O mundo era a floresta e, se o solo não fosse forte, as árvores não cresceriam. Portanto, a Sábia Loba de Yoitsu tinha que ser seu alicerce, forte e verdadeiro. Se ela abandonasse esse dever, a floresta murcharia rapidamente.

Não foi um favor pedido a ela; era simplesmente uma responsabilidade que alguém tinha de assumir.

Então ela percebeu que ao redor de seu pescoço havia uma corrente pesada, muito pesada.

Ela não tinha certeza desde quando estava lá — talvez desde seu nascimento.

Ela era diferente dos demais.

Mesmo se ela assumisse a forma humana, eles sempre saberiam que era diferente — grotesca.

Ela era confiada por sua força, temida por seu tamanho, apreciada por sua utilidade.

Ela e sua espécie achavam natural servir nessa posição, e foi o que fizeram.

Todos tinham a mesma opinião de que havia mérito para eles ao fazê-lo.

Mas os adoradores exigiam majestade de seus deuses, além de favor. Se os objetos de sua adoração eram escassos, afinal, como eles poderiam esperar que aqueles deuses fossem capazes de conceder bênçãos?

Embora ela nunca tivesse pedido para ser adorada, foi incapaz de abandonar esses adoradores e, portanto, ficou presa.

Sem ninguém para adorar, eles desapareceriam com as estações, perdidos para o medo, a loucura e a crueldade.

Ela sabia que era uma tolice, mas não importava o quanto sofresse, não poderia abandoná-los.

Ela nunca pediu por isso e nunca perguntaram se queria, e assim — séculos se passaram.

Algo cheirava muito bem; ela estava acostumada a cheirar comidas saborosas.

Mas enquanto seu nariz se torcia com isso, ela sabia que nunca teria um sorriso de boas-vindas.

Nem mesmo de alguém atrevido que não conhecia seu lugar.

"Você pode se sentar?"

Seu corpo estava se recuperando gradualmente e agora ela tinha pouca dificuldade em rastejar para fora dos cobertores.

Mesmo assim, ela balançou a cabeça, os olhos ainda pesados de sonolência.

A prisão estava no passado.

Ela foi capaz de tornar seu sonho de longa data em realidade.

Para dançar e brincar como um filhote. Para ser egoísta, ser impotente.

E para ser protegida por alguém.

"Honestamente — se eu ficar doente, espero que você retribua o favor."

Tendo acabado de acordar e ainda quase exausta, ela deve ter parecido um gato arrastado de seu local favorito para dormir.

Era constrangedor, mas depois de fazer isso uma vez, ela não conseguia parar.

"Sim, contanto que você não se importe com o tratamento no estilo dos lobos de Yoitsu." Ela sorriu para esconder sua autocensura.

Em todo caso, o rosto de seu companheiro estremeceu, mas ela tinha certeza de que se ele perguntasse sobre o tratamento, ficaria muito feliz com a resposta.

Envolvia muitas lambidas e abraços.

No entanto, ela não teve a gentileza de contar sem ser perguntada.

"Ah, está bem. Meu nariz é muito aguçado — saberei muito antes de você ficar tão mal e farei algo a respeito."

Depois de dizer isso, ela pensou em acrescentar algo sobre não conversar alegremente com alguma outra mulher enquanto não o notava até que ele desmaiasse, mas decidiu que era melhor não.

Feliz — sim, ele parecia muito feliz, mas seu companheiro sabia qual era o seu trabalho.

E, naquele momento, conversar com a garota tinha sido seu trabalho.

Então ele falou, e ela acreditou.

"Mesmo assim, sinto muito não ter percebido. Mas eu gostaria que você tivesse dito algo. Em todo caso, sim — eu sou um pouco estúpido", disse seu companheiro, encolhendo os ombros.

"Você certamente é. Posso ter uma doença muito mais séria e, sem dúvida, você ainda não notaria."

"Huh?" Ele a olhou interrogativamente, mas ela não quis explicar.

Ele era muito estúpido para fazer as conexões.

Ela estava apaixonada.

Mas ela sabia que demoraria muito até que ele percebesse.

"Não é nada. Esquece. Agora comida!" disse ela, ao que seu companheiro franziu o cenho infantilmente.

Os humanos julgavam as coisas com base em suas aparências.

Ser derrotado por alguém que parecia ser uma jovem humana era frustrante.

Era uma emoção complicada, mas não desconfortável.

Mesmo no livro das escrituras que circulou pelo mundo, havia a história satírica de Deus vestindo trapos e caminhando pelas estradas, perdendo assim todo o sentido de formalidade e cerimônia.

"Você está uma princesa e tanto esta manhã", ele resmungou, mas mesmo assim removeu a tampa da panela de mingau e pegou um prato.

Nenhum cavaleiro falaria tão rudemente com uma princesa.

Ela sorriu. "Você poderia gentilmente me alimentar com uma colher?" ela perguntou como forma de caçoar dele.

Seu companheiro congelou, chocado — um rosto muito patético para ser adequado a um cavaleiro.

"'Teria sido melhor se tivesse mais maçãs."

"Provavelmente. Maçãs frias aumentam a melancolia."

"Você está… mph… você está dizendo que sou muito alegre?" ela falou enquanto ele levava uma colher até sua boca.

Ela comeu o equivalente a duas tigelas.

As primeiras colheradas, provavelmente graças ao seu constrangimento, foram um pouco vacilantes e desleixadas, mas ou ele ficou sério ou se acostumou com isso, e ela foi capaz de aproveitar a última parte da refeição com tranquilidade.

Ser capaz de comer apenas abrindo a boca a fazia se sentir como um pintinho.

Seria bom poder ter essa outra aparência, mas sua cauda era preciosa demais para ser deixada.

Ela arrotou baixinho, para o que seu companheiro franziu um pouco as sobrancelhas.

"Além disso, lembre-se de quantas maçãs comi mais cedo na cidade."

"Ah sim! Você não conseguiu nem mesmo terminá-las, então é por isso que ficou tão melancólica."

"Mm."

Ela pensou que ele poderia estar certo, mas não por causa do sabor ou da essência da maçã ou qualquer absurdo, mas simplesmente porque ela comprou muitas.

"Não quero comer mais maçãs por um tempo", disse seu companheiro.

Ela alegou que seria capaz de comê-las, mas no final ele teve que ajudar.

No entanto, ela aprendeu que comer com companhia era muito mais agradável do que comer sozinha — não que ela fosse dizer isso.

"Ainda assim, se pode comer tanto, você está se recuperando. Amanhã ou no dia seguinte estará bem de novo," disse seu companheiro enquanto recolhia o prato e a panela. "Não que haja necessidade de pressa. Estaremos na carroça novamente por algum tempo depois de partirmos. É melhor descansar."

Ele era muito compassivo para reconhecer uma mentira como uma mentira.

Não — era mais porque ele confiava tanto que nunca suspeitaria que ela mentisse.

Sentimentos de culpa brotaram em seu peito, mas quando ela olhou para cima e encontrou seus olhos, sua respiração parou.

Aqueles olhos preocupados.

Isso não era nada bom.

"…Lamento ter… atrasado nossa viagem", disse ela quando percebeu do que se tratava.

Ela não podia deixar essa oportunidade escapar.

"Desisti de me apressar quando te peguei. E eles dizem que os tempos difíceis tornam as bases mais fortes, não é? Recuperei meu bom crédito nesta cidade, e provavelmente está melhor do que nunca. Quando penso nesse lucro, o que são mais dois ou três dias?"

Ela teria que agradecer aquele deus da fortuna que os humanos sempre estavam adorando, ela pensou para si mesma, por ter sido apanhada por um tolo de coração tão mole.

Coração mole, coração mole — Quando ela não estava dizendo isso com um sorriso de escárnio, mudou para um nome totalmente diferente, o que era aterrorizante.

Ela queria que ele ficasse com ela.

Só de observá-lo enquanto reunia os pratos e começava a se dirigir à porta para devolvê-los à estalagem, a cauda dela balançava inquieta.

"Mesmo assim —"

"Hmm?" disse ele, com olhos tão sinceramente ingênuos que ela mal conseguia olhar para eles.

"A pousada está… muito quieta…" O constrangimento a impediu de terminar a frase.

Mas seu companheiro sem dúvida pensava que era tudo uma atuação.

E, ao mesmo tempo, ele certamente adivinhou que, embora fosse uma atuação, também era a verdade.

"É verdade, dormir na carroça é muito mais barulhento. De qualquer forma, não tenho nada para fazer hoje. E eu tenho que consultar sobre o menu da noite para uma certa comilona que conheço, então…"

Então ele ficaria com ela.

Ela estava sendo egoísta como uma criança.

Seu companheiro sorriu, e ela fez uma careta deliberadamente, se virando.

Era uma disputa tranquila e sem complicações.

Se a felicidade tivesse uma forma, bem poderia ter sido esta.

"Então, você tem alguma preferência? Vou procurar os detalhes no livro de remédios mais tarde, mas assim que o mercado fechar, não poderei comprar os ingredientes."

"Hmm…"

"Você parece bem. Pode não estar completamente bem, então é melhor evitar comidas pesadas."

"Carne também?" Ela ergueu os olhos tristemente.

Isso foi uma atuação.

"Certamente. Mingau ou sopa feita de pão cozido…"

"Hmph. Bem, então, quero mais disso aqui — o que era, leite de ovelha?" disse ela, indicando os pratos que seu companheiro segurava. Ele assentiu. "Gostei do seu aroma doce e sabor espesso. Vai servir."

"Leite de ovelha, hein…?"

"Há algum problema?" ela perguntou, e ele balançou a cabeça.

"Estraga rapidamente, por isso pode ser difícil encontrar leite de boa qualidade à tarde. Você vai querer fresco, não é?"

"Naturalmente." Ela sorriu, expondo suas presas.

"Bem, talvez eu peça para Norah pegar para mim novamente. Por ser uma pastora, ela tem olho para esse tipo de…"

Ele evitou terminar a frase.

"Você disse Norah?" ela atirou de volta reflexivamente — tão reflexivamente que ela não sabia que tipo de cara ela estava fazendo.

A expressão de seu companheiro deixou claro que ele percebeu que havia proferido uma palavra tabu, então ela deve ter feito alguma cara estranha.

A atmosfera agradável havia sumido.

Quando ele mencionou que Norah tinha olho para ovelhas, ela percebeu que, enquanto dormia, seu companheiro andava pela cidade com aquela pastora.

Aquela pastora odiosa.

Apenas os dois.

Enquanto ela dormia!

"Não, foi… foi por você. Eu precisava de um bom leite, então pensei —"

"Se você apenas gastasse o dinheiro, não precisa de um maldito olho para ovelhas", ela rosnou, olhando-o com ressentimento.

Traidor, traidor, traidor! Ela gritou a palavra em seu coração.

Embora ela soubesse que ele não tinha feito nada para ganhar sua ira, ele deveria ter pensado melhor do que mencionar a pastora em tal momento, e por isso ela não pôde evitar.

Depois de tudo, pastores e lobos eram inimigos ferrenhos.

"Claro que não há razão para não a contratar como guia. E de qualquer maneira —" Ele claramente sabia que havia tropeçado em um grande problema e estava tentando resolver as coisas às pressas. Mas no auge de sua raiva irracional, tal suavização só servia para aumentar suas suspeitas. E para finalizar, ele completou. "E de toda forma, por que você odeia tanto Norah?"

O tempo parou.

Na tentativa de apaziguar sua raiva latente, ele disse algo tão inesperado que ela não conseguiu responder.

Sua boca abriu. "O-o que você disse?" ela respondeu estupidamente.

"B-bem, eu… quero dizer, não sei o que aconteceu entre você e os pastores no passado, mas entendo que é uma loba e simplesmente não gosta deles. Mas isso não significa que você tenha que odiá-la tanto. Quero dizer, Norah é uma pastora, mas bem…" Ainda segurando a

tigela e o prato com as duas mãos, ele coçou a cabeça com cuidado. "…Ela é tão doce — certamente há uma exceção para todas as regras."

"*Idiota*!" ela quase gritou.

O que a deteve não foi o cansaço, nem o fato de ser impróprio para uma sábia loba.

Foi, na verdade, a própria tolice de seu companheiro que drenou o seu desejo de gritar.

Era verdade que depois de ficar sozinha por tantos séculos, ter acabado de escapar dos campos de trigo tornava suas emoções instáveis — tinha que admitir. Ela havia se esquecido tão completamente de como falar com as pessoas que agora tinha que prestar muita atenção em suas conversas. Ela percebeu que havia se esquecido de como ler as sutis alterações dos outros.

E não seria surpresa que seu companheiro, depois de passar meses e anos sozinho em uma carroça, tivesse ficado enferrujado com essas mesmas habilidades.

Ainda assim — ele poderia realmente ser tão estúpido? Ela suspirou.

Ela não conseguia entender como ele podia ser tão persistente mesmo depois de se colocar nessa situação; como, apesar de ser um tolo, teve a ousadia de tentar usar a razão com ela; por que por alguma razão, apesar de parecer tão atencioso, até mesmo fraco, ele tinha a disposição de agora — dentre todos os momentos possíveis! — ter algum orgulho; e porque, neste momento crítico, ele conseguia ser tão incrivelmente denso.

Ela não conseguia entender nada.

Ele realmente não podia entender? ela imaginou.

Ela estava até começando a pensar que ele a estava testando.

Sua visão da situação era que a sábia loba de Yoitsu odiava pastores — era isso que ele pensava?

Os lobos caçavam ovelhas e os pastores protegiam essas mesmas ovelhas lamentáveis e impotentes. Então, nesta composição, quem era o lobo, quem era o pastor e quem era a ovelha? Se ele apenas pensasse sobre isso, entenderia imediatamente o motivo de seu descontentamento.

Ela não odiava pastores. Ela estava nervosa porque o pastor estava perto das ovelhas.

Como se a ovelha não fosse protegida pelo pastor. Como se o pastor fosse tocar seu sino e roubar as ovelhas. Como se ele pudesse se afastar com a pastora ingênua e gentil, porque estava tão desamparado, tão tolo, incapaz de compreender!

Enquanto tais pensamentos ocupavam sua mente, ela suspirou uma última vez.

Seu companheiro estava ali, seu rosto evidenciando que, como sempre, ele não tinha a menor noção do que ela estava pensando. Ele era, em cada detalhe, uma ovelha alegre e tola.

A doce bondade que tinha mostrado ao pegar o mingau e alimentá-la era a mesma de sempre.

Seu sonho havia se tornado essencialmente real.

Ela havia sido libertada de sua prisão e estava livre para fazer o que quisesse, sem ninguém a olhar de soslaio, livre para dizer o que quisesse sem incomodar ninguém.

Então, por bem ou por mal, ela desejava nem que fosse por apenas uma vez. Como seria brincar como um cachorrinho? Qual seria a sensação?

No fim, não se comparava ao tolo por natureza.

Após beber a noite toda, o sóbrio sempre tinha que cuidar do bêbado.

“Escute —” ela disse cansada, porque afinal estava realmente muito cansada.

Ela pensou em se passar por um cachorrinho.

Mas no final era impossível para uma loba fingir ser tola como uma ovelha.

Seu companheiro poderia pensar que ela estava tentando agir assim, mas isso não era sua responsabilidade.

Era culpa dele estar tão obcecado por tímidos encantos que ela queria agir assim também, mas não conseguia.

Se ambos fossem ovelhas idiotas, eles simplesmente pulariam juntos do penhasco.

Um deles tinha que ser o sóbrio e liderar o outro.

Uma dívida.

Uma dívida natural.

"Eu estava errada", disse ela com um claro mau humor. Seu companheiro estava claramente aliviado. "Mas gostar e não gostar não são coisas sentidas com a razão. Eu sinto que já disse isso antes."

"Sim, bem, isso é verdade, claro. Eu não acho que você tenha que decidir tudo com a razão," disse para mostrar que entendia os sentimentos dela — mas a verdade é que não entendia o verdadeiro significado do que ela estava dizendo.

Ela poderia muito bem permitir que ele acariciasse sua cabeça, mas certamente não poderia deixá-lo mexer em sua cauda.

Esse dia chegaria?

Ela o olhou com olhos cansados e se perguntou.

"E você—" ela começou, seu companheiro ficou tenso, como se estivesse se preparando para algo novo. Ele era como um cachorro abaixando a cabeça para ser um animal de estimação. "Quando você guardar isso aí, voltaria imediatamente?" Ela disse isso com um sorriso manso.

Ele pareceu surpreso com sua mudança repentina, mas logo se ajustou. Talvez ele não fosse *tão* tolo, afinal.

"…Sim, claro. A pousada é muito solitária."

O idiota tinha uma expressão satisfeita, como se achasse que tinha se dado bem.

A coisa toda era muito óbvia para ser sequer chamada de óbvia, mas aqui estava ele, um inacreditável tolo.

Sem saber que estavam pensando isso dele, o rosto de seu companheiro clareou; ele parecia pensar que o problema estava resolvido.

"Bem, então eu já volto. Você gostaria de algo para beber?"

Sentindo-se sem suspiros para suspirar, ela teve que admitir que era gentil da parte dele.

Assim, deu a ele sua recompensa.

"O vinho de maçã ralo que você me deu antes seria bom. Eu preciso ficar boa o mais rápido possível, não é?"

Ele sorriu muito, muito feliz.

Quando fazia aquele tipo de expressão, ela não podia deixar de se perguntar a melhor forma de ser cruel com ele.

"Então você espera aqui, pode ser?" ele disse com certo entusiasmo e saiu do quarto.

Ele realmente era um idiota por completo, mas como ela estava saltitando ao lado dele, o mesmo poderia ser dito a seu respeito.

Era uma época de paz e tranquilidade.

Ela sabia bem o quão precioso isso era.

Então teria que controlá-lo, apreciá-lo e aproveitá-lo com o melhor de suas habilidades.

Havia uma coisa que a preocupava.

Ela se contorceu para debaixo dos cobertores, enterrando a cabeça no travesseiro como tinha visto os humanos fazerem.

Seu pobre companheiro vivera uma vida tão faminta que, se ela demonstrasse um pouco de afeto, ele poderia se tornar totalmente inútil — e se exagerasse, ele se acostumaria com isso e perderia a eficácia.

Tanto para os animais quanto para os humanos, algo muito repetido sempre levaria ao tédio.

O que significava que ela teria que pensar em outra maneira.

E ao fazer isso, imediatamente percebeu.

Se ele se cansou de doçura, ela só precisaria adicionar um pouco de sal.

Se o sorriso dela não conseguia fisgá-lo, tudo o que precisava fazer era convocar algumas lágrimas.

Era tão simples.

E certamente funcionaria com uma ovelha.

"…Hmm?"

Algo a incomodou enquanto pensava nisso. Por um momento, se perguntou o que poderia ser, e logo descobriu a causa. Foi no jantar da noite anterior quando ela desmaiou.

Eles estavam falando sobre ovelhas — sobre como as ovelhas lamberiam qualquer coisa que tivesse gosto salgado. Ela se lembrou disso, e um pensamento estranho lhe ocorreu.

Ela imaginou lágrimas salgadas em seu rosto, seu companheiro persistentemente lambendo-as.

Ela certamente iria primeiro rir loucamente, embora sem dúvida isso se tornaria cansativo. Era fácil imaginar seu companheiro sem saber quando parar — tão fácil imaginar, na verdade, que era até deprimente.

Sim, teria que manter um controle firme sobre suas rédeas para mantê-lo fazendo o que ela queria.

Pensando em tantas coisas para se preocupar, ela rolou na cama.

Sua cabeça ainda estava enterrada no travesseiro, e ela estava deitada de lado, rindo.

Já fazia muito tempo que não se divertia tanto.

Ela não sabia exatamente o que era divertido na situação.

As diversões eram tantas que era impossível escolher apenas uma.

Mas, se pressionada por uma resposta, diria que seu tolo companheiro não podia, apesar de toda a sua tolice, ser tratado por meios comuns.

Havia algo do deleite da caçada nisso que, de alguma forma, deixou seu coração de loba em chamas.

Tendo levado os pratos para baixo, seu companheiro cumpriu sua palavra e ela ouviu seus passos se aproximando.

Seu coração bateu forte.

Sua cauda torceu e suas orelhas se contraíram.

Seu nariz coçou e ela o esfregou no travesseiro.

Ah, essa delícia inefável da caça!

Os passos pararam na frente da porta.

Ela não pôde deixar de sorrir ao olhar para trás.

E então, quando a porta abriu, lá estava —

"Holo," disse seu companheiro, sorrindo.

A pastora ao lado dele.

"A Srta. Norah veio visitar você."

Não, definitivamente ele não poderia ser tratado por meios normais.

A pastora sorriu um sorriso tão fresco e claro quanto um campo no início do verão, e não foram os séculos de experiência da sábia loba que a permitiram sorrir de volta.

Ela sorriu de verdadeiro prazer.

Segurar as rédeas de seu enorme companheiro idiota era uma tarefa tão difícil que ela só conseguia rir.

"Como você está se sentindo?" perguntou Norah, a pastora.

"Não é nada, só um pouco de cansaço."

Se ela não tivesse respondido à pergunta dessa forma, de que outra forma poderia ter respondido?

Mesmo com a mente inteligente de uma sábia loba, ela não tinha ideia.

Seu companheiro observou a agradável troca com um sorriso orgulhoso e satisfeito.

Não é que ela *não* estivesse exatamente exausta.

Longe disso — ela sentia que sua febre estava prestes a subir novamente.

"Eu estive um pouco faminta por companhia, no entanto. Veja, há algo que estou querendo perguntar a você," disse ela.

"Huh? Algo para me perguntar…?" A pastora era uma garota inteligente, mas sempre modesta; ela podia ver por que seu companheiro cairia nisso. "Se for algo que eu possa responder, então… por favor, pergunte."

Ela então sorriu.

A pastora não poderia ser subestimada. Mas, como caçadora, ela entenderia essas palavras, e por isso a sábia loba quis perguntá-las.

"Qual é a melhor maneira de liderar ovelhas?"

Os olhos da pastora se arregalaram de surpresa com a pergunta inesperada, mas seu sorriso habitual logo voltou.

Ao lado dela, seu atrevido cão pastor permanecia vigilante, a guarda erguida como de costume.

A pastora esguia e pálida falou com um sorriso gentil. "Você precisa de um coração generoso."

No momento em que ela ouviu a resposta, ela sentiu como se o vento soprasse.

Essa garota era totalmente genuína.

Ela era uma verdadeira pastora.

Para criar ovelhas, é necessário um coração generoso.

Ela olhou para sua companheira e pensou consigo mesma que a pastora estava exatamente certa.

Norah notou o olhar e fez uma breve expressão de compreensão.

Uma pessoa inteligente precisa apenas de um momento para perceber essas coisas.

"É porque as ovelhas sempre se consideram muito espertas."

Norah voltou o olhar para ela e sorriu, um pouco confusa, mas ainda assim satisfeita.

Ela tinha a sensação de que se daria muito bem com essa garota.

Mas enquanto seu companheiro observava, sem saber que eles estavam falando sobre ele, ela não estava confiante sobre sua capacidade de segurar suas rédeas.

Só Deus sabia se ela seria capaz.

Ela deu a ele um olhar ressentido, que o assustou.

Suas ovelhas, suas ovelhas, suas ovelhinhas inocentes, ela pensou consigo mesma.

E, no entanto, aquele jeito bobo dele — sim.

"Você é um tolo", ela murmurou.

Ela amava muito suas ovelhas.

— Fim

Posfácio

Olá de novo. Aqui é o Hasekura.

Achei que não fazia muito tempo desde a última vez, mas enquanto escrevia este posfácio e pensava sobre isso, já se passaram dois meses. Antes, até uma semana parecia uma eternidade, mas o tempo passa tão rápido agora.

Provavelmente porque durmo cerca de dezesseis horas por dia. Ultimamente, tenho dificuldade em distinguir entre sonhos e realidade. Em questão de horas, passo mais tempo dormindo. Assim, dois meses me parecem apenas um, imagino.

Voltando ao assunto, este volume é um pouco diferente dos livros anteriores.

Inclui uma novela e um conto que foram apresentados no site da Dengeki, junto com um novo conto que escrevi.

A novela fala sobre o passado de Holo, e os contos são interlúdios do arco principal dos livros.

Na novela, vemos o lado irmã mais velha de Holo, e as peças mais curtas apresentam sua gula. Para onde foi o Lawrence? Não pude deixar de me sentir mal por ele.

Mas o que eu mais gostaria de falar aqui é a nova peça.

É o primeiro escrito da perspectiva de Holo.

No começo eu estava realmente muito preocupado se seria ou não capaz de escrever da perspectiva dela, mas quando tentei, foi realmente muito divertido — tanto que quando voltei e reli, Posso dizer que estava gostando muito de escrevê-lo. Então, realmente espero que todos gostem tanto quanto eu.

Falando nisso — esta é uma mudança total de assunto — recentemente eu dei uma volta no carro de 420 cavalos de um certo autor.

420 cavalos de potência. É tipo, para onde no Japão você vai com tanto poder? Parecia mais uma montanha-russa do que um carro. Quando você acelera, todo o sangue é drenado para a parte inferior do corpo e, quando você desacelera, pode sentir que ele volta correndo.

Parecia muito bacana, e como não conheço carros, foi uma experiência realmente memorável.

No entanto, lamento dizer que embora o carro fosse incrível, o destino dos quatro escritores surrados de todas as noites que se amontoaram nele não era uma visão noturna de uma bela estrada ao lado da baía, mas sim uma fonte termal onde poderíamos relaxar nossos ombros contraídos.

E embora estejamos todos ficando mais velhos, estávamos muito animados para colocar nosso yukata e, uma vez, alguém disse: “Ei,

vamos deslizar!" e logo estávamos escorregando por todo o piso de madeira. Isso é ainda mais surpreendente porque nenhum de nós estava bêbado. Para o bem do meu próprio orgulho, devo dizer que não participei de jogos tão inconvenientes. É verdade, eu juro.

Mais tarde, todos nós abusamos da péssima condição física uns dos outros, depois lutamos uma queda de braço, fizemos competições de flexões e tiramos fotos instantâneas naquelas máquinas automáticas. Era como estar de volta ao colegial.

Para chegar em casa, é claro, rodamos no supercarro de 420 cavalos.

No entanto, eu me preocupo com minha pequena scooter se vingando de mim.

E de alguma forma, depois de escrever tudo isso, enchi a página.

O próximo volume voltará à história principal.

Eu gosto de pensar que posso dar a Lawrence a chance de ser um pouco mais legal, mas quem sabe.

Até que nos encontremos novamente.

— Isuna Hasekura

Extras

蔵太

Os Autores

http://hasekuraisuna.jp/

Isuna Hasekura
História

Billionaire
Girl

Magdala de
Nemure

Shoujo wa
Shoka no
Umi de
Nemuru

World End
Economica

Nascido em 27 de dezembro de 1982, Isuna Hasekura é um estudante de física e gasta seus dias lamentando a cruel natureza do mundo desde que estudar harmônicas de superfície esférica falhou em dar a ele o resultado correto da restituição do imposto de renda. Entretanto, devido a situações atenuantes, ele é incapaz de prover uma explicação satisfatória sobre harmônicas de superfície esférica.

Juu Ayakura
Arte

Gelatin

Risou no
Himo
Seikatsu

Uchi no Maid
wa Futeikei

Witch Hunt
Curtain Call

Nascido em 1981. Local: Kyoto. Tipo sanguíneo: AB. Atualmente vivendo uma vida livre e espartana em Tokyo, ele tem sido até então incapaz de por seus planos de peregrinação aos templos em ação.